



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIA GALLEGO GÓMEZ

Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência

Porto Alegre

2014

JULIA GALLEGO GÓMEZ

Velhos lutadores sociais do Uruguai: histórias de resiliência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carolina Moreira da Silva de Fernandes de Sousa

Prof. Dr. Cláudio Roberto Baptista

Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Gallego Gómez, Julia

Velhos lutadores sociais do Uruguai : histórias de resiliência / Julia Gallego Gómez. -- 2014.
123 f.

Orientador: Johannes Doll.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Resiliência. 2. Fatores protetores. 3. Envelhecimento. 4. Lutadores sociais. 5. Uruguai - Ditadura. I. Doll, Johannes, orient. II. Título.

*A mis padres, Margarita y Horacio.
A mis hijas, Béthany y Anahi
y a todos aquellos que sin ser hijos biológicos,
son mis hijos del corazón...*

AGRADECIMENTOS

Meu caminhar até a realização desta dissertação, trabalho de conclusão do Mestrado em Educação, não foi uma caminhada individual ou em solidão, teve a sorte de ser compartilhada (apoiada, desafiada, questionada...), por muitas pessoas, que de alguma forma fazem parte deste projeto, desta ideia. Nesse processo tenho crescido muito, e acrescentado muitas experiências, visões e sentimentos à minha bagagem, valorizo muito isso e agradeço a todas as pessoas que acompanharam este caminho.

Agradeço em especial aos meus pais, mis viejos queridos, não só por serem um exemplo de valores demonstrados em atitudes, mas também por conseguir que seus filhos procuremos nossos caminhos, contando com seu apoio incondicional e participativo. Neste projeto em particular sempre contei com vocês, obrigada.

Aos professores deste programa, que têm sido referências e parte insubstituível deste trabalho. Em especial ao meu professor orientador Johannes Doll, que com tranquilidade e leveza me apoiou em todo o processo do curso, em especial nesta dissertação, transmitindo a segurança, o incentivo e o exemplo como professor e pesquisador comprometido com sua tarefa. Também dentro de todos os professores quero agradecer especialmente a Maria Aparecida Bergamaschi, Cláudio Roberto Baptista e Carmen Lucia Bezerra Machado, eles, tendo participado da minha qualificação, e através de suas aulas, fizeram aportes que me ajudaram no meu trabalho. Obrigada.

Aos meus colegas do Mestrado, agradeço a eles, pois graças às experiências vividas e conhecimentos compartilhados no decorrer do curso, das discussões em que participamos, nos momentos inesquecíveis juntos, vejo que não estou sozinha neste caminho na procura de ferramentas que ajudem a mudar o mundo para um mais justo e melhor. Em especial aos meus colegas do grupo de estudo Educação e Envelhecimento: Denise, Carmen, Nilsa, Verônica e Saulo. Com suas sugestões e aportes enriqueceram muito meu trabalho. Obrigada.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEduc, agradeço à forma eficiente, sensível, crítica e participativa em que a formação me foi disponibilizada. Encontrei nas matérias e o currículo, atualidade, comprometimento e amplitude de visões, que foram muito importantes na minha formação.

A Jacques Salvador Gaviota, pelo companheirismo, a parceria, apoio, carinho e amor. Obrigada por esta felicidade compartilhada.

A Val e Béthany pela ajuda na parte prática deste caminhar. A elas e todos os meus filhos por existir, e ser uma razão a mais para seguir adiante na procura dos caminhos para poder melhorar este cantinho nosso.

A Enrique Padros e a Alfredo Alzugarat, que sem me conhecer deram seu apoio na forma de seus livros e tese.

Para Gastón Gresoni, que teve a amabilidade de me acolher no Crysol, e me apresentar a pessoas interessadas em participar da minha pesquisa.

Quero agradecer, muito especialmente aos Velhos lutadores sociais: Stella, Nibia, Chela, Ivonne e Baldemar. Que compartilharam comigo suas histórias, e que ainda depois de todo o que passaram continuam a procurar melhorar a nossa sociedade.

Por Memória, Verdade e Justiça.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar, através de uma metodologia qualitativa de entrevistas narrativas, as histórias de vida e os processos de resiliência presentes nelas, de cinco pessoas que foram lutadores sociais e presos políticos durante a Ditadura Civil-Militar no Uruguai. Em meados do século passado, depois das duas Guerras Mundiais e com a economia capitalista em crise, a conjuntura do mundo se encaminhou para fatos que reclamaram posições individuais e coletivas, pois o mundo estava dividido em dois grandes blocos: o socialista e o capitalista. Na América Latina vivenciou-se uma história em comum entre muitos países, com a militância por mudanças no sistema e a repressão e defesa da economia capitalista através de ditaduras militares. Com o Plano Condor, dirigido pelos Estados Unidos e implementado pelos militares de cada país, a repressão e a procura por pessoas subversivas foi generalizada, contudo, cada país teve características próprias. No Uruguai, durante a ditadura, muitas pessoas contrárias ao regime militar sofreram fortes perseguições, com exílio, prisão, tortura e morte. Aqueles que sobreviveram, tiveram depois da abertura do sistema a dura tarefa de lidar com a violência sofrida durante o regime militar. Com o retorno à democracia (1985), iniciou-se um processo demorado em vistas à recuperação dos direitos e da justiça, processo que ainda hoje está em andamento. Esta pesquisa visa conhecer, compreender e analisar este processo, vivido por estas pessoas, a partir do conceito de “resiliência”. Conceito que representa a capacidade humana de sobrepor a situações de adversidade, saindo muitas vezes até fortalecido delas. Para isso, foram realizadas entrevistas narrativas com cinco perseguidos pelo regime militar, ex-presos políticos da ditadura. Todos os entrevistados passaram por adversidades extremas. Este trabalho pretende conhecer suas histórias e compreender, através da escuta sensível, os processos de resiliência que foram ativados para a superação dessas adversidades. Descobriremos nas narrações as experiências a que se viram enfrentados, como esses fatos influenciaram na sua vida e os mecanismos que desenvolveram para seguir adiante. Através da análise das entrevistas destes lutadores sociais, apreciamos como foram importantes a motivação à luta social, a experiência de repressão, do cárcere e da tortura e a reinserção na sociedade. Pudemos observar fatores protetores em comum abordados pelos entrevistados, como foram a ideologia, a consciência política, a presença do grupo familiar apoiador e o coletivo, representado pelos companheiros de luta. Outros fatores particulares também foram descritos nas narrativas do trabalho. Nas considerações finais, salienta-se os principais elementos ativados a fim de que sirvam de base para possíveis processos de superação em pessoas que passaram por situações de extrema violência.

Palavras-chave: Lutadores sociais; Envelhecimento; Uruguai; Ditadura Civil-Militar; Resiliência; Fatores Protetores.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar a través de una metodología cualitativa de entrevistas narrativas, las historias de vida y los procesos de resiliencia presentes en ellas, de cinco personas que fueron luchadores sociales y presos políticos durante la Dictadura Civil-Militar en Uruguay. A mediados del siglo pasado, después de dos Guerras Mundiales, y con la economía capitalista en crisis, la coyuntura del mundo se encaminó para hechos que reclamaban posiciones individuales y colectivas, pues el mundo estaba dividido en dos grandes bloques: el socialista y el capitalista. En América Latina se vivenció una historia en común entre muchos países, la militancia por cambios en el sistema y la represión y defensa de la economía capitalista a través de dictaduras militares. Con el Plan Condor, dirigido por los Estados Unidos e implementado por los militares de cada país, la represión y la búsqueda de personas subversivas fue generalizada y en cada uno de los países tubo características propias. En el Uruguay, durante la dictadura, muchas personas contrarias al régimen sufrieron persecuciones con exilio, prisión, tortura y muerte. Aquellos que sobrevivieron, tuvieron, después de la abertura del sistema, la dura tarea de lidiar con la violencia sufrida durante el régimen militar. Con el retorno a la democracia (1985), se inició un proceso lento con el objetivo de recuperación de los derechos y de la justicia, proceso que hasta hoy está en marcha. Éste trabajo visa conocer, comprender y analizar este proceso, vivido por estas personas, a partir del concepto de “resiliencia”. Concepto que representa la capacidad humana de sobreponerse a situaciones de adversidad, saliendo fortalecido de ellas. Para eso, fueron realizadas entrevistas narrativas con cinco perseguidos por el régimen militar, ex presos de la dictadura. Todos los entrevistados pasaron por adversidades extremas. Este trabajo pretende conocer las historias y comprender, a través de un escuchar sensible, los procesos de resiliencia que fueron activados para la superación de esas adversidades. Descubrimos en las narraciones las experiencias a que se vieron enfrentados, como esos acontecimientos influenciaron en su vida y los mecanismos que desarrollaron para seguir adelante. A partir del análisis de las entrevistas de estos luchadores sociales, apreciamos como fueron importantes la motivación para la lucha social, la experiencia de represión, cárcel y tortura y la reinserción en la sociedad después de lo acontecido. Pudimos observar factores protectores en común abordados por los entrevistados, como lo fueron la ideología o conciencia político-social, la presencia de un grupo familiar de apoyo y el colectivo, representado por los compañeros de lucha. Otros factores particulares también fueron descritos en las narrativas del trabajo. En las consideraciones finales se analizan los principales elementos activados a fin de servir de referencia para posibles procesos de superación en personas que pasen por situaciones de violencia.

Palabras clave: Luchadores sociales; Envejecimiento; Uruguay; Dictadura Civil-Militar; Resiliencia; Factores Protectores.

SUMÁRIO

“... CAMINANTE NO HAY CAMINO, SE HACE CAMINO AL ANDAR ...”	8
CAPÍTULO 1: QUESTIONAMENTOS, DESAFIOS E ALGUMAS PAIXÕES	11
CAPÍTULO 2: DO URUGUAI , SUA GENTE E SUA HISTÓRIA	24
O URUGUAI ANTES E DEPOIS DA INVASÃO ESPANHOLA.....	25
O URUGUAI, SÉCULO XIX.....	28
O URUGUAI, SÉCULO XX.....	31
HISTÓRIA RECENTE.....	34
CAPÍTULO 3: RESILIÊNCIA	43
DEFINIÇÕES DE RESILIÊNCIA.....	44
HISTÓRIA DO CONCEITO.....	46
RESILIÊNCIA: CONCEITOS RELACIONADOS.....	48
FATORES DE PROTEÇÃO.....	50
CAPÍTULO 4: AS HISTÓRIAS DE VIDA E UMA VISÃO DESDE A RESILIÊNCIA	53
NIBIA.....	53
STELLA.....	62
CHELA.....	74
IVONNE.....	82
BALDEMAR.....	88
ANALISANDO ASPECTOS EM COMUM.....	94
A motivação para a luta social	94
Experiência de repressão e cárcere político	97
Tortura, como aguentaram?	98
O depois do cárcere, reinserção na sociedade	102
Relacionando itens escolhidos com fatores de proteção	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	116
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	120
ANEXO 2 - TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO	121

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar”*

Antonio Machado

“... CAMINANTE NO HAY CAMINO, SE HACE CAMINO AL ANDAR ...”

Convido-lhes a trilhar comigo este caminho que me propus, caminho que conheci andando. Caminho onde, juntos, com uma escuta aberta e sensível conheceremos e refletiremos sobre as histórias de vida, testemunhos, memórias e percepções de velhos lutadores sociais do Uruguai. Eles nos contarão suas experiências de vida, suas memórias. Histórias que também nos fazem, que também me faz.

Os lutadores sociais que veremos nesta pesquisa viveram o Terrorismo de Estado. Foram presos pela Ditadura Militar Uruguaia, e sofreram a repressão, a perseguição e a tortura, e apesar disso conseguiram superá-las e continuar em frente com sua vida. Além dessas adversidades, em alguns casos, viveram também a pobreza extrema, a morte de familiares e de amigos. Neste caminho conheceremos as biografias, as histórias narradas e os entrelaçamentos que tiveram com o acontecido na história do Uruguai. É a história vivida, são os testemunhos vivos da história recente que ainda estamos a conhecer e a entender.

Através do conceito teórico da Resiliência nos instrumentaremos com um olhar da superação, desde a ativação dos chamados fatores protetores. Estudando quais foram estes elementos que os ajudaram, para poder conseguir assim, aportar ações e intervenções que possam ajudar a outras pessoas a superar adversidades que surjam em suas vidas.

No capítulo 1, o caminho começa com a apresentação das motivações que deram origem a este trabalho. Minha própria história de vida que me levou a este desafio, os objetivos procurados neste trabalho, a justificativa que fundamenta eles, além das ferramentas metodológicas de que me utilizei para isso. Neste capítulo relato como a ideia de escutar os velhos lutadores sociais do Uruguai transformou-se no trabalho presente e como através da minha subjetividade, da minha história de vida, como uruguaia, como mãe, como enfermeira e como filha de lutadores sociais, de algum jeito, fazem parte da mochila preenchida de ferramentas, e das lentes com que estarei armada para andar por este caminho da pesquisa.

Apresento, no Capítulo 2, o Uruguai com seus dados geográficos assim como sócio-demográficos. Neste capítulo também trago uma interpretação da história do Uruguai, de uma forma resumida e diferente. A história contada de outra forma. Isto nos permite entender a realidade atual do país, que surge a partir de acontecimentos que fazem a base da história mais

recente e do momento atual. Esta realidade diferenciada de outros países de América Latina, incluso o Brasil, fazem um contexto no qual se desenvolveram os acontecimentos que se suscitaram nas vidas destas pessoas.

No Capítulo 3, o conceito de Resiliência é desdobrado e aprofundado. Conhecendo diferentes olhares de autores, suas distintas definições, sua história e os conceitos que por sua vez o compõem, entenderemos a importância de sua valorização como instrumento para ajudar as pessoas a reconhecer e potencializar suas próprias fortalezas.

O Capítulo 4 está formado pelas narrativas das histórias de vida contadas a mim pelos protagonistas deste estudo. Assim Stella, Nibia, Chela, Baldemar e Ivonne apresentam seus relatos através de uma narrativa minha, com trechos de falas suas incorporadas. Falas que no idioma original, castelhano, são representativas das transcrições das entrevistas completas, que, por serem muito longas, não foi possível incorporá-las integralmente neste trabalho.

Através das entrevistas, conhecemos as histórias de vida dessas pessoas, e, na continuação, fazemos uma seleção dos acontecimentos que resultaram importantes na vida delas, que serviram como base à nossa análise dos fatores protetores que atuaram neles.

Foi assim que a motivação pela militância, a experiência de cárcere, a tortura e a experiência depois da saída foram adotados como itens importantes para a análise dos fatores protetores estudados na teoria anteriormente.

Fechando este trabalho, coloco as considerações finais. Nelas faço o relato do caminho andado, as observações realizadas e os possíveis aportes que esta experiência pode acrescentar para o conhecimento e a educação.

Então, vamos? Faremos o caminho ao andar ...

*Pongo estos seis versos en mi botella al mar
con el secreto designio de que algún día
llegue a una playa casi desierta
y un niño la encuentre y la destape
y en lugar de versos extraiga piedritas
y socorros y alertas y caracoles.*

Mario Benedetti

CAPÍTULO 1: QUESTIONAMENTOS, DESAFIOS E ALGUMAS PAIXÕES...

Venho de uma família de militantes sociais, e foi passada para mim a inquietude de procurar caminhos, soluções para mudar a sociedade a uma mais justa e solidária. Devo dizer que desde muito nova, fui fomentada ao gosto e à inquietude pelo conhecimento, em todas suas apresentações, seja como ciência ou como arte. Muito cedo manifestei interesse pela leitura e lia tudo o que chegava às minhas mãos. O prazer de ler, que ainda hoje cultivo, foi o responsável por ampliar a percepção da realidade e da vida.

Foi assim que eu militei desde muito nova. Primeiro contra a Ditadura Militar, nos Comitês de Bases e nos Grêmios Estudantis, mais tarde nos Sindicatos de Trabalhadores da Saúde. Vivi de diversas formas a luta por reivindicações e os desafios dos movimentos sociais a partir de “dentro”, e, ainda, a tomada de decisões coletivas, na procura de estratégias de construção para melhorar a sociedade.

Essas experiências marcaram a inquietude de sempre procurar ajudar os outros de distintas formas. Foi assim que, no momento da escolha na formação acadêmica, me inclinei pela Enfermagem (técnico primeiro e bacharelado depois), conhecimentos que me deram diferentes jeitos de exercer a relação com as pessoas e me permitiram desenvolver a solidariedade e a empatia, além de abrir novos caminhos na percepção do meu entorno e da sociedade.

Tendo estado imersa nas atividades do serviço profissional na saúde durante mais de uma década, os desafios do meu trabalho contribuíram a me fazer refletir sobre minha aproximação com a realidade na saúde, o qual motivou a inquietude de ampliar a minha perspectiva, procurando conhecimentos em outras áreas que viessem a aportar mais instrumentos no meu desenvolvimento profissional e no meu objetivo primário de ajuda ao próximo. Já não só dando importância à parte assistencial, como é destacado na minha formação, mas também à promoção da saúde e prevenção de doenças, onde possam ser aplicadas ferramentas de ensino para fomentar a saúde e o bem-estar de mais quantidade de pessoas. Não fazendo só intervenções quando a saúde já está comprometida, mas atuando para antecipar as evitáveis situações de doença e mal-estar através do fomento da qualidade de vida.

Meu trabalho como técnica em enfermagem proporcionou-me momentos de alegria, de desafios e também de decepções. No entanto a experiência na área da saúde contribuiu para a compreensão da importância de uma visão ampla da realidade. Através da multiplicidade de olhares é que os problemas podem ser melhor entendidos e combatidos.

Depois de transitar por vários caminhos para conseguir aprimorar meus conhecimentos no tratamento dos pacientes, participando de oficinas, de jornadas educativas e de outros cursos, e na inquietude pela continuidade na formação, optei por aprofundar-me na área da saúde. Assim comecei a graduação em Enfermagem, o que me permitiu não só atuar de forma direta na atenção ao paciente, mas também na parte gerencial, de pesquisa e de docência. A experiência na parte de gerenciamento e burocracia foram negativas para mim, pois vivi nessa época o recrudescimento da mercantilização da saúde. O aumento da perspectiva empresarial no atendimento à saúde tornou quase impossível prestar uma atenção humana aos pacientes.

Na minha atuação profissional e na experiência cotidiana como mãe, fui compreendendo a importância da educação, não só em saúde, senão como instrumento de crescimento, de conhecimento, de comunicação e de espírito crítico, características todas que ajudam o desenvolvimento das pessoas e das sociedades. E foi assim como comecei a me interessar cada vez mais por este tema.

Nasci em 1971 e minha infância, que transcorreu durante a Ditadura Militar no Uruguai, foi marcada pela violência que caracterizou esse período e que marcou também a vida de toda minha geração. Nesse contexto, não se podia dizer o que se pensava, e devia-se ajustar-se às normas ditadas pelos militares, o que era imposto na base da violência e do medo. A sensação de estarmos sendo vigiados constantemente, a censura, as palavras faladas à meia voz, a desconfiança generalizada, tudo isso e outras muitas coisas da vida cotidiana foram as vivências que fizeram parte da minha infância e a de muitas crianças. Fatos que, até hoje, marcam minha vida.

Sendo minha família de militantes contrários à ditadura e a favor dos direitos humanos, vivi essa época com uma percepção diferente do que a maioria da população de minha idade vivenciou. A militância política e social no período de minha infância não levantava bandeiras partidárias. Todos estavam unidos numa meta em comum: o término da Ditadura Militar e a volta da Democracia. É assim que, já adolescente, participei de reuniões e de muitas atividades

de mobilização e de difusão com esse desafio pela frente, com pessoas das mais diversas ideologias, feitas sempre em meio à censura e à repressão, no sigilo.

No decorrer desses tempos e mais adiante no decorrer da militância social e política, ouvi muitas vezes: “vamos escutar os *velhos*”. Naquela época da ditadura, os “*velhos*” de quem se falava na minha casa tinham menos de 40 anos e eram os líderes dos grupos anti-ditadura e dos ideários das lutas sociais da época. Escutá-los era escutar a voz da experiência e sabedoria, era a dica com fundamento.

Hoje, a realidade é outra. Mas é a partir de uma inquietude que há tempos me incomoda que proponho este trabalho: dar ouvidos; escutar os *velhos*, *velhos* lutadores sociais que foram protagonistas de uma realidade histórica que marcou o país, e que, na luta pelos seus ideais e pela igualdade social, foram capazes de arriscar a sua segurança, sua integridade, seus bens, sua família, tudo de mais querido, até sua própria vida. Minha proposta passa por conhecer um pouco das biografias dessas pessoas a partir de suas percepções de vida, a mim transmitidas em entrevistas narrativas. Pessoas com idade superior a 60 anos e que têm para contar histórias, experiências e vivências, bem como sua participação nos acontecimentos do país. São as testemunhas vivas de uma história recente e sofrida, e que se refere a todos, todos nós.

Foi assim que propus como objetivo deste trabalho **estudar e compreender as histórias de vida dos lutadores sociais** que foram presos durante a ditadura militar no Uruguai e sobre como esses fatos influenciaram em suas vidas. **Entender os mecanismos de resiliência** que foram ativados para a superação das adversidades e a reinserção social e familiar depois de passarem pela situação de cárcere político. E, também, **identificar fatores protetores** que foram acionados nos processos de vida. Ainda, **estudar ações e intervenções** possíveis que serviram a eles e que possam vir a ajudar a outros que passaram por situações de extrema violência em seus processos de superação.

Existem muitos estudos realizados no país sobre a Ditadura Militar e sobre os Direitos Humanos no decorrer de 40 anos desde o golpe militar. Durante a Ditadura Militar, a censura e a repressão imperaram no país. Só quem estava de acordo com regime conseguiu se fazer ouvir e ler. No entanto, as portas cerradas dos primeiros anos de ditadura foram se abrindo a partir de 1980 (ano do plebiscito que rechaçou a legitimidade da ditadura) quando algumas vezes isoladas começaram a ser ouvidas, falando de temas até então proibidos (ALZUGARAT, 2009).

Assim surgiram alguns relatos, crônicas e exposições. Porém, foi com a chegada da democracia que uma nova etapa na história do país começou. Com a volta à liberdade de expressão e o fim da censura, acentuou-se o interesse por saber o que de fato havia acontecido durante essa época. Foi assim que se criaram as condições para o surgimento de uma grande quantidade de literatura testemunhal e de pesquisas jornalísticas, uma narrativa de urgência para responder à necessidade do saber da população (ALZUGARAT, 2009). Os testemunhos deram voz pública a anônimos que geralmente não têm acesso a meios de comunicação. Para este autor, os testemunhos mais recentes integram já a nova experiência de vida do período posterior à prisão e o significado que tem para todos aqueles que estiveram longe da vida social durante tantos anos. É uma “catarse” mais serena e reflexiva colocando ênfase nos sentimentos, na solidariedade e na vida familiar. “Se escreve pensando nos filhos, nos que virão, afirmando os valores que permitirão para sempre o nunca mais” (ALZUGARAT, 2009, p. 35).

Nos últimos anos, depois da chegada da Democracia e com o governo da Frente Ampla, conseguiu-se desenvolver pesquisas e ações que focaram o tema da ditadura, dos assassinados, dos desaparecidos e dos presos políticos, a partir de vários ângulos e com vistas à Verdade e à Justiça. Assim, foi criada a Comissão de Direitos Humanos da Presidência da República, uma equipe qualificada de cientistas, de historiadores, de antropólogos e de arqueólogos. Essa comissão trabalhou no resgate da história a partir de documentos, de ossadas, e de evidências que a história recente nos legou. Ao comando do historiador Alvaro Rico, a equipe de pesquisadores tem gerado um material descritivo e detalhado da história, material esse que hoje encontramos em livros, portanto, de fácil acesso a todo aquele interessado por essa informação.

A sociedade toda precisa falar e revisar este tema, mas foi recém nos últimos anos que algumas pessoas conseguiram elaborar os fatos de violência extrema que aconteceram nas suas vidas, só assim conseguiram então procurar justiça. Memória, Verdade e Justiça deveriam ser a base de uma sociedade que se orgulha de sua democracia, justa e participativa. Infelizmente, não é o que se observa na América Latina, onde os processos de memória são lentos ou não foram ainda recuperados.

Nas palavras de fechamento do 2º Encontro Latino-Americano por Memória, Verdade e Justiça é reconhecida a importância da procura pela Justiça para validar as democracias que surgiram depois das ditaduras. Sem a memória, verdade e justiça não se consegue uma

democracia “inteira” (GUTIERREZ GALVEZ, 2012), e é uma responsabilidade nossa, de toda a sociedade civil, procurá-las.

Os Latino-Americanos estamos juntos nessa história de tragédia e temos um dever em conjunto de exigir Justiça e reparação histórica: “Devemos ter a coragem para assumir o passado” (GUTIERREZ GALVEZ, 2012, p. 127), e conseguir assim um presente e um futuro onde “nunca mais aconteça” esse tipo de fatos, o que só se consegue conhecendo, compreendendo e elaborando o passado. A recuperação do passado histórico e a defesa dos Direitos Humanos faz ao processo de construção da memória ser um fator relacionado com a identidade social e coletiva (ALETTA de SYLVAS, 2011).

Nesse sentido, este trabalho também faz parte da memória social coletiva que, contada pelos protagonistas, será a base para a busca de um presente e de um futuro onde as gerações edifiquem as suas histórias. Será uma ponte entre gerações, tendo assim um caráter também eminentemente pedagógico.

Para Halbwachs, a força e a duração da memória coletiva baseia-se na multiplicidade das lembranças, lembranças individuais que em conjunto fazem o grupo. Sendo a intensidade da lembrança diferente para cada um dos indivíduos, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva,” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Ainda para esse autor a memória individual está condicionada ao contexto social, sendo influenciada por fatores como a família, a escola, a comunidade, a profissão e os grupos de convívio e referência de cada um.

Nesse sentido, Aletta de Sylvas nos traz a importância do “diálogo e interação” entre a memória individual e a coletiva (2008, p 140). Essa autora, citando Ricoeur, nos fala da “manipulação ideológica da memória” muitas vezes imposta pela história oficial, existindo verdadeiras guerras por sua apropriação, convertendo-se em espaço de disputas, onde os regimes autoritários tentam impor um controle absoluto sobre a memória e o passado (GROPPO, apud ALETTA de SYLVAS, 2008).

Devemos fazer um destaque importante na diferença dos conceitos: memória e história, não devendo se confundir um com outro. “A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas. Os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens, que, por muito tempo foram seu

repositório vivo” (HALBWACHS, 2006, p 100). “A história não é todo o passado, nem também não é o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita, há uma história viva, que se perpetua e se renova através do tempo.” (p. 86)

Para esse autor os meios sociais funcionam como ponte para o contato com o passado, e são o contexto onde são guardadas as lembranças pessoais. E é nesse passado vivido, mais do que no passado aprendido pela história escrita, onde se assenta a memória. (HALBWACHS, 2006)

Trabalharemos com as memórias e as percepções. Sabemos que na memória há uma seleção, do lembrado ao esquecido. Lembra-se a partir de um “hoje”, que é uma realidade diferente do momento em que foi vivido. Outras experiências e emoções, que já fazem parte do acervo da pessoa, ativam-se, é “o passado no presente de cada ser humano” (RICOEUR, apud ALETTA de SYLVAS, 2008, p 143), definindo assim a identidade pessoal e a continuidade do eu no tempo.

Nesse sentido, Halbwachs sinaliza o caráter aberto e espontâneo da memória, reconstruindo, refazendo, repensando o passado, o vivido, desde um hoje com seu próprio contexto e realidade. Mas ainda, se poderia falar que a memória é trabalho. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI 1994, p 55). Memória que trabalha sobre o passado olhando à frente, orientada ao futuro (ALETTA de SYLVAS, 2008). Tomando em conta isso, podemos dizer que tem tantas memórias como pessoas, como momentos de lembrar, e o passado nem sempre aparece tal como foi, mas como é reconstruído nesse momento, por esse sujeito.

Dessa forma, vindo de família militante, me vejo frente a frente com a necessidade de dar atenção à reconstrução do passado dos hoje velhos, antes que o tempo acabe por calar definitivamente sua voz.

Com este trabalho pretendo compreender quais foram os momentos mais marcantes nas histórias de vida de militantes presos e torturados e os mecanismos que foram acionados para a superação da lembrança traumática ao decorrer dos anos.

Tendo pensado durante bastante tempo neste tema, procuro com este trabalho levar esses pensamentos à ação, e através desta pesquisa procurar “o aporte científico para a

construção da realidade...” como descrito por Minayo, Deslandes, Neto e Gomes, que “embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (1998 p.17).

Analisando os diferentes tipos de metodologias, observei que precisaria de ferramentas nas quais a subjetividade fosse levada em conta, pois vou trabalhar com as percepções, as memórias, os sentimentos desses lutadores sociais. Para isso, e vendo as distintas alternativas, encontrei na pesquisa qualitativa o caminho mais adequado para esta tarefa. Conforme Flick, a mudança social traz novos desafios para o pesquisador, onde se deve aspirar a desenvolver uma visão com novas sensibilidades e dando uma “perspectiva de processos aos métodos utilizados”. Para ele “a pesquisa qualitativa estuda a partir de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos” (2004, p. 28). Para Minayo, Deslandes, Neto e Gomes, a pesquisa qualitativa responde às particularidades dos níveis de realidades que não podem ser quantificados, de acordo com os autores “a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (1998 p. 22).

Esse tipo de pesquisa permitiu-me a utilização de entrevistas narrativas como forma de investigação. Método que proporciona um escutar sensível, que valoriza não só o que é falado, senão também a linguagem do corpo, as expressões, os gestos e os silêncios. A importância da metodologia, assim como a dos instrumentos de coleta de dados, é crucial na pesquisa, pois deles dependem os resultados aos quais se chegará por parte do pesquisador.

De acordo com Vítora, Knauth & Hassen: “Pode-se afirmar que cada tipo de metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como um instrumental, composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade” (2000, p. 34).

É por isso que, num trabalho científico, a escolha dos instrumentos para levantamento de dados é de maior importância, pois somente o seu uso adequado garante a credibilidade da pesquisa, a partir da sua validade e sua confiabilidade.

Para Denzin e Lincoln (2002,p. 17):

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos; estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais — que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Minha definição do problema de pesquisa envolveu diversas etapas, pois no decorrer, tanto da minha vida pessoal como profissional, foram-me apresentadas muitas inquietações dignas de serem investigadas profundamente. Mas perante a necessidade de optar entre um desses temas, escolhi como meu problema de pesquisa aquele que se mostrou imprescindível: **Compreender as histórias de vida dos lutadores sociais que foram presos e torturados durante a ditadura militar no Uruguai e como esses fatos influenciaram sua vida, e ainda, os mecanismos de resiliência que foram ativados nesse processo.** A partir desta questão inicial, geram-se etapas, nas quais apliquei diferentes instrumentos e ferramentas.

Tendo a visão geral constituída, defini as condições que integrariam o grupo objetivo do estudo: “velhos lutadores sociais”, ou seja, pessoas que foram presos políticos na época da ditadura. Essas pessoas hoje estão com mais de 60 anos. O objetivo inicial era ter uma amostra de 4 pessoas, 2 homens e 2 mulheres. Na prática, porém, as condições permitiram entrevistas com 5 pessoas, 4 mulheres e um homem.

O número original de quatro integrantes do trabalho foi escolhido por se tratar de uma pesquisa qualitativa que aborda questões complexas de história de vida e pelo prazo limitado do projeto de pesquisa. Como descrito por Vítora, Knauth&Hassen (2000, p. 37):

Uma das principais características dos métodos qualitativos é o fato de que as pesquisas são formuladas para fornecerem uma visão de dentro do grupo pesquisado, trabalha-se com um elevado número de questões e, para que isso seja possível, busca-se estudar sempre um grupo pequeno de pessoas, o que é escolhido de acordo com critérios previamente definidos conforme os objetivos do estudo.

Neste caso, tratou-se de um grupo por conveniência que foi constituído através do sistema de bola de neve (snowball). Como trazem estes autores, na coleta de dados, estabeleceu-se uma relação entre pesquisador e pesquisado, utilizando a técnica de “snowball”, onde um informante indica novas pessoas para participarem da pesquisa. Através de contatos já

existentes com pessoas que têm as condições citadas, os indivíduos foram solicitados a indicar outros colegas.

Analisei a utilização de diferentes instrumentos de pesquisa adequados a este estudo em particular, e me decidi pelas entrevistas narrativas procurando as histórias de vida, instrumento que passei a aplicar à amostra. Através delas consegui chegar às percepções de vida dos meus entrevistados, de forma mais ampla que em uma entrevista fechada, na qual tende-se a perder as bagagens mais subjetivas, como explica Flick (2004).

Escutei as narrativas em relação à sua vida e aos fatos vividos durante a ditadura militar e como esses acontecimentos foram e são determinantes nos projetos e na sua vida atual. Flick (2004), nos propõe este tipo de entrevista como um instrumento eficaz, sobretudo quando se procura a biografia dos pesquisados. A conversação é iniciada com uma questão gerativa, que tem o objetivo de estimular o entrevistado à narrativa, referindo-se a algum ponto importante na pesquisa, e que será seguido pelo relato continuado, sendo por último, aplicada a entrevista e as perguntas se necessário.

Para Hermans 1995 (apud Flick 2004, p. 110) na entrevista narrativa:

[...] primeiramente, delinea-se a situação inicial (“como tudo começou”); então selecionam-se os eventos relevantes à narrativa, a partir de todas as inúmeras experiências, apresentando-os como uma progressão coerente de eventos (“como as coisas avançaram”); e, por fim, apresenta-se a situação ao final do desenvolvimento (“o que aconteceu”).

Ao combinar as entrevistas pedi ao entrevistado escolher o local de seu agrado, tendo em vista sua comodidade. As gravações foram transcritas e analisadas. Através das primeiras aproximações, percebeu-se como esses temas eram delicados e difíceis de falar, por isso, foi necessário respeitar o tempo das pessoas e criar a confiança em mim para poder falar sobre tais assuntos. Em alguns casos foi necessário realizar vários encontros, para dar espaço ao desenvolvimento de todo o testemunho. Em relação à conduta da entrevista, foi importante explicar claramente o objetivo do trabalho. Neste sentido, trataram-se de entrevistas bastante abertas. Porém, para não perder o foco da pesquisa, foi necessário utilizar algumas perguntas-chave que forneceram informações básicas a fim de delinear os objetivos da entrevista. Convidou-se o entrevistado a contar sua história de vida, fazendo destaque a aspectos importantes para a pesquisa, como:

- Conta-me um pouco de sua história.
- Como foi sua infância ? E sua adolescência?
- Teve alguma pessoa que destacou em importância na sua vida ?
- Como era sua família ? E sua comunidade?
- Qual era seu projeto de vida na juventude ?
- O que motivou sua participação na luta social ?
- Como foi sua experiência de cárcere? E a saída dele ?
- De que forma a luta social influenciou no decorrer de sua história e na sua vida atual?
- Como percebe sua situação hoje, como se sente e se descreve atualmente?

Pensei em uma entrevista com um início leve para, depois, entrar em temas–mais delicados e sensíveis. Mas na realização efetiva da pesquisa, estes participantes falaram diretamente de assuntos como o cárcere, a morte de amigos e familiares e a tortura. Isso me deixou mais tranquila em relação à possibilidade de repercussão psicológica que estes testemunhos poderiam trazer.

Terminadas as entrevistas, passou-se para sua transcrição integral, trabalho delicado em que tentei ser o mais veraz e fidedigna possível: respeitei os silêncios e tentei retratar as emoções demonstradas durante a entrevista. Na seguinte etapa, realizei a sistematização dos dados.

A responsabilidade ética é preocupação especial, foi e é importante não poupar cuidados quanto ao respeito às pessoas que participaram desta pesquisa. Assim como para Vítora, Knauth & Hassen (2000, p. 79) “quando falamos de ética, falamos de ação humana”(…) “a ação voluntária e livre, relacionada a atos que produzam consequências em outros”, assim no caso desta pesquisa devo estar ciente o tempo todo das minhas obrigações éticas.

Goldim (2000 p 102) aporta:

A ética pode ser definida como sendo a ciência da moral, a ciência da conduta ou o estudo dos princípios ou valores morais que guiam as ações e comportamentos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. A Ética pode ser entendida como sendo a busca de justificativas para as ações sendo muitas vezes indevidamente comparada com a Moral e o Direito.

Na minha vida pessoal, e sobretudo na minha vida profissional, como trabalhadora na área da saúde, sempre me importei muito com este tema, pois as dimensões que nossas ações

possam vir a ter para outras pessoas podem ser muito significativas, tanto de forma positiva quanto negativa. Nesse sentido, Vítora, Knauth & Hassen (2000, p. 81) colocam em palavras uma concepção de ética na que me sinto plenamente identificada:

[...] é necessário que a observação a normas de conduta corretas estejam presentes em todas as dimensões das nossas vidas: seja nas relações pessoais, de trabalho, de intimidade, com a natureza, na política, enfim, sempre que tivermos um ser humano envolvido numa ação que implique conseqüências em outro ser humano ou na natureza.

Antes das entrevistas, foram explicados claramente os objetivos da pesquisa, e se garantiu a opção pelo anonimato e pela privacidade, bem como a liberdade para retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. No anexo, se apresenta o termo de livre consentimento. A autorização deles foi documentada neste consentimento informado. Nele, a pessoa autoriza a pesquisa após ter sido informada sobre a plena compreensão de riscos, desconfortos, prejuízos, e até benefícios associados, como aponta Goldim no livro de Vítora, Knauth & Hassen (2000). Segundo o autor com este instrumento se “visa resguardar o respeito às pessoas” (...) “através do reconhecimento da autonomia de cada indivíduo, e garantindo a sua livre escolha após ter sido convenientemente esclarecido sobre as alternativas disponíveis.” Goldim (Vítora, Knauth & Hassen 2000 p. 82).

A importância de que o texto seja claro é crucial, como destaca este autor, por isso será colocada, no consentimento informado a assinar pelos entrevistados a definição da palavra resiliência, pois este termo não é de uso comum no Uruguai.

Na procura de possíveis alternativas em caso que o processo de pesquisa gere desconfortos tanto médicos como psicológicos, está a possibilidade de atenção dos entrevistados por vários caminhos que poderiam ser escolhidos. A associação que os agrupa (Crysol) através de muitas lutas conseguiu garantir a disponibilidade de serviços de atenção por parte do estado para os ex-presos em variadas áreas. E na saúde esta atenção é garantida pelo Estado por lei, que contempla a atenção integral à saúde dessas pessoas. Além dessa associação existem várias outras que têm atendimento para eles, como, por exemplo, o Serviço Paz e Justiça no Uruguai (SERPAJ).

Como marco teórico apreciei muitas possibilidades de análise para este tema, o que me coloca numa posição de escolha teórica interessante. Porém, como ele aparece tão amplo e

complexo, tive que escolher uma forma de me instrumentalizar para conseguir realizar minha pesquisa no tempo requerido pelo projeto de Mestrado, abrindo outros caminhos eventuais para novas opções de investigação e estudo possíveis de se realizar no futuro. É assim que me propus a investigar este tema, a partir de um marco teórico relativamente novo aos estudos nas ciências humanas e sociais, e mais novo ainda nos estudos na terceira idade: o conceito de resiliência. Este conceito que fará parte do meu campo teórico me permitirá realizar um trabalho com um olhar mais interdisciplinar e abrangente, por ser um conceito que abarca o ser de uma forma mais integrada e holística. Procurarei compreender as percepções que eles têm de suas histórias, como os fatos os influenciaram e os fatores de resiliência que fizeram parte desses processos. Buscarei entender os mecanismos por eles ativados que possibilitaram-lhes sobreviver e seguir em frente depois de passarem por situações de violência e extrema violência. Procurarei assim, ter ferramentas que aportem opções alternativas na ajuda às pessoas que passam por situações de violência, e mais ainda, trabalhar nos possíveis reforços destes fatores através da educação, procurando a promoção de saúde e a qualidade de vida.

*De nuestros miedos
nacen nuestros corajes
y en nuestras dudas
viven nuestras certezas.*

*Los sueños anuncian
otra realidad posible
y los delirios otra razón.*

*En los extravíos
nos esperan hallazgos,
porque es preciso perderse
para volver a encontrarse.*

Eduardo Galeano

CAPÍTULO 2: DO URUGUAI , SUA GENTE E SUA HISTÓRIA.

A República Oriental do Uruguai é um pequeno país que se encontra no sul da América do Sul, com um território de 176.000 km², sem contar as águas territoriais que vão até 200 milhas da costa. É menor que alguns estados do Brasil e o segundo menor país da América do Sul. Ao norte faz fronteira com a República Federativa do Brasil, ao sul e sudeste com o Rio da Prata, ao oeste com a República Argentina e ao leste com o Oceano Alântico.

Seu clima é temperado e seu relevo é predominantemente plano, tendo o pampa plano ou ondulado como paisagem mais frequente, embora apresente alguns morros não muito altos. Muitos rios irrigam suas terras, fazendo dela uma terra fértil e apta para a pecuária e agricultura, atividades que foram - e são ainda - a base econômica e de renda do país. Também apresenta grande quantidade de faixa costeira banhada pelo Rio Uruguai, o Rio da Prata e o Oceano Atlântico, fazendo da pesca outra fonte de renda importante das famílias uruguaias.

Os uruguaios, também chamados “orientais”, constituem uma população estimada em 3.400.000 habitantes, segundo dados do censo populacional de 2011. A densidade populacional é de 19,3 hab/km², porém quase a metade está concentrada em Montevidéu, que conta com uma população de 1.319.000 pessoas aproximadamente. Depois de Montevidéu, são os estados costeiros e, principalmente suas capitais os que mais concentram a população, quase a outra metade. A zona rural é habitada por somente 175.613 pessoas. Toda essa população é formada num 94% por auto declarados brancos, descendentes de imigrantes europeus; principalmente espanhóis e italianos, mas também suíços, alemães, entre outros. Cerca de 5% da população declara que sua principal ascendência é de origem africana. Desse total, em torno de 5 % da população acredita ter alguma ascendência indígena.

Como o país é feito por sua gente, ainda podemos agregar alguns dados nesse sentido: destes 3.400.000 habitantes, 21,8 % tem até 14 anos, 29,4 % entre 15 e 34, 34,7 % entre 35 e 64, e 14,1 % mais de 65 anos de vida - o que faz o Uruguai um dos países com maior porcentagem de pessoas idosas da América Latina. A expectativa de vida atualmente é de 76 anos, 79,66 anos para as mulheres e 73,27 para os homens. Além disso no Uruguai se vê uma das menores taxas de natalidade da América (13,4 nascimentos a cada 1000 habitantes), a qual, junto a Cuba (9,1) são as mais baixas natalidades que se apresentam na América Latina. Contudo, este fenômeno não é novo no país, pois os marcadores demográficos já eram diferenciados dos outros países do

continente no início do século XX. O total da população com mais de 60 anos é de 19 %, dos quais 59 % são mulheres.

Neste marco geral, a história apresenta suas particularidades, como em qualquer sociedade. O Uruguai, país com tradição democrática, vive atualmente sob esse regime com duas Câmeras: o Senado e a Câmara de Deputados. Mas também passou por processos ditatoriais, além de um bi-partidarismo histórico e muitas lutas entre caudilhos. Isso tudo não impediu o crescimento econômico, o desenvolvimento cultural, político e social, o que deu-lhe características particulares dentro da América Latina. O Uruguai foi um dos primeiros países que legalizou o voto das mulheres, que colocou em prática os direitos trabalhistas e sempre se caracterizou por uma enraizada participação popular ao longo de sua história. É um povo que desde o começo do século passado particularizou-se por ter alto nível de instrução e um baixo índice de analfabetismo.

O URUGUAI ANTES E DEPOIS DA INVASÃO ESPANHOLA.

Povos indígenas comuns no território que hoje é o sul do Brasil e a Argentina formavam parte das culturas do “complexo do pampa” que habitavam essas terras quando, em 1516, os espanhóis “descobriram” o território do que se chamaria mais tarde República Oriental do Uruguai. A princípio essa região não foi interessante para as potências coloniais pois não havia sinais de metais preciosos, não haviam especiarias e nem riquezas naturais extraíveis, portanto, a colonização do pampa se desenvolveu mais tarde em relação a outros pontos de América Latina. (PADRÓS, 1995)

Indígenas charruas, guaranis, guenoas e outros constituíam uma população de alguns milhares de habitantes que coexistiam nesta terra como caçadores superiores, agricultores e canoístas. Nesse ecossistema, a cultura charrua era dominante e a mais antiga (ABELLA 1997).

Foi no século XVII, que Hernandarias (governador crioulo de Assunção/Paraguai), percebendo a fertilidade dos campos desse território, solta ali cabeças de gado e cavalos ao sul do Rio Negro. Já os jesuítas introduziram o gado ao norte do Rio Negro. Esse gado se reproduziu rapidamente e modificou o habitat do lugar, tornando-se fonte de alimento e modo de transporte para seus habitantes, que se transformaram em hábeis ginetes e caçadores (BARRÁN, 1995).

A perseguição, a escravidão e as doenças que o homem branco trouxe consigo, abalaram muito esses povos e sua cultura, mas, nem a aniquilação dos índios charruas em Salsipuedes (emboscada onde se exterminou a quase a inteira totalidade dos indígenas pelas autoridades da recém constituída República, em 1831), conseguiram evitar que o sangue e a herança cultural chegassem até nós. Até hoje, conhecimentos, hábitos, costumes e linguagem daqueles povos continuam sendo transmitidas, através da cultura oral sobretudo pelas pessoas do campo. Segundo Abella “...ficou uma grande quantidade de herança indígena viva na prática cotidiana e no imaginário coletivo uruguaio, só que às vezes se ignora sua procedência indígena” (1997, p. 32).

A colonização pelos espanhóis da região do Uruguai deu-se somente no século XVIII. Sem riquezas como o ouro e a prata, conforme Barrán (1995), foi a multiplicação daquele gado solto e a qualidade do pampa uruguaio, além do porto de águas profundas de Montevideu, o que fez dessa terra fronteira um motivo de disputa entre as coroas de Espanha e Portugal e foram as causas da povoação da chamada pelos espanhóis “Banda Oriental” (ao oriente do Rio da Prata).

Os assentamentos das cidades foram muito marcadas pela disputa do território uruguaio entre as coroas européias. Foi assim que a primeira cidade importante a ser constituída nessa região foi Colônia do Sacramento, em 1680, única cidade portuguesa às margens do Rio da Prata, hoje nominada, Patrimônio Histórico da Humanidade. “A construção da Colônia do Sacramento implicava numa série de desdobramentos geoestratégicos para toda a região do Prata” (PADRÓS, 1995, p. 33), quebrando o predomínio espanhol na Bacia do Plata, pois a navegação deste Rio era de importância estratégica para Portugal. Embora Espanha fique com a cidade no fim de muitas disputas, a marca dos portugueses permanece indelével na cultura uruguaia até hoje, como é tão visível em “Colônia”.

Montevideu, fundada em 1724 pelos espanhóis como base naval, cidade onde morava 30% da população de aproximadamente 30.000 habitantes que nesse momento habitava o país, foi a sede do poder espanhol. Ali morava a elite econômica, integrada sobretudo por comerciantes, por fazendeiros e por burocratas espanhóis. A classe média era constituída por pequenos comerciantes, pelos artesãos, os militares e funcionários de baixa graduação. Os escravos negros constituíam o escalão mais baixo da sociedade (BARRÁN 1995).

A vida no meio rural foi predominante nessa época em meu país, a fazenda era o local onde se criava, sacrificava e se processava o gado. O processamento da carne, do abate à preparação do charque e de outros produtos (couro e ossos, por exemplo), era feita pelo habitante do campo, principalmente pelos escravos negros das fazendas. Mais tarde, (1700-1800), começou o comércio de forma legal com Buenos Aires e Espanha e, de forma ilegal, com a colônia portuguesa (Brasil) e com outros compradores que chegavam às costas uruguaias. O contrabando dos distintos produtos provenientes do abate dos bovinos era comum na época. A terra não estava cercada e a população errante no campo abundava.

Esses errantes tinham o alimento e o meio de transporte assegurado, pois no campo o gado e os cavalos se reproduziam livremente, sendo o Uruguai o país com mais cabeças de gado e equinos por habitante nessa época (calculando-se um número de 6 milhões de cabeças de gado e 500 mil cavalos no pampa uruguaio nessa época). Nessas condições, o trabalho era uma opção, não uma necessidade, situação que deixava os fazendeiros revoltados pela independência dessa mão de obra.

Este povo rural e independente foi chamado de gaúcho (FELDE, 1967):

El gaucho es un hombre-jinete de la pradera, no responde a un tipo étnico único, fruto del mestizaje de la región rioplatense, su origen está vinculado a las singulares condiciones políticas, históricas y económicas de su medio. Pertenece por igual a las zonas ganaderas de la Argentina, sur del Brasil y Uruguay, el área geográfica del gaucho coincide con una región natural. Puede afirmarse con seguridad que su tipo primigenio nació en la Banda Oriental a lo largo del siglo XVIII. El vocablo gaucho proviene de la expresión quechua "huachu", que quiere decir huérfano o vagabundo. Los colonizadores españoles transformaron el término, a los huérfanos pasaron a llamarlos "guachos" a los vagabundos "gauchos". En el sur del Brasil suele llamársele "gaudério" o "gaúcho".

Morando na solidão do campo, homem taciturno e silencioso, além de altivo, hospitaleiro e leal, tem a coragem como a sua característica principal, gerada pelo seu amor à liberdade e suas lutas contra a polícia espanhola. "Del conquistador recibe el caballo y la guitarra; del indio, el poncho, la vincha, el mate y las boleadoras." (FELDE, 1967).

Nesta realidade os distintos interesses e problemas com a Monarquia na Espanha levaram a conflitos que se iniciaram em 1811 e que constituíram a base da luta pela independência. Assim como os fazendeiros eram limitados pela Coroa Espanhola para

comercializarem livremente, não lhes era permitido vender seus produtos aos ingleses e nem aos portugueses, também eram submetidos às autoridades residentes em Buenos Aires (Vice-Rei, Audiência Real e Tribunal do Consulado). Já os gaúchos e os índios eram sujeitos às Leis do Governador ou do “Cabildo” de Montevideu, que os perseguia, querendo conter o vandalismo e o contrabando. Além disso, a expulsão dos pequenos fazendeiros ou pioneiros, que foram os responsáveis da doma do gado bravo e da primeira colonização da terra, a mais difícil, eram obrigados a entregar a terra, habitável já, aos favoritos das autoridades espanholas. Tal situação gerou tanto desconforto na população da campanha que foi uns dos fatores da mobilização do campo e foi base da revolução independentista (BARRÁN 1995).

O URUGUAI, SÉCULO XIX

No ano de 1811, e nas condições contextuais descritas anteriormente, iniciou-se desde o interior do país, uma sublevação contra o Montevideu espanhol. Revolução que sob o comando do capitão crioulo José Artigas, começou obedecendo ordens das autoridades de Buenos Aires (Batalla de Las Piedras), mas que, em base às diferenças políticas e ideológicas entre orientais e portenhos¹, logo se separou.

Conforme Barrán (1995), proclamando “Liberdade e República”, no Congresso de abril de 1813, são apresentados os princípios bases da Revolução: Independência da Espanha, estado federado das regiões do Vice-Reinado de Buenos Aires e igualitarismo social.

Foi assim até 1814, lutou-se junto aos portenhos para a conquista da cidade de Montevideu, sob o comando dos espanhóis. Nesse ano, os orientais decidem que também não se subjugariam ao governo de Buenos Aires e abandonam o sítio a Montevideu, ficando esta em mãos portenhas. Artigas no comando dos orientais, começa então a guerra aos portenhos, contando com o apoio das províncias, que tinham como ele ideais federalistas: Entre Rios, Corrientes e Santa Fé.

A partir de então a disputa ficou entre os federais, “republicanos” e os bonaerenses, centralistas e monárquicos. “Artigas encabeça então um vasto e heterogêneo movimento das maiorias discriminadas em uma região que se expande e é proclamado “Protetor dos Povos

¹Habitantes de Buenos Aires.

Livres” da Banda Oriental, Entre Ríos, Santa Fé, Corrientes, Missões e Córdoba.” Ele diz “ - nada podemos esperar se não de nós mesmos” (ABELLA 2007, p. 98).

Embora Artigas tenha logrado reconquistar Montevideu em 1815, teve de enfrentar, a partir de 1816 até 1820, as contínuas invasões dos portugueses primeiro e de brasileiros depois. Portugueses que contavam com o total apoio dos portenhos e que lograram conquistar nesse ano a cidade. Artigas perseguido e atormentado retira-se ao Paraguai onde passa os últimos 30 anos de sua vida.

É importante destacar como, em 1815, se realizou no Uruguai uma repartição de terras entre os menos favorecidos. Artigas expropriou grandes fazendas e distribuiu entre os pobres (tirou-se terras de “maus espanhóis e piores americanos”). Negros libertos, índios e crioulos receberam um pedaço de terra com o compromisso de construir um rancho, estábulos e trabalhar nela em um prazo determinado.

“Que los más infelizes sean los más privilegiados” José Artigas 1815.

Estas e outras ações em prol dos povos pobres lhe valeu a inimizade dos ricos fazendeiros expropriados, que então apoiaram as invasões portuguesas e colaboraram com o governo português até 1825. No dia 25 de agosto de 1825 declara-se a independência da República Oriental do Uruguai e neste ano iniciou-se a segunda Revolução Oriental, quando Juan Antonio Lavalleja, no comando de 33 homens, levantam o meio rural contra os brasileiros e, com o apoio dos bonaerenses (ou portenhos), os derrotam em 1827. Também os ingleses intervieram mediando o conflito e defendendo seus interesses comerciais. Essa guerra os prejudicava enormemente devido ao bloqueio dos portos. Além de que a independência deste novo estado impediria o monopólio, por parte de Buenos Aires, do Rio da Prata, principal rio navegável do Sul da América do Sul.

“Os ingleses, se autoproclamam apoiadores de uma negociação de paz. Sugerem criar entre o Brasil e a Argentina um estado pequeno, “um estado tampão” em solo oriental.” (ABELLA 2007, p. 113).

Em 1830 é elaborada a primeira constituição do país agora chamado “República Oriental Do Uruguai”, esta, baseada em constituições européias e norte-americana, assegurava juridicamente a ordem interna, garantindo direitos individuais num estado republicano. Os poderes Executivo, Legislativo e Judicial estariam separados e os cidadãos (uma minoria rica),

teriam a liberdade de escolher deputados e senadores, e a cada 4 anos o presidente da república. Mas na realidade as guerras civis continuaram acontecendo no país até 1876, deixando-se de lado aquela ordem jurídica. Das guerras civis originou-se o bipartidarismo, os “blancos” e “colorados” nasceram desse momento. Desde essa época, se delinearam as diferenças dos conteúdos políticos e ideológicos dos partidos que nasciam, também o regionalismo foi fator que influenciou e muito essas diferenças. As divergentes realidades entre a capital do país e o interior, as personalidades de seus caudilhos, Rivera (colorado) e Oribe (Blanco), foram construindo um contexto onde colorados se identificaram com o Montevideu sitiado, os imigrantes e a abertura ao europeu, enquanto os blancos, estabelecidos no interior do país, eram os sitiadores, reconhecendo-se como mais nacionalistas, representantes do meio rural, do crioulo.

A partir da ascensão do primeiro governo constitucional, se sucederam múltiplos levantes e batalhas pelo poder. Apoiando os colorados estavam os estrangeiros: franceses, ingleses e unitários argentinos, e, mais tarde, brasileiros. Apoiando os blancos, os federalistas portenhos. Nessa época se dizia que Montevideu era “La nueva Troya”. Mas foi na ditadura do General Flores que Uruguai participou com a Argentina e com o Brasil na guerra da Tripla Aliança, massacrando o povo paraguaio.

Ao se perguntar como explicar a desordem interna que conheceu o Uruguai naqueles anos, Barrán (1995), apela, não só às diferenças entre blancos e colorados, mas também ao contexto social, econômico e cultural em que vivia o país nessa sociedade pré-industrial do século XIX. Segundo este autor, no Uruguai, os pilares da ordem conservadora, como foram a Igreja Católica, o exército e os grandes proprietários, foram fatores fracos, que, embora tivessem marcado fortemente a maioria dos países da América Latina, no Uruguai não tiveram a mesma influência. O clero, por exemplo, primeiro quase inexistente, e depois com escassa formação e baixa influência, teve pouco impacto na ordem de uma sociedade que já se perfilava com uma grande porcentagem de descrença religiosa. Em relação ao exército, este não conseguia a coerção física, sendo pequeno e mal preparado, perdia perante os habitantes do campo, que eram excelentes ginetes e destros com o laço e a faca, e se convertiam facilmente em combatentes à convocatória de seus caudilhos.

Por outro lado, a propriedade da terra não estava claramente estabelecida. Havia ainda disputas entre os favorecidos pelas revoluções e aqueles antigos grandes proprietários a favor

da coroa, os quais tampouco tinham regularizada a sua situação. Nesses casos, o governo foi intermediário entre as reclamações, em que frequentemente as partes se identificavam partidariamente, complicando ainda mais a situação. Com os cercamentos dos campos, provocou-se o deslocamento de muitas pessoas, se perseguiu e se recrutou os sem-terra, encarcerando-os ou provocando a entrada forçada ao exército. Essas pessoas ajudaram a formar tropas de ambos bandos nas guerras civis de 1897 e 1904.

Sendo o parlamento uma elite que discute temas teóricos sem assumir realidades no país, e depois de um governo eleito que não conseguiu enfrentar a crise, a febre amarela e a administração caótica, Latorre assume como ditador (ABELLA, 2007). Tendo o apoio das massas urbanas que não se sentiam representadas por aquele parlamento elitista liberal, e as do campo, as quais embora Latorre fosse do partido colorado, apoiaram ele pela indicação do caudilho branco Timoteo Aparicio. Foi neste governo ditatorial que José Pedro Varela teve o apoio para realizar a reforma escolar. Procurando o desenvolvimento e a modernização do país, Varela, com forte influência das políticas norte-americanas de expansão escolar, procura educar os pobres, para poder ter uma classe obreira culta e disciplinada que acompanhe o desenvolvimento capitalista do país.

Segundo Jorge Bralich [s.d.], a classe social alta, que demandou por uma educação que possibilitasse a modernização do país e a implantação das novas tecnologias. Foi o apoio que tanto José Pedro Varela e o Coronel Latorre precisavam para implantar a Reforma Educativa no país. Da mesma forma, a população em geral, em grande parte composta por imigrantes europeus, que não desdenhava a escola influenciou no apoio alcançado a nível popular por esta reforma.

O URUGUAI, SÉCULO XX

Podemos dividir o século XX em etapas para seu melhor estudo. - Entre 1903 e 1930, a consolidação política da democracia, junto com a reforma social e a econômica, marcou uma etapa de prosperidade para o país. - De 1930 a 1958, a crise econômica advinda da quebra da Bolsa de Nova Iorque atinge o Uruguai que entra em crise política também. - Com o estancamento econômico continuado, vive-se outra etapa de 1959 a 1985. Começa aí desintegração dos partidos tradicionais sob a influência agora também da Guerra Fria, o

crescimento da esquerda e a ditadura militar. E, por último, a volta à democracia a partir de 1985 (BARRÁN, 1995).

O começo do século XX caracterizou-se pelo avanço do país nas áreas econômicas, social e cultural. As guerras civis entre brancos e colorados foram deixadas para atrás e um crescimento dos setores de bovinocultura e industrial marcou o início de século. A economia capitalista industrializada cresceu com base na produção da bovinocultura valorizada com a exportação para a Europa e para os Estados Unidos e com a criação do primeiro frigorífico (1905). Este período, com José Batlle e Ordoñez, colorado eleito Presidente da República em dois mandatos (1903-1907 e 1911-1915), representou uma sociedade de classe média que estava surgindo na prosperidade econômica que facilitava a ascensão social. Caracterizou-se pela intervenção estatal, quando o Estado passou a gerir o setor financeiro (com a criação dos bancos da República e do Banco Hipotecário), o setor industrial (administrando a energia elétrica e os combustíveis), e o setor comercial (com a fundação do Banco de Seguros do Estado), criando assim uma tradição que marca até os dias de hoje a relação entre Estado e sociedade civil (BARRÁN 1995).

A tolerância foi a marca dessa época no país. A democracia prosperou, assegurada pelos interesses dos fazendeiros, industriais e comerciantes, já que não lhes convinha as perdas que trazem as guerras. Democracia garantida também pelo voto secreto e a proporcionalidade da representação (Constituição de 1917). No social também houve mudanças importantes. Legislou-se a favor da classe operária, regulamentando-se as 8 horas de trabalho (1915) e as aposentadorias, sendo contemplados quase todos os setores já a partir dos anos 20. O avanço do nível de vida e as medidas higiênicas fizeram diminuir a taxa de mortalidade no país, mas também a taxa de natalidade caiu, constatando-se um aumento de menos de 1 milhão de habitantes desde o censo de 1908 (com 1.042.000 de habitantes) ao censo de 1930 (1.900.000 de habitantes). A educação se expandiu, chegando-se a diminuir os níveis de analfabetismo, muito baixos em comparação com o resto de América Latina, chegando a se comparar aos níveis europeus.

Para Abella (2007), com a grande quantidade de imigrantes europeus nessa época, criou-se a necessidade de moradias, originando-se assim os “conventillos”, moradias populares onde se compartilhavam tanto o banheiro, como o pátio e as histórias. Ali imigrantes coexistiram com afrodescendentes e migrantes do meio rural, à procura de oportunidades em Montevideu.

Dentro dessa mistura de nostalgias e sentimentos surgiram muitas formas de arte, entre elas o tango, com uma interpretação mais afro, que logo terá sua identidade culminada em Buenos Aires. As políticas sociais “batllistas” que se voltam ao branco imigrante, fazem-no progredir em Montevideú., mas os negros afro-uruguaios vão ficando nos “conventillos” “templando” (esquentando, afinando) seus tambores em outra expressão musical popular: o candombe.

Segundo Abella (2007), a alta taxa de imigrantes europeus e os parâmetros antes nomeados, fizeram os uruguaios cultivar a própria imagem como a de um país europeizado e moderno. “A Suíça da América” é uma imagem que ainda hoje alguns tratam de passar para os estrangeiros, sendo a realidade muito longe desse imaginário. Outro dado interessante a salientar é a precoce separação entre Igreja e Estado. Na Constituição de 1917 já há o completo desligamento entre o Estado e a Igreja. Observando-se que em 1907 foi aprovada a lei do divórcio causal e, em 1913, por vontade única da mulher. O voto feminino também foi pioneiro no Uruguai, conquistado em 1932. (BARRÁN, 1995)

Nos anos 1930/31 a economia Uruguiaia começou a refletir a crise mundial ao não conseguir colocar seus produtos de exportação com a mesma facilidade. Esta crise, iniciada nos Estados Unidos em 1929 com a “Quebra da Bolsa”, gerou restrições no comércio internacional, refletindo no Uruguai com queda das exportações e o desemprego, aumentando os conflitos sociais. Por sua vez, os grandes comerciantes e fazendeiros protestavam por causa do peso de um estado que não controlavam. Fatos todos que motivaram o governo até então democrático de Gabriel Terra (mas, admirador do fascismo italiano) a dissolver o congresso (1933), abolir a Constituição instalando o que se chamou de “Ditadura Terra”. Essa ditadura representava os interesses dos grandes fazendeiros, dos grandes comerciantes e de alguns setores dos partidos tradicionais. Houve forte repressão a movimentos contrários à ditadura.

Mas a conjuntura internacional, junto com o peso da tradição democrática, e a lenta melhora da economia mundial determinaram que, em 1942 se voltasse à vida democrática, constituindo-se assim uma nova etapa do desenvolvimento econômico, novamente influenciado pelas guerras no mundo (Guerra de Coreia). O país dos anos 50 fazia lembrar o dos anos 20. Consolidou-se a prosperidade econômica, favorecendo-se a indústria com a substituição das importações e criando-se assim novos postos de trabalho. Voltava a Suíça de América, com o desenvolvimento cultural, caracterizada pela classe média forte e o governo democrático.

As mudanças na economia internacional modificaram a situação das exportações uruguaias, provocando um fechamento do mercado europeu e a falta de outros mercados deixou as exportações do Uruguai dependentes de um único grande mercado, os EEUU, subordinando-se a esse país financeiramente. A cena negativa completou-se com um estancamento na bovinocultura e no processo de industrialização, o que provocou uma diminuição dos ingressos de divisas e o aumento da inflação, aumentando a desigualdade entre as classes sociais. Começa a emigração econômica.

Nesta época se alternou o governo entre os partidos tradicionais. A esquerda uruguia se unificou num só partido, a Frente Ampla (1971). A partir do 1967, na presidência de Jorge Pacheco Areco, os governos já exerciam visíveis traços autoritários, suprimindo-se as garantias individuais e utilizando-se da repressão como instrumento de poder. Por outro lado, movimentos de esquerda impulsionavam a mudança da sociedade através da luta armada (MLN e outros) e a guerrilha urbana.

Foi assim que o 27 de junho de 1973 se produziu o Golpe de Estado, quando as Forças Armadas dissolvem o parlamento e assumem a totalidade do poder público até março de 1985.

Segundo Barrán (1995), no começo dos anos 1970 agravou-se uma crise econômica e social que já havia iniciado anos antes. Distintos níveis de conflitos e de resistências eclodiram, tanto nas organizações estudantis, com ocupação de colégios secundários e universidades; como nas operárias, com mobilizações e tomada de lugares de trabalho. Além disso, surgiram os partidos de esquerda, com uma proposta alternativa. Tudo isso levou, junto com outros fatores contextuais da história contemporânea como a Guerra Fria, à instalação da Ditadura Cívico-Militar em junho de 1973.

HISTÓRIA RECENTE

Em meados do século XX, a realidade da América Latina se apresentava já como uma ameaça para os Estados Unidos, potência imperial, que viu como a alternativa do socialismo colocava em xeque seu interesses econômicos no continente. O mundo estava dividido em dois grandes blocos: o socialista e o capitalista, era a chamada “Guerra Fria”, sendo esta o pano de fundo dos acontecimentos mundiais (ABELLA 2007).

Como traz Revello (1986), outras opções apareceram para competir com o sistema reinante no continente: em Cuba, a revolução triunfava e se instaurava um regime socialista, o que questionava não só a hegemonia dos Estados Unidos senão também a vigência da ordem econômica e social dessa potência. Esses acontecimentos tiveram diferentes ressignificações nas sociedades latino-americanas, foi assim que se geraram vários grupos guerrilheiros que tentaram a revolução em diferentes países, com base no exemplo cubano, mas sem o êxito que houve nesse país.

As classes médias altas, que a princípio tiveram uma aproximação com os movimentos de mudança, ao ver o perigo que o socialismo e a revolução implicavam para seus interesses, apresentaram uma oposição conservadora frente aos acontecimentos. Pela sua parte, os exércitos posicionaram-se contra qualquer tentativa de mudança nas estruturas sociais, econômicas ou políticas nas quais seu domínio se visse ameaçado. Na América Latina, Estados Unidos colocou em marcha uma nova estratégia imperial, com o objetivo de superar a crise estrutural que vivia o continente, fazendo reformas econômicas e eliminando os focos revolucionários que tentavam combater a ordem vigente. Se estreitavam os vínculos entre os exércitos latino-americanos e o norte-americano, com intercâmbio de assessores, centros de adestramento e informações, tudo para fazer frente à guerra “subversiva” que se via incubando. As Forças Armadas já não tinham só um papel militar, mas também cívico e uma função política na comunidade.

Poder-se-ia dizer que as ditaduras militares do século passado constituem um produto do capitalismo e das tensões geradas por ele, e tem uma estreita relação com os centros de poder mundial, no caso de América Latina do século XX, com os Estados Unidos. Para Revello et al (1986): “(...) A ditadura militar é uma forma de estado de exceção, a qual tem uma presença visível dos militares na frente da cena política, com funções que corresponderiam aos outros poderes do Estado.” (p. 4).

Estes autores também trazem a ideia de que as Ditaduras de Segurança Nacional caracterizaram-se por se apresentar em um marco contextual particular, o qual tem rasgos comuns como: a incapacidade em aumento dos partidos burgueses de levar adiante um projeto econômico e político viável que permitisse manter o domínio sem a ruptura do Estado Democrático e a presença de um aumento da conflitividade pela crise econômica que marca a época e que é um dos fatores de aumento da consciência de classe e da organização dos

trabalhadores, com elaboração de novas propostas alternativas ao sistema presente. Existência de uma luta interna entre as classes altas, onde os setores ligados às grandes empresas internacionais tentam se impor sobre os outros. Nestas condições sociais, a saída foi implantar um Estado de Exceção: as Ditaduras de Segurança Nacional. Este tipo de ditadura não foi motivada, como em outros casos na América Latina, pelo levantamento de algum caudilho militar, ao contrário disto, caracterizou-se por ser uma ação do conjunto da força militar através de seus hierarcas, e também pela usurpação dos poderes e instituições do Estado pelo militarismo com um crescimento indevido da força militar para assegurar a concretização dos novos projetos militares, no qual foram utilizadas a violência e a repressão indiscriminada. Com uma militarização do Estado e da sociedade em conjunto, funções que antes eram realizadas só pelo civis, agora eram assumidas pelos militares, exercendo as mais diversas atividades, tanto em órgãos do governo, como em empresas, chefias de serviços estatais, etc. Desenvolveu-se nelas valores militares como de disciplina, de serviço, de subordinação e de patriotismo, sem opção de críticas nem abertura a ideias alternativas. Esses valores típicos de um ambiente militar se refletia nas escolas, nos secundários e em todo nível do ensino.

No Uruguai, a crise gradual do sistema político e econômico, que teve o início nas décadas de 50 e de 60, precedeu o Golpe de Estado.

Segundo aponta Padrós (2005, p. 273)

Em outubro de 1967, o governo decretou Medidas Prontas de Seguridad (MPS): medidas de exceção e de aplicação transitória previstas constitucionalmente, as quais restringiam os direitos individuais... As MPS se tornaram condição imprescindível para impor uma política econômica, onde o congelamento salarial foi peça chave, e para impedir a reação do movimento operário.

Na visão deste autor,

[...] as forças populares, com sua capacidade de resposta, fez o surgimento, desde o interior da sociedade, junto as tradicionais formas s de luta e resistência (greves, manifestações, paralisações, ocupações), surgissem duas novas variantes. Uma, inédita no país: a luta armada, com especial destaque para o Movimiento de Libertación Nacional-Tupamaros (MLN). Outra, dentro de uma tradição constitucional e como resposta e amadurecimento da mobilização popular na esfera política: a emergência do Frente Amplio (Frente Ampla), força política que, em 1971, ameaçou o bipartidarismo tradicional.

Apesar do governo civil de Juan María Bordaberry, fraudulentamente eleito (ABELLA, 2007), já estar fortemente militarizado e ser exercido de forma autoritária, foi em junho de 1973 que se deu o Golpe Civil-Militar quando se decreta a dissolução do parlamento e é criado o Conselho de Estado (formado por civis e militares nomeados “a dedo”), com atribuições para desempenhar as funções da Assembléia Geral e controlar a gestão do Poder Executivo no referente aos direitos individuais e às normas constitucionais e legais (LARROBLA, 2011).

O país passa por um processo da militarização, ou seja, as Forças Armadas intervêm em todos os aspectos da vida civil. Foram violentados os Direitos Humanos de diversas formas. Implementaram-se leis e decretos que proibiam e reprimiam qualquer atividade política, eliminou-se as independências dos poderes judiciário e legislativo, instaurou-se a justiça militar e a justiça civil foi extinta. Os militares ocuparam postos-chave em todas as instituições do Estado, isso gerou o aumento do orçamento dos Ministérios de Defesa e do Interior, que chegava a mais do 40% do pressuposto nacional. Assim cresceu de forma desmedida o número de efetivos militares e policiais.

Todas as medidas que foram tomadas para a militarização do estado e da sociedade se enquadram em uma política de controle e vigilância à sociedade civil e à lógica do combate ao “inimigo interno” (LARROBLA, 2011). Na educação viu-se claramente a tentativa de impor as pautas da conduta militar com uma disciplina autoritária: corte de cabelo do jeito militar, uniforme obrigatório, afastamento dos docentes que tinham uma postura contra o estado de segurança nacional, além dos conteúdos refeitos e elaborados em função da legitimação do regime. Na cultura e na arte, assim como dos meios de comunicação, viveu-se uma censura e uma proibição direta dos conteúdos que não eram favoráveis ao governo militar. O Conselho de Segurança Nacional (COSENA), foi um jeito das Forças Armadas de exercer a direção do governo, para instrumentalizar assim as políticas que as Juntas de Oficiais Gerais e o Conselho da Nação definiam. Como descreve a historiadora Larrobla (2011). “Estes organismos cumpriram um papel fundamental durante o processo ditatorial, tanto para a coordenação da gestão governamental como para a planificação das medidas políticas e repressivas.”

O processo uruguaio teve suas particularidades em relação aos outros processos ditatoriais na América Latina, como foi a existência de presidente civil (de 1973 até 1981), a prática unida e compacta da instituição militar, com apagamento das opiniões dissidentes

mesmo dentro das forças militares, evitando o surgimento de líderes e se apresentando como uma unidade sem fissuras.

As práticas de Terrorismo de Estado começaram no Uruguai antes do período de Ditadura Militar, mas foram aprofundadas e exacerbadas durante esta última. Prisões massivas e prolongadas foram características desta ditadura. A Justiça Militar processou mais de 6000 pessoas no decorrer daqueles anos, outros foram interrogados nos centros de detenção, sob o regime das Medidas Prontas de Segurança. As torturas tanto físicas como psicológicas foram práticas cotidianas nestes centros de reclusão. Muitos perseguidos políticos foram exilados no exterior, emigrando por razões políticas e procurando a segurança que não tinham no seu país. Solução que em muitos casos não foi efetiva, pois as forças repressivas do “Plano Condor” organizava e tinha contato com os militares de vários países de América Latina como o foram Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Chile. O que significou a perseguição e morte de uruguaios em outros países.

Segundo dados correspondentes ao ano de 2009, nas pesquisas da Comissão para a Paz se confirmaram 168 denúncias:

- 168 uruguaios desaparecidos, destes casos 32 pessoas desapareceram no Uruguai, 125 na Argentina, 9 no Chile, um na Bolívia e um na Colômbia (RICO, 2009).
- 66 pessoas morreram nos cárceres uruguaios segundo dados obtidos nestas pesquisas, as mortes foram causadas pelas torturas recebidas, pela falta de atenção médica e pelo suicídio. Além disso, 22 uruguaios faleceram em enfrentamentos com as Forças Armadas e outros 13 foram sequestrados e assassinados no Uruguai e na Argentina.

A efetividade do terrorismo de Estado garantiu-se pela forma planejada e minuciosa das pesquisas da inteligência, que faziam parte do processo de repressão. Exerceu-se um sistema de controle e vigilância sobre toda expressão cidadã e social. Censuraram-se meios de comunicação, como jornais, rádios e canais de televisão, foram banidos a difusão de notícias, proibiram livros, autores, músicos, artistas, que tivessem ideias divergentes às impostas pelo regime. Controlava-se toda atividade com pessoas organizadas em grupo, das religiosas as reuniões do âmbito educativo eram vigiadas pelos serviços militares de inteligência do Estado. Toda expressão que implicasse reunião de pessoas devia ser previamente autorizada, desde comemorações a conferências, até eventos esportivos deviam ser previamente autorizados

pelos militares. E ainda uma equipe de inteligência assistia essas atividades e controlava-as de forma rigorosa.

Gerou-se assim a cultura da suspeita e do medo (LARROBLA, 2011), e um processo de restrição das formas de manifestação social, na medida que os mecanismos repressivos e o medo foram restringindo os espaços de convivência social das comunidades. Mas apesar disso foram se organizando desde o povo formas de enfrentar essas situações, com conformações de grupos de luta pela democracia e pelos direitos humanos. As mobilizações juntavam pessoas de todas as bandeiras políticas e todas as concepções com um objetivo comum: conseguir a volta da democracia e derrotar a Ditadura Militar.

Foi assim como na tentativa de legitimar o governo militar através da reforma constitucional convocou-se um plebiscito onde a população devia manifestar-se por “Sim” ou “Não” a esta proposta dos militares de reforma constitucional. Neste plebiscito que aconteceu em novembro de 1980, ganhou o “Não” por 57,9% dos votos, foi um “Não” à tentativa de reforma da Constituição pelos militares, foi um “Não” à ditadura militar. Tinha começado o processo de volta à democracia.

Em 1985, depois de 12 anos de Ditadura Militar, Uruguai retorna à democracia. Em 14 de março, nos primeiros dias do retorno à democracia saíram das grades os que foram os últimos presos políticos da Ditadura Militar uruguaia, com mais de 10 anos de cárcere os enfrentava um Uruguai diferente ao que conheceram, o medo, a violência, a crise econômica - os “valores” militares tinham mudado o país. Depois de ter vivido no silêncio forçado da censura e da proibição de toda forma de expressão dentro das cárceres, do isolamento físico e psicológico, das torturas, da falta de atenção médica, a maioria dos presos políticos se enfrentaria na saída das grades com diversos graus de dificuldades na sua reinserção na família e na sociedade.

Começa um processo de reconstrução do país, de luta pela verdade e pela justiça. No primeiro momento, vivia-se no país um ar de otimismo e procura pelo julgamento e castigo dos culpados das violações dos direitos humanos. Porém, de parte do Estado, na época não se contribuiu com informações para a investigação. Em 1986, sanciona-se a Lei n 15. 848: Lei da Caducidade punitiva do Estado; chamada Lei da Impunidade. Onde no artigo 4 possibilitava a investigação judicial dos fatos acontecidos, mas somente quando o Poder Executivo autorizara a mesma. A justiça ficou subordinada à vontade política do partido de governo. Ficaram os

crimes e violações dos direitos humanos sem julgamento e sem castigo. Foi a instalação da impunidade na democracia, não só pela falta de justiça mas também pelo ocultamento da verdade histórica.

Iniciou-se uma mobilização popular para a abolição da Lei de Impunidade, com a elaboração de um abaixo-assinado para conseguir levar a voto popular. Conseguiu-se assim em 1989 realizar um plebiscito, onde a maioria da população ratificou a Lei com 57% dos votos, contra 43 % da população que se posicionou para derrubar a lei. Este fato gerou um grande pessimismo no movimento social, popular e dos partidos políticos que procuravam a verdade e a justiça.

O ano 1996 marcou a história pois a primeira marcha convocada pelas Mães e Familiares de Presos e Desaparecidos mostrou a necessidade de investigação dos fatos e recuperação da memória do acontecido. No ano de 2000, o Estado uruguaio cria a Comissão para a Paz, com a finalidade de investigar sobre os detidos e desaparecidos, precedida pelo Bispo de Montevideo, onde investigaram-se as denúncias apresentadas de atos acontecidos no terrorismo de Estados na Ditadura Militar. Em 2003 apresenta-se o informe final da Comissão para a Paz , desta forma o Estado uruguaio reconhece sua responsabilidade frente aos crimes acontecidos no governo militar. O seguimento destas pesquisas a partir desse momento foi realizado pela Secretaria da Presidência da República. Em 2005, com o ascenso do governo de esquerda, novas etapas evoluíram na procura pela verdade, o governo convoca as equipes de pesquisa das universidades a trabalhar. Assim arqueólogos, procuraram pela localização dos restos dos detidos desaparecidos e historiadores realizaram uma pesquisa histórica. Alguns ex-chefes de polícia e alguns militares foram presos. Em 2011 aprova-se no Parlamento a Lei nº 18.831 de “restauração para os delitos cometidos na aplicação do terrorismo de Estado”, catalogando estes como delitos de lesa humanidade.

Em junho de 2000, percebendo as difíceis condições em que muitos ex-presos políticos se encontravam, se constituiu uma associação (Crysol), com o objetivo de organizar a força da solidariedade para enfrentar as dificuldades de todo tipo nas quais se enfrentavam a maioria dos ex-presos, procurando soluções para elas e assim resgatar a memória e produzir alternativas para melhorar estas situações. Assim, começou-se a defesa dos direitos de forma organizada conquistando espaços. Em 2004, e com a perspectiva do governo passar a ser de esquerda se conseguiu uma forte mobilização que deu como resultado a votação da Lei de

Aposentadoria (Ley Jubilatoria 18033)², que permitiu assegurar uma velhice digna a todos ex-presos e ex-presas políticos no Uruguai. Com essa Lei, se recebe uma pensão especial reparatória por parte das pessoas que foram presas políticas a partir de fevereiro de 1973. Além da Lei 18 596 (Ley Reparatoria)³, que repara as vítimas da atuação ilegítima do estado no período compreendido entre 13/06/68 e 28/02/85.

Atualmente não se tem dados exatos sobre a quantidade de pessoas que foram presos políticos da ditadura. Segundo o presidente da associação de ex-presos, Gastón Grisoni⁴, seriam aproximadamente 2700 pessoas, a maioria homens (foram presos 4 homens para cada mulher) com uma média de 68 anos de idade atualmente. Segundo ele, a metade se encontraria morando em Montevideú, um quarto moraria no interior do Uruguai e o outro quarto no exterior do país.

Embora tenham-se conquistado alguns importantes direitos, como à memória, à verdade e à justiça, e o julgamento de muitos culpados, outros crimes continuam sem solução. Executores do terrorismo de Estado caminham pelas ruas sem terem sido julgados. Além disso, há ainda desaparecidos que têm suas histórias a serem esclarecidas.

² O texto da Lei 18033 pode-se encontrar em <<http://crysol.blogspot.com.br/p/ley-jubilatoria-18-033.html>>

³ O texto da Lei 18566 pode-se encontrar em <<http://crysol.blogspot.com.br/p/ley-reparatoria-18-596.html>>

⁴ Declaração realizada em entrevista à autora da pesquisa, fevereiro 2013.

*Somos o que fazemos,
mas somos, principalmente,
o que fazemos para mudar o que somos.*

Eduardo Galeano

CAPÍTULO 3: RESILIÊNCIA

Meu primeiro contato com o conceito de resiliência foi há bastante tempo, talvez mais de 15 anos, eu já havia me formado enfermeira. Estava esperando uma consulta médica quando, ao folhear uma revista, fiquei impressionada com o conteúdo de um artigo que falava de uma mulher que tinha sido exilada de seu país devido a uma guerra e passado por vários infortúnios. Ela havia perdido a família, a casa e passado por incontáveis situações de desgraça e, apesar disso, tinha conseguido seguir e realizar sua vida de uma forma “normal”. Perante a leitura rápida do artigo, fiquei sensibilizada frente à situação daquela mulher, e também frente ao enfoque do artigo, que mostrava o lado positivo de como ela conseguiu atravessar todas aquelas adversidades.

Embora na enfermagem prevaleça o assistencialismo e a atenção à doença, sempre me interessei mais pela prevenção e pela promoção em saúde. A resiliência, que foca a criação dos fatores e processos de proteção, objetiva as mesmas metas de bem-estar e qualidade de vida, como no modelo de promoção em saúde, em que se procura o bem-estar dos indivíduos e o desenvolvimento de suas potencialidades (GROTBERG, 2005). No artigo daquela revista, a experiência era vista a partir de uma visão positiva do que essa pessoa tinha conseguido, apesar dos fatores de risco a que tinha sido submetida pelas circunstâncias de sua vida. Nesse artigo se focava a saúde, não a doença. Na época que aquele artigo foi escrito, cogitava-se que esse “poder” de seguir adiante era uma característica que nascia com a pessoa ou que teria sido apreendida durante a vida. Esse conceito de resiliência, novo para mim, ficou guardado em minha memória por muitos anos, sem voltar a ter ouvido sobre esse assunto em nenhuma outra ocasião. Foi como uma semente inativa esperando seu momento.

Com o decorrer do tempo e sempre com a inquietude por conhecer instrumentos para lograr uma melhor qualidade de vida, comecei a pesquisar e vi que embora fosse um conceito novo nas ciências humanas, já era utilizado nas ciências exatas há muito tempo. O conceito de “resiliência” aí serve para descrever a propriedade ou características de alguns metais que, ao serem submetidos a fatores externos como o calor, o frio, a pressão e outros, adaptam-se a essas situações e, depois delas acontecerem, voltam ao estado anterior sem haver mudanças na sua composição ou atributos anteriores. É assim que resiliência na física está descrita como: “Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou

deformação.” Definição encontrada no dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁵. Este conceito é muito utilizado nas ciências exatas para o estudo de diversos materiais expostos a diferentes fatores estressantes, fato diretamente verificado ao procurar material sobre resiliência, pois há muitas pesquisas científicas com objetivo de estudar a resiliência em diferentes materiais de construção.

Nas ciências humanas, adaptou-se o conceito para descrever as características das pessoas que têm a capacidade de passar por situações de risco e conseguir superá-las, continuando em frente com sua vida de forma “normal”. No mesmo dicionário, esta definição é aplicada nas ciências humanas como “capacidade de superar, de recuperar-se de adversidades.”

Cotidianamente as pessoas enfrentam situações de estresse e até de crise na vida familiar, no trabalho, na sociedade etc. As características de adaptação às dificuldades são individuais e diferentes em cada um, dependendo ainda do contexto e do momento de vida. Não conseguir essa adaptação pode gerar distintos graus de doenças, tanto físicas como psicológicas, e pode gerar um impacto negativo que afete as pessoas de diferentes maneiras.

Na resiliência se percebe um processo pelo qual um indivíduo ao sofrer eventos de estresse ou risco, os supera, continuando com sua vida, desenvolvendo-a normalmente.

Embora seja um conceito bastante atual, deparei com abundante bibliografia, o que me mostrou diversos pontos de vista, que me ajudarão nesta dissertação. Essa bibliografia consultada relaciona fatores individuais, familiares, sociais e até ambientais para elaborar as explicações do conceito de Resiliência.

DEFINIÇÕES DE RESILIÊNCIA

- A resiliência é aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, é um fenômeno multi-facetado que engloba fatores ambientais e pessoais. (Rutter, 1985)
- A resiliência é “a capacidade humana para enfrentar, vencer e sair fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (GROTBERG, 2005, p. 16)

⁵ DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx>>, Acesso em: 30-04-2013.

- A resiliência é a capacidade de sair vitorioso de um evento traumático, com uma força renovada. (ANAUT, 2003, p. 33)
- A resiliência descreve-se como a capacidade de refazer a vida e desenvolvê-la positivamente, de maneira socialmente aceitável depois do stress de uma adversidade que tenha sido de grave risco. (CYRULNIK, 1999)
- A resiliência não é um fenômeno individual, são as condições sociais, as relações coletivas e os aspectos culturais e valorativos de cada sociedade que estão envolvidos neste processo. (OJEDA, 2005, p. 48).
- A resiliência é a atitude de resistir à destruição e preservar a integridade em circunstâncias difíceis, a atitude de reagir apesar das dificuldades. (VANIESTENDAEL, 2004).
- A Resiliência é composta pelas habilidades, destrezas, conhecimentos e poder de introspecção que, acumulados com o tempo, são utilizados na luta das pessoas para enfrentar as adversidades. É um contínuo onde as energias e destrezas são utilizadas nos desafios do indivíduo (GARMEZY, 1994).
- Para Badilla (1997), não é “resiliência”, e sim “ser humano em resiliência”, ou “esfera de Resiliência”, que é uma concepção de um processo dinâmico de interação entre recursos pessoais e sociais que conformam uma série de possibilidades, tanto de resposta ao conflito como de potencialização das forças pessoais e sociais com que as pessoas e comunidades enfrentam com êxito a realidade.
- Resiliência é um processo e não pode ser considerada um atributo do indivíduo ou uma característica adquirida ao longo do desenvolvimento, e sim, fenômeno interativo entre sujeito e seu meio, ou seja, como o intercâmbio entre variação individual e resposta do ambiente a essa variação, se refere à habilidade de superar adversidades, o que não significa que não ocorram mudanças no indivíduo (YUNNES, 2003).
- A resiliência é como “se fosse um tecido que cada pessoa produz a partir dos fios das diferentes texturas e cores que seu meio oferece e da malha de sustentação que sente ao se empenhar na tarefa construtiva e artística de produção de sua vida.” (ASSIS, PENCE & ADVANCE, 2006, p.27).

HISTÓRIA DO CONCEITO

O conceito de resiliência aplicado à psicologia, nas ciências humanas e na saúde é moderno e tem evoluído de uma forma interessante. Pesquisas que começaram faz uns 30 anos foram as que deram origem ao que hoje se conhece como Resiliência. A concepção desta como uma combinação de fatores que permitem ao ser humano enfrentar e superar as adversidades da vida, foi desenvolvido na Inglaterra por Michel Rutter, e seus colaboradores, direcionando para a psicanálise com uma perspectiva ética (BADILLA; SANCHO, 1997). Em Estados Unidos Emmy Werner, orientou suas pesquisas para questões comportamentais centradas no indivíduo. Na década dos 80, e nos estudos longitudinais desta pesquisadora com pessoas em situações de risco em Kawai (Hawai), ela observou a existência de indivíduos que, apesar de passar por risco social, conseguiam se adaptar, desenvolver e levar sua vida adiante (BADILLA e SANCHO, 1997; ANAUT, 2003; MELILLO, 2005; GROBERG, 2005; INFANTE, 2005). Segundo estes autores, Werner observou como estas pessoas tinham uma capacidade de superação das dificuldades e a faculdade de construção de um futuro. Esses dados levaram a várias perguntas, como por exemplo: a invulnerabilidade seria uma condição individual? Entretanto a pesquisadora fazia uma observação muito importante: o fato, sem exceção, de que todas as crianças que evoluíram positivamente tinham tido durante seu desenvolvimento o apoio intrínseco de algum adulto significativo, familiar ou não. O aporte dessa autora foi muito marcante, não só pelos dados obtidos, senão pela diferença da aproximação em seu olhar de investigação, conseguindo fazer uma mudança dos paradigmas utilizados na época nas pesquisas em saúde, dos comportamentos patológicos ou negativos aos comportamentos sadios e positivos das pessoas. Uma nova etapa nas concepções de saúde se abria.

Segundo as pesquisas de Infante (2005) no desenvolvimento histórico do conceito de resiliência (MASTEN, LUTHAR, KAPLAN apud INFANTE, 2005), existem duas gerações de pesquisadores: a primeira nos anos 70 e 80, da qual fazem parte Werner e Smith, se preocupou em estudar o que distinguia as crianças que se adaptavam positivamente e as que não, procurando-se identificar fatores de risco e de resiliência nelas. Pensando-se em qualidades pessoais como auto-estima e autonomia, onde logo se amplia o foco para outros fatores externos, como seriam o nível socioeconômico, a estrutura familiar, a presença de um adulto próximo etc. Segundo essa autora, a maioria destes pesquisadores se identificam com o modelo trádico de resiliência, onde se organiza os fatores de risco e resiliência em três grupos:

atributos individuais, aspectos da família e características dos ambientes sociais. Já nos anos 90, a segunda geração de pesquisadores considera os processos associados à adaptação positiva como importante na produção de resiliência. O foco muda dos fatores de adaptação à dinâmica entre esses fatores para uma adaptação positiva (INFANTE, 2005).

Assim, resiliência seria o processo dinâmico em que as influências do ambiente e do indivíduo atuam numa relação recíproca, que permite as pessoas se adaptar, apesar das adversidades. Perspectiva que coloca o indivíduo imerso em uma ecologia em particular e que interatua com ele em diferentes níveis. O modelo ecológico apresenta a interação entre os níveis individual, familiar, comunitário e cultural.

Edith Henderson Grotberg (2005) apresenta novos olhares e interpretações, como por exemplo, a ideia de que a resiliência está ligada ao desenvolvimento humano, influenciando nela a idade e o gênero. Por esse motivo essa autora apresenta a importância de contextualizar a promoção de resiliência de acordo com a etapa do desenvolvimento e do ciclo de vida. A dinâmica de resiliência surge da interação de vários fatores de importância como: - eu tenho (apoio), - eu sou/estou (a força intrapsíquica), eu posso (habilidades interpessoais, resolução de conflitos).

É muito interessante também o aporte latinoamericano ao conceito de resiliência, com o conceito de “resiliência comunitária” se obteve uma ferramenta a mais para a luta contra a pobreza e a desigualdade sociais (SUÁREZ, OJEDA, 2005). Esse conceito surge na procura de explicações de como no caso de um fenômeno de desastre social as comunidades tomam atitudes distintas, algumas começando a reconstrução imediatamente e fazendo sua estrutura até melhor do que ela era, e outras levando anos para se recuperar.

Pois, como apresenta Ojeda, a importância das relações coletivas e os aspectos culturais, condicionam o social para a resiliência ou à falta dela. Não é o indivíduo resiliente, é a sociedade em seu conjunto que se envolve no fenômeno (2005).

Contudo, o tema que me preocupa agora se refere a indivíduos, e para obter um estudo em resiliência é importante ter claros os conceitos a serem utilizados, para assim poder aplicá-los adequadamente.

RESILIÊNCIA: CONCEITOS RELACIONADOS

Rutter (1987), afirma que a resiliência é uma variação individual em resposta ao risco, podendo este ser vivido de forma variada por distintas pessoas. Mas então, que é o risco? Para Couto (2007) se pode afirmar que fatores de risco seriam aqueles fatores, que, podendo ser de natureza pessoal, social ou ambiental facilitam ou aumentam a probabilidade dos indivíduos de padecer disfunções, tanto da ordem física, como psíquica ou emocional, predispondo a pessoa a resultados adversos no seu desenvolvimento. Então, considera-se risco qualquer evento que seja um obstáculo, e potencialize a vulnerabilidade do indivíduo, resultando no desenvolvimento negativo dele (PESCE & CARVALHAES apud COUTO, 2007).

Este conceito, originário do campo do comércio marítimo, foi utilizado mais tarde na medicina em estudos epidemiológicos, para identificar padrões de doenças e fatores que interviam nelas (YUNES & SZYMANSKI, 2002). Aumentou sua abrangência quando se começou a utilizar nas ciências sociais e humanas, onde se passou a estudar também os riscos psicossociais. Riscos e estressores estiveram presentes desde sempre na história da humanidade, só que agora tem variado a “construção social do que se constitui como risco “ (MARTINEAU apud YUNES & SZYMANSKI, 2002), como este autor aporta, o risco, assim como a resiliência, também tem diferentes formas entre diferentes indivíduos, em diferentes contextos.

“Fatores de risco relacionam-se com toda sorte de eventos negativos de vida e que, quando presentes, aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais” (YUNES & SZYMANSKI, 2002, p. 24). Na atualidade se tem passado de uma consideração estática do risco ou estresse a ser pensado como processo, e não como variável em si. É assim que essas autoras, citando Cowan, Cowan & Schulz, nos mostram como o ingrediente central dos estudos contemporâneos sobre risco, colocam a ênfase no movimento dos fatos e não nos fatos estáticos.

Segundo Rutter (1987), a relação entre risco e resiliência tem três pontos-chave a ser considerados:

- a resiliência não se encontra em evitar situações de risco, tendo só experiências positivas;
- os fatores de risco podem operar de diferentes maneiras em diferentes etapas do desenvolvimento;
- é necessário focar os mecanismos de risco, porque segundo o risco em uma situação pode ser proteção em outra. É por isso que para as autoras Yunes & Szymanski “uma análise criteriosa dos processos ou mecanismos de risco é imprescindível para que se possa ter a dimensão da diversidade de respostas que podem ser observadas, sobretudo quando se trata de riscos psicossociais ou socioculturais”(2002, p27).

“Não é possível investigar resistência ao estresse e adversidade e resiliências sem antes verificarmos a presença de experiências que apresentem riscos crescentes ao desenvolvimento” (RUTTER, 1999 apud YUNES & SZYMANSKI, 2002, p 28).

Os fatores estressantes, embora possam as vezes, ter consequências positivas, configuram-se para a maioria das pessoas em potenciais fatores de risco tendo a resiliência como mediadora neste processo, que permitiria seu enfrentamento e a diminuição do possível impacto (Couto 2007).

Quadro 1: graus de estresse.

Estressores Catastróficos: grau 6	- desastre natural devastador (inundações, seca, tsunamis, terremotos etc.); suicídio do cônjuge; morte de um filho (qualquer causa); <u>experiência em campo de concentração; estar preso como refém ou sequestrado.</u>
Estressores Extremos: grau 5	- morte do cônjuge; <u>ser vítima de estupro; ser vítima de abuso físico ou sexual;</u> doença física grave (diagnosticada em si mesmo ou no cônjuge); doença física grave em filho.
Estressores Graves: grau 4	- nascimento do primeiro filho; desemprego; pobreza.
Estressores Moderados: grau 3	- casamento; separação conjugal; desavenças conjugais importantes; criar filhos sozinho ou sozinha; perda (temporária) do emprego; aposentadoria; problemas financeiros importantes; dificuldades importantes com o patrão ou empregador.
Estressores Leves: grau 2	- término do namoro; abandono ou saída do filho de casa; discussões na família; entrada para o colégio; insatisfação no trabalho; residir em zona de alta criminalidade.

Fonte: DSM-III-R, 1987⁶

⁶Tabela fornecida pelo professor Cláudio Maria da Silva Osório no Curso Novos Modelos de Gestão do Trabalho, Saúde Mental e Patologia. (UFRGS-HCPA, 2014)

Na tabela acima podemos observar uma das possíveis categorizações dos estressores, desde o grau mais grave até o mais leve. Vemos que estressores com grau catastrófico são aqueles que fazem os desastres naturais, a prisão e o sequestro, assim como o estupro e as agressões físicas e psicológicas como as que foram parte da tortura e da repressão no Terrorismo de Estado exercido pela Ditadura Militar no Uruguai.

FATORES DE PROTEÇÃO

As autoras Yunes & Szymanski definem os mecanismos de proteção como “aqueles que, numa trajetória de risco, acabam por mudar o curso da vida da pessoa para um ‘final feliz’” (2002, p.39). Segundo seus estudos, os “sistemas de proteção”, são trazidos pelos pesquisadores em resiliência como aqueles que asseguram a preservação e o desenvolvimento frente a crises e a situações adversas. “Os sistemas de proteção atuam em diferentes pontos do desenvolvimento e em diferentes contextos”(YUNES & SZYMANSKI, 2002, p 37).

Na busca pela bibliografia de resiliência, pude comprovar como a procura pelo estudo destes fatores é um comum denominador nas pesquisas voltadas ao tema. Alguns nominando-os fatores “mediadores” (buffers), protetores ou de proteção (COUTO 2007).

Rutter (1987), nos traz a importância de valorizar esses fatores como processos ou mecanismos e não de forma pontual como variáveis estáticas, senão como em contínuo desenvolvimento. Então se procuraria pelos processos que protegem frente aos mecanismos de risco. Podemos apreciar que para este autor os mecanismos centrais que favorecem os processos de proteção na resiliência são:

- diminuição da exposição da pessoa frente ao risco;
- diminuição das reações negativas produzidas pela vivência da pessoa à exposição do risco;
- importância das relações de apego incondicionais e seguras, mantendo assim a autoestima, e cumprindo as tarefas com sucesso tendo autoeficácia;
- criar oportunidades de virada para o positivo, o “final feliz”.

Para Sousa (2006), “Ao risco contrapõe-se a proteção e de uma situação de vulnerabilidade pode passar-se a uma situação de desenvolvimento..” através de um conjunto

de fatores que interagem naquele contexto, naquele indivíduo e naquele momento, características protetoras reforçam a capacidade de resistência individual.

Grodberg (2005, p.16 e 17) identifica fatores resilientes, organizando-os em quatro categorias diferentes: eu tenho (apoio), eu sou, e eu estou (força intrapsíquica); e eu posso (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos).

Segundo Cyrulnik (2001) os fatores de proteção são características das pessoas ou do ambiente que atenuam o impacto negativo das situações e condições estressantes, havendo fatores protetores internos, como ambientais ou externos. Dentro dos fatores internos poderíamos enumerar as seguintes características: - prestar serviços a outros ou a uma causa; - criar estratégias de convivência e de solução de problemas; - o sentido do humor; - a socialização como a capacidade de criar amizades; - o controle interno; -a autonomia; - visão positiva do futuro pessoal; - flexibilidade; - automotivação; capacidade de aprendizagem; -autoestima e confiança em se mesmo.

Também Masten & Garmezy (1985, apud COUTO, KOLLER & NOVO, 2006), propõem três fatores de proteção identificados em seus estudos:

- 1) fatores individuais, atributos disposicionais como autoestima;
- 2) fatores familiares, como coesão familiar e ausência de conflitos e
- 3) fatores de suporte, disponibilidade de redes de apoio social que encorajem o indivíduo a lidar com as adversidades.

Nesta pesquisa analisarei a presença destes fatores nas histórias de vida narradas pelos sujeitos do estudo para identificar sua existência e o valor que tiveram na superação das situações de violência por eles vividas.

*Los científicos dicen que estamos hechos de átomos,
pero a mí un pajarito me contó que
estamos hechos de historias.*

Eduardo Galeano

CAPÍTULO 4: AS HISTÓRIAS DE VIDA E UMA VISÃO DESDE A RESILIÊNCIA

NIBIA

59 anos

Presença política da Ditadura Militar de 1974 a 1985.

Nibia nasceu em Rivera, cidade fronteiriça com Brasil, ao norte do Uruguai, em junho de 1954. Veio de uma família muito humilde, que se mudou para a periferia de Montevideú quando ela tinha apenas três anos de idade. O pai trabalhava na construção civil e a mãe era costureira. Viviam numa situação de necessidades cotidianas. O tio, que também era construtor, morava do lado. Cresceu junto com o irmão e os primos. Foi uma infância com muitas necessidades, passou fome várias vezes. Contudo as necessidades não impossibilitaram que ela tivesse também bons momentos.

Gostava muito da escola, de ler, e sua maestra do 6º ano (6ª série no Brasil) falava para ela que ia ser uma grande escritora. Lembra com carinho de uma vizinha, também professora, que emprestava livros que ela lia e adorava. Teve a oportunidade de estudar piano com uma outra professora que morava na frente de sua casa.

A adolescência foi algo conflitiva na sua família pelo tema da militância, mas também teve momentos de distensão, com bailes em casa dos vizinhos e passeios ao parque de diversões com os amigos do bairro. No secundário, teve companheiros dos quais guarda lembranças preciosas do começo da militância. Também do comitê de base da Frente Ampla do bairro.

Crescendo na periferia de Montevideú desde cedo sentiu a injustiça na própria carne, o que a fez começar sua militância já na adolescência, quando estudava o secundário. Desde então reconheceu grandes contrastes entre a classe alta e a classe trabalhadora e queria mudar essa realidade.

Já na militância teve companheiros que foram referências. Um deles foi Lerena, que foi morto estando preso, no mesmo local que ela. Também muitas companheiras, que até hoje são suas amigas, mesmo que não se vejam com frequência, continuam com um afeto muito forte.

Mi ideología siempre fue por ese lado, en la medida que yo ya venía de una situación de desigualdad social y económica como que tampoco tenía mucho que perder, o sea, mis objetivos estaban con los de la gente más desposeída.

Durante a militância no secundário viveu os enfrentamentos e a perseguição dos grupos extremistas de direita, o que foi motivo para refúgio em uma vila limítrofe ao bairro, onde conheceu o Chueco Maciel⁷. A ele recorreria em várias oportunidades à procura de ajuda diante das agressões dos grupos fascistas. Quando passa aos preparatórios⁸, começa sua militância no MLN. Nesse momento conhece quem depois seria seu marido e o pai de seus filhos. Aos 19 anos casou-se e foi morar em Las Piedras com os sogros. O casal desejava que sua casa fosse também um espaço de militância.

Um dia, chegando na casa dos seus pais (ela trabalhava junto com a mãe), em Montevideú, foram avisados pelos vizinhos que os militares estavam na casa esperando-lhes. Alertados, escapam, ficando a partir de então na clandestinidade e passam a morar com outras identidades em casas cedidas. Nesse tempo militava com seu marido na divulgação da luta armada, distribuindo publicações do MLN em portas de fábricas e outros locais de trabalho. Também militou nos bairros da periferia (vilas), falando com as pessoas, problematizando o tema da moradia. O tempo de clandestinidade foi vivido onde conseguiam ficar, militando juntos, mas sem aparecer nem para a família nem para amigos, diante do perigo de serem presos.

Viviam intensamente, mais que a intensidade natural da juventude. A gravidade da situação fazia eles mais conscientes da realidade, daquilo que queriam e que podiam mudar.

Yo pienso que es importante dar una idea de lo intensa que era la vida para nosotros. O sea, al estar clandestinos, y en esa situación política que estaba el país, y social ... cada día que vos vivías era un día triunfal, porque habías safado o de la carcel, o de la muerte, o de la tortura .

Poderiam ter saído do país, mas assumindo os possíveis riscos, escolheram ficar para lutar pela mudança, pois a mobilização e a convocatória que tinha se visualizado com a greve geral fez eles pensarem que uma alternativa seria possível.

⁷Chueco Maciel: figura pública uruguaia, veio do interior do país e passou a morar na periferia de Montevideú. Roubava bancos e repartia o butim com os pobres, nos finais dos anos 60 e princípio dos 70. Espécie de Robin Hood uruguaio.

⁸Preparatórios: últimos anos do ensino secundário.

A nosotros nos habían dicho que nos fuéramos del país ... porque no se veía perspectiva cercana de que hubiera un cambio, y bueno, no nos quisimos ir ...

...nos quisimos quedar con aquella cabeza que nos quedábamos, a luchar por lo que fuera, por lo que se pudiera lograr, porque preferíamos la cárcel, o la muerte, o la clandestinidad antes que dejar la lucha en el país. Era muy idealista, pero era nuestra cabeza así.

O contexto daquele tempo, a efervescência, sobretudo da juventude, empurrava as pessoas a tomar ações, a querer mudar as coisas. A nível internacional, a Revolução Cubana, o Maio Francês, a luta pela independência da Argélia, tudo isso era parte da dinâmica daquela época, do acreditar numa sociedade mais justa.

Te podiam matar em qualquer momento, como mataron a muchos ... asi era la vida en esa época.

Querendo um filho, nesse período, a notícia da gravidez chega dois dias antes de serem surpreendidos pelos militares. Quando iam chegando na casa onde estavam escondidos, Nibia percebeu o portão fechado de uma maneira diferente a que estavam acostumados deixar. Os militares estavam esperando e receberam eles atirando. O marido caiu na rua, ferido. Ela foi presa e levada para dentro da casa, onde imediatamente começa a ser torturada. Foi encapuzada e lhe tiraram a roupa. Foi espancada, sofreu golpes no corpo todo, sobretudo nos ouvidos. Foi bolinada, e lhe beliscaram e torceram os bicos dos seios. Além disso, lhe torturaram psicologicamente, ora falando que o marido estava morto, ora que a vida dele dependia do que ela falasse. Quando a levam de casa, vê seu marido jogado no chão da rua, ferido. Isso aconteceu em maio de 1974. Nesse ano a militância sofreu muitos reveses com companheiros presos e mortos.

Presa, foi levada a um quartel da Força Aérea. Lá recebeu torturas de todo tipo, foram horas intermináveis em pé, sem poder mover-se, golpes, choques elétricos em várias partes do corpo (também na vagina e no útero), afogamentos, prisões em celas minúsculas totalmente escuras, etc. Mas, o que mais a afetou foi a tortura psicológica e as bolinações:

(...) era el manoseo, el manoseo, el manoseo espantoso... yo creo que fue más jodido para mi sufrir eso que la tortura física, creo que la tortura psicológica es la peor, la peor...

Ao ser comprovada sua gravidez pelos militares, isto não mudou nada o trato e a tortura a que foi submetida. Em julho desse ano, foi levada a uma torre junto com outras presas, reclusas em calabouços diminutos. A tortura continuou, apesar da gravidez, a qual não foi atendida em nenhum momento, não sendo acompanhada por ginecologista nem outro médico.

(...) tenía terror, de que... yo pensaba que lo iba a perder, pensaba que iba a perder el embarazo, porque primero, hacía muy poco, era un embarazo muy chiquito... y por el tratamiento que estaba recibiendo, era muy difícil... Porque me habían dado muchos golpes, porque me habían dado picana en la vagina, porque me habían dado picana en la zona de los ovarios, porque me habían hecho mucho tacho, porque había aguantado muchos plantones, horas de plantones...

Em setembro foi o julgamento pelo juizado militar e lá viu seu marido e outros companheiros, mas não conseguiu falar com nenhum deles, estavam todos incomunicáveis. A partir do julgamento começaram a poder receber visitas dos familiares. Foi nesse momento que os pais viram que estava grávida, pois até então eles não tinham como saber.

Aos 8 meses de gravidez, começa a passar mal, e é levada ao hospital, onde diagnosticam hepatite. Foi tratada no Hospital Militar, onde recuperou o peso e a fraqueza, pois comeu bem. Recebeu alta do hospital em um mês. Foi levada de novo à torre, ficando sozinha, pois as companheiras já tinham sido transferidas para o Penal de Punta de Rieles.

Quando começou o trabalho de parto, foi transferida novamente ao hospital. Incomunicável e totalmente desinformada sobre o processo do parto, acabou que teve um parto muito difícil, com rasgamento e hemorragia pós-parto. Ficou muito fraca, foi necessário fazer transfusão de sangue.

(...) el parto fue tremendo, por eso, porque yo no sabía nada, no sabía que hacer... mi hijo pesó 4 kg, tube un desgarro enorme, y la única imagen que tengo de algo así, más o menos humano fue cuando nació... el médico se paró así y me sonrió, fue todo, todo el gesto que tube...

O bebê foi alojado no berçário e ela era levada a amamentar muito esporadicamente, o que intensificou o medo de que ele fosse tirado dela. O dia que foram a buscá-la foi um dia muito difícil, pois ela achou que ia ser levada sem o bebê e ficou com muito mais medo.

(...) hasta que un día aparecieron los milicos y yo dije, bueno, ta... les pregunté si me llevaban con él y me dijeron que no sabían. Y bueno, para mi ese día fue terrible, porque tenía miedo de que se lo llevaran ellos, de que se lo quedaran... Finalmente me llevaron para el cuartel con él...

Por fim transferem ela junto com o bebê para um quartel da Força Aérea, onde ficou sozinha com ele num calabouço até os seis meses de idade. Como ali Nibia recebia visitas, sua mãe pegava o netinho e o levava para visitar o pai, também preso, no Penal da Liberdade.

Um dia, recebeu a visita do General da UCOA que lhe propôs “ficar” com o bebê, o que motivou novamente o medo de que lhe tirassem o bebê de qualquer jeito, então, decidiu entregá-lo à sua família, para que o cuidassem e assim ficar longe desse perigo.

(...) ahí hablé con mi madre y le dije que tenía miedo de que me lo sacaran, que había pasado eso y que prefería entregársela a ella, y cuanto más chiquito mejor me parecía. Todas esas decisiones por instinto, por pensar que en esa situación, dónde yo estaba en sus manos y todo el mundo estaba en sus manos... que podía ser lo mejor de hacer? No sé si fue lo mejor o no, pero fue lo que me pareció en ese momento, de entregárselo a mi familia, a los 6 meses, tenía 6 meses en julio del 75. Y que se quedara con mis padres...

Deixar o bebê foi muito difícil para ela, a separação foi muito triste, mas a deixou mais tranquila. A família ficou com a criança até o momento de ela ganhar a liberdade, 10 anos depois.

Fue horrible, la separación de un hijo es algo indescriptible de triste... este... e... pero bueno, por lo menos me quedé tranquila que estaba con mi familia.

Então foi transferida para Punta de Rieles, onde passa o primeiro mês sem receber visitas. A partir disso, passa a receber visitas do filho uma vez por semana e a de demais familiares a cada 15 dias. Os avós foram os que sempre levaram o neto para visitar sua mãe, bem como ao pai. E foi assim durante 10 anos, tempo que morou com os avós e com uma tia, pouco mais velha que ele.

No cárcere de Punta de Rieles, as presas tinham estratégias de sobrevivência para superar as circunstâncias limites e se recompor para enfrentar a política do cárcere, que era a mesma política repressiva do país. Embora recebessem constantemente sanções pela postura de

resistência e enfrentamento, essas atitudes coletivas fortaleciam o grupo para continuarem enfrentando a situação.

(...)cuando yo llegué a la cárcel esa era la postura en general, o sea, una postura colectiva, frente a los tipos, frente a su represión. Nos costaba sanciones, nos costaba calabozo, pero a la vez también nos fortalecía porque vivíamos manteniendo una actitud coherente... esencialmente, ese fue el motor de nuestro pasaje por la cárcel.

Era uma frente de luta, com condutas de resistência, resistência ao trabalho forçado, com decisões tomadas em conjunto. Dentro da prisão tinham uma boa vida social, sendo setores de 48 mulheres com celas de 12. Quando podiam liam, faziam peças de teatro e cantavam, cantavam muito em coro... As janelas permaneciam o tempo todo tapadas com tapumes, e as presas gritavam por umas ventoinhas, que era o único lugar por onde entrava o ar. Num momento, já mais adiante decidiram tirar os tapumes das janelas. Isso foi em 1984. Se comunicaram entre elas e tiraram juntas, coordenadas, para não sofrerem repressão.

Em abril de 1984, e sem causa aparente e sem aviso prévio, Nibia é chamada e isolada das outras detentas. Pedem para tirar a roupa, diante da negativa e dos gritos pedindo ajuda às companheiras, apanha muito. Por fim, colocam-na em um furgão junto a outra companheira que também ia ser transferida. Ela conta:

Querían que me sacara la casaca, no me la saqué, ellos me la arrancaron, me encajaron una mordaza ... y después me bajaron por las escaleras rodando ...y ahí me metieron en una camioneta ... al rato meten a Paula, que me pregunta:

- que te pasó ?

- No sé, me pegaron.

Estaba toda golpeada ... toda la cara hinchada ...

-qué nos van a hacer ? me pregunta Paula ...

-No sé Paula ...

pero yo en ese momento, y más allá de mi terror, la vi tan aterrorizada a ella que traté de calmarla. Digo:

- no te preocupes estamos las dos, algo, algo, este ... algo vamos a poder hacer, rsrs ... le decía yo. Entonces bajan a Paula ...”

Dessa vez Nibia foi retirada do penal e transferida para a 9ª Cavalaria, local famoso pelas torturas. Levaram todas suas coisas, como se não fosse voltar ao Penal de Punta Rieles. Foi deixada em um calabouço e foi torturada com “submarino seco” todos os dias.

Depois de alguns dias no calabouço recebe a visita da Cruz Vermelha. Os militares ameaçam ela para falar que é tratada corretamente. O delegado da Cruz Vermelha fala para ela que se está providenciando que seja transferida de novo a Punta de Rieles. Depois, informando ao marido a situação dela. Os familiares tinham denunciado a sua situação e de outras três companheiras, logo ao saberem da transferência inesperada do Penal. Após três semanas, a transferem novamente a Punta de Rieles, sendo retirada encapuzada de um caminhão, as companheiras começam a cantar em coro dando as boas-vindas, o que a deixa bastante emocionada.

A las 3 semanas me vuelven a Punta de Rieles, me bajan encapuchada, y me entran encapuchada al penal. Cuando me bajan, fue impresionante, ese recuerdo me quedó porque voy entrando por la puerta de adelante y se empieza a sentir el canto de todos los sectores de las compañeras que empiezan a cantar, y fue impresionante, una alegría, una alegría de volver al penal ... a las compañeras.

Foi libertada em 27 de fevereiro de 1985. Uma das primeiras coisas que fez em liberdade foi ir ao encontro do marido, ainda preso. Logo em seguida, em março ele é libertado também. Projetaram juntos uma primeira etapa de reencontros e de testes para saber se o casal se manteria após tanto tempo. Decidiram morar perto da casa dos pais dela, que estavam há dez anos criando seu filho. Assim para fazer a mudança mais paulatina para todos, sobretudo para o filho. A relação com o filho, no começo não foi fácil, pois o filho a essa altura já entrava na pré-adolescência. No início, foi difícil a comunicação, sobretudo em relação ao tema do cárcere. Isso melhorou com o tempo, e não houve rechaço do filho aos seus pais, o que aconteceu em vários outros casos parecidos.

A relação entre o casal, apesar das dificuldades, desde o início foi boa e ainda foi melhorando com o tempo. Resolveram ter outro filho, veio uma menina. Hoje eles estão com o filho de 35 anos de idade e a filha com 25.

Para Nibia não foi fácil se adaptar depois da saída, “com uma história a construir o reconstruir”, pois cresceu dentro da cárcere, ao entrar com 19 anos e sair com 30.

La cárcel, la tortura, la no libertad, todo eso, yo creo que nos afectó muchísimo a todo el mundo, física y psicológicamente.

Não consegui falar do acontecido por mais de 15 anos, foi um processo longo e difícil, recém a partir do ano 2000 consegui tratar com maior naturalidade.

Yo, es decir, la mayoría, no pudimos hablar de lo que nos había pasado ... yo ahora te hablo lo más bien, lo más tranquila, pero los primeros tiempos, no podía hablar. O sea, estuvimos entre 10 y 15 años sin poder hablar de eso, o hablabas en general, o de la parte graciosa, anecdótica, pero de las cosas que realmente te habían ... este ...reventado por dentro, no podías hablar, no lo podías enfrentar.

Então foi que começou uma terapia, conseguindo hoje falar dos sofrimentos do cárcere. Em seguida foi diagnosticada com depressão e até hoje ainda toma medicamentos. Hoje, depois da terapia e após assumir sua história, já releva a problemática, mas a princípio tinha vergonha de reconhecer que tinha sido afetada.

Quando foi processada, achou que seria libertada apenas no ano de 90. Diante disso, achou que não ia aguentar, mas aguentou. Encontrou em si mesma uma capacidade de resistência que ela não sabia que tinha.

Cuando me preguntan - Cómo aguantastes? - No, yo tampoco sabía que lo iba a aguantar, pero tu instinto de conservación se magnífica, se engrandece y vos lográs sostenerte frente a situaciones que nunca imaginabas que lo ibas a aguantar.

Ela se propôs a levar sua história de maneira construtiva, para que o que lhe aconteceu fosse útil em algum momento, para que não se repetissem essas coisas e para buscar por justiça. Sobre tudo entendeu que sua história de vida poderia servir também para a educação, para que os jovens saibam o que aconteceu, para que não aconteça de novo.

Nibia continua sendo militante, se dispõe a dar entrevistas, ministrar aulas. Acha que tem que se adaptar à realidade. O importante para ela é que segue viva e com isso ela pode continuar a seguir procurando as mudanças, as utopias.

Yo me planteo las cosas de esa manera, constructivamente y siempre reciclando todo lo que me pasó de manera tal que sea útil, que sea útil en algún momento para lograr justicia, que sea para que no vuelva a suceder, que no vuelvan a pasar estas cosas.

Salienta que a experiência de presa política foi muito intensa e que teve muita aprendizagem. Lia muito, mesmo que os livros que tinha à disposição fossem “fascistas”,

havam neles citações de filósofos esquerdistas, que usavam para discutir sobre diversos temas. Aprendeu muito sobre valores humanos nessa época, sobre vida coletiva e solidariedade. As companheiras repartiam os mantimentos que os familiares enviavam.

O projeto de vida na sua juventude era o de ser assistente social, era sua vocação. Mas não conseguiu concretizar antes de cair presa. E depois de liberta, não conseguiu voltar a estudar. Também seu projeto era casar e ter filhos, queria ter tido mais filhos. A opção pela militância também foi consciente, e optou pelo lugar onde se viabilizava uma mudança radical da realidade, pois achava que essa mudança não poderia ser pacífica.

Continua na militância de uma forma que “*se adapta a esta realidade*”. Segue na militância social, não só no Crysol, como também no seu bairro, na prática concreta.

(...) yo pienso que seguimos siendo militantes, y nos tenemos que ir adaptando a la realidad que tenemos y somos productos de nuestra historia ... pienso que viene por ahí la cosa, por más que uno se halla sentido débil en algún momento o sentido derrotada, sigue vivo, y mientras seguís vivo, podés seguir buscando estar mejor, podés seguir buscando las utopías, y superarte...

Ao ser perguntada quais foram os fatores que a ajudaram a passar por esses momentos difíceis, ela respondeu que um deles era que não estava sozinha, que era parte de um coletivo com os mesmos objetivos. Também foi ajudada por sua ideologia e por sua consciência de classe. Outro fator foi o que aprendeu enquanto esteve presa, a generosidade, a solidariedade, a consciência de que podia contar com as companheiras. Junto a isso havia muito afeto e se vivia os valores humanos diariamente.

Ao perguntar como se percebe hoje, fala que se percebe como uma mulher feliz, com vontade de continuar a luta e compartilhar sua “bagagem”, sua história. Afirma que tem sequelas, mas assume suas dores e trata de que elas não a dirijam, tenta neutralizá-las.

Yo me percibo como una mujer relativamente feliz, con muchas ganas de seguir luchando, siempre, hasta el final. Sobre todo de compartir todo lo que es mi bagaje donde se necesite, si, soy consciente de que debo tener diferentes secuelas de lo que ha sido mi propia historia, mi propia experiencia, pero siempre voy tratando de sobrellevar y que no me determine, no me condicionen, sino de asumirlas e irlas puliendo, de alguna manera, irlas contrarrestando... Me veo como una mujer dispuesta a seguir luchando siempre y compartiendo con quien me necesite.

STELLA

60 anos

Presa da Ditadura Militar desde 1974 a 1982.

Stella teve uma infância feliz, foi estudante e brincava na rua com os amigos. “Uma infância normal”. Tinha muitos primos com os quais conviveu e compartilhou muitos momentos. O pai era comerciante e a mãe era dona de casa que se dedicou a criar ela e a sua irmã, Silvia Reyes, dois anos mais nova. Na adolescência, também com muitas amizades, ia em festas de aniversário e nas clássicas festas de 15 anos das amigas. Elas também tiveram suas próprias festas de aniversário. Foi ao colégio e ao secundário no bairro. Dava-se muito bem com sua irmã, eram companheiras primeiro de brincadeiras e depois de saídas. Logo em seguida se tornaram companheiras de militância. A presença de seus avós, até quando já era adulta, assim como de seus tios e primos, ficou gravada na sua memória.

Começou a militar influenciada por um tio, ainda adolescente, tinha em torno de 16 anos e foi quando se fundou a Frente Ampla no ano de 71. Cursava o secundário, no bairro dela, Buceo, mas militava no Teja, bairro mais popular, nos comitês da Frente Ampla. Lá ajudava na vila chamada Cachimba del Piojo, com distribuição de roupas e alimentos, sempre com o tio, que foi preso e exilado nesse mesmo ano. Esse momento ficou para sempre gravado em sua memória. No ano de 1971 militou muito para as eleições e, quando a Frente Ampla perdeu, se sentiu muito desiludida, pois isto determinava que a tia e a prima, a família do tio exilado, tinham que sair do país, para juntar-se a ele no Chile.

Na adolescência, seus questionamentos e sua rebeldia a levaram a enfrentar o pai, o que gerou muitas discussões dentro da família. O pai era Colorado militante, a mãe era Blanca e ela e a irmã da Frente Ampla. Isso mostra a pluralidade de ideias que circulava no lar, porém, apesar das discussões, isso nunca causou maiores desavenças familiares. O pai era mais conservador e colocava bastantes limites, que eram frequentemente quebrados por ela. Era transgressora. O pai, como típico militante do partido colorado, era contra qualquer movimento de esquerda e não acreditava que existissem torturas e nem repressão por parte do governo. Até que aconteceu com as próprias filhas, o que o fez mudar de opinião.

Stella pertenceu a uma geração de mulheres que começaram nas organizações políticas e nos sindicatos. Os grupos políticos eram bem machistas naquela época e não foi fácil a integração da mulher.

Era uma época de grandes mudanças. A música, por exemplo, apresentou uma mudança radical, quando explodiu o rock'n'roll, que revolucionou o que se ouvia até então. Os colégios começaram a ser mistos, quando antes eram divididos por sexo. Na moda, os jovens começaram a usar outras formas de se vestir e de usar o cabelo, com mais liberdade, o que afetava as pessoas de moral conservadora. Era uma época que se questionava todas as regras sociais e também as políticas.

Stella, apaixonada, casou-se aos 18 anos, embora o pai a princípio não estivesse de acordo, por considerá-la muito nova, mas isso tampouco impediu a união. E eles passaram a morar em uma casa nos fundos da casa dos pais dela. O projeto de vida nesse momento era trabalhar, estudar e militar o mais que pudessem. No momento, ter filhos não estava dentro de seus projetos. Trabalhava no comércio, tinham uma situação econômica boa, pois o casal possuía bons empregos.

Sua participação na luta social foi motivada pela injustiça que observava na sociedade, a igualdade entre as pessoas era sua motivação. Mesmo sabendo de companheiras que tinham sido presas, ela continuou motivada na militância. Ao perceber que através das eleições não conseguiriam as mudanças, procurou uma organização onde se visse uma possibilidade real de transformação social. Assim começou a militância no “Movimiento 26 de Marzo”.

Nesse tempo já começaram a saber de companheiros torturados e mortos, o que os fez continuar a militância com mais afinco ainda. Embora soubessem das torturas, nunca imaginaram que fosse com tamanha brutalidade. Era inimaginável para Stella e seus companheiros. Stella conta como eles torturavam por torturar, pelo simples prazer de ver alguém sofrer. Nunca poderiam pensar que iam torturar as pessoas até matá-las e ainda fazer desaparecer o corpo. Não tinham medo porque não se imaginava que ia acontecer isso.

(...) sabias de la tortura, te habías preparado, pero no!! fué más allá de lo que te preparastes... no pensábamos, que íbamos a desaparecer meses y meses, que tu familia no iba a saber nada de vos y te podían hacer cualquier cosa, porque si, sin nadie que te defendiera, sin abogado ni nada...

No era imaginable, tampoco era imaginable que seres humanos hicieran las cosas que hicieron, tampoco. Sólo los que lo pasaron, sino no te lo imaginás, que seres humanos... una persona iba a ser un desequilibrado, un loco... como que no eran personas, se reían y disfrutaban, y, torturaban por torturar, porque una cosa era para sacar información pero otra sólo por torturar...

Quando um grupo de companheiros caem no Teja, em 72, ela passa a militar no seu bairro, agora pelo MLN. Stella passou a fazer documentos falsos, para que as pessoas que ficassem na clandestinidade pudessem sair do país. A irmã dedicava-se à propaganda, junto com o seu cunhado, desaparecido depois. Os anos de 72 e de 73 foram de muito trabalho, pois teve que fazer muitos documentos para os companheiros que estavam saindo do país para evitar caírem presos. Ela casou-se em 72, trabalhava numa loja, estudava umas matérias no secundário e militava fazendo os passaportes falsos junto com seu companheiro. Stella conta como nessa época ela era feliz. Mas em seguida, em 73, a coisa começou a se complicar bastante. A primeira notícia de um companheiro morto causou um impacto avassalador. Impacto que só aumentou à medida em que a todo instante chegavam novas informações de mais e mais companheiros mortos. Mas nada mudou na militância, continuaram a fazer seu trabalho.

(...) mi vida de militancia fue un poco distinta a la de otros, porque no estaba en una columna armada... yo estaba en la columna 70, se llamaba servicios. Éramos los que hacíamos propaganda, mi hermana y mi cuñado hacían propaganda, tenían un planograf, todo muy rudimentario ...yo hacía documentos falsos ... el 72 viví haciendo documentos falsos, porque la gente se tenía que ir del país, pasaba a la clandestinidad y bueno salían del país ... (...)yo vivía, en realidad ... trabajaba, estudiaba y de noche hacía documentos, o sea ... el tiempo no me daba para nada ...

(...) yo en el año 71 y hasta parte del año 72, militaba en La Teja, iba a la Cachimba del Piojo a entregar medicamentos y ropa y esas cosas para ayudar... donde había gente muy pobre ...en ese comité ayudábamos mucho... en ese tiempo hacía una vida en realidad variada, y feliz podría decir. Porque yo, quería cambiar las cosas y estaba haciendo por cambiarlas, quería estudiar y estudiaba. Quería tener mis cosas y trabajaba, los fines de semana alguna vez iba a bailar ...No puedo decir que fue una cosa ... si que muchas veces andaba sin dormir, pero eso cuando uno es joven aguanta cualquier cosa ...Todo eso se fué acabando en el 73 con la caída y muerte de muchos compañeros conocidos.

Assim, tanto ela como sua irmã, que se casou nesse ano, continuaram com a militância. No ano 74, no dia 21 de abril, os militares foram procurar seu cunhado, Washington Barrios. Ele

não estava em casa, trabalhava numa agência de viagens e havia viajado a Córdoba um dia antes. Com um aparato espetacular de forças, que cercou o bairro inteiro, chegaram até o apartamento onde morava sua irmã, o marido, e também outras duas militantes clandestinas. A irmã de Stella tinha 18 anos e as outras duas eram também jovens como ela. Os militares estavam alucinados, tamanha a fúria com que procuravam os militantes. Os vizinhos, assustados, contam que ouviram elas gritando pedindo piedade, chorando, mas isso de nada adiantou. Os militares, ao encontrarem as três meninas, metralharam-nas. Silvia estava grávida de três meses. Foram praticamente esquartejadas a tiros, havia pedaços delas por todo o cômodo e, quando o pai de Silvia foi reconhecer o corpo, quase não conseguiu, tamanha a desfiguração, e não havia como reconstituir o corpo. Foram contados 38 disparos no que restou do corpo de Silvia. Nenhuma das três moças tinha armas e nem faziam parte diretamente da guerrilha armada.

Nessa mesma ação, um motociclista que passava pela rua e que não ouviu as ordens para parar foi metralhado também, morrendo na hora. Os militares pensavam ser o cunhado de Stella, Washington Barrios, mas era, na verdade, um policial à paisana que não tinha relação nenhuma com ambos lados da história.

Da casa de Silvia, os militares foram para a casa de Stella. Ela morava na casa dos fundos da de seus pais. Quando pelos megafones deram a ordem de sair da casa com as mãos para o alto, eles tentaram fugir pelos fundos, junto com o marido e um casal que estava se refugiando com uma bebê de 9 meses.

Salimos por el fondo, en el fondo vivían mis abuelos, yo le digo - dejamos la bebé con mis abuelos, cuando golpeamos, ya sentíamos tiros y tiros, impresionante... y como mi abuela no atendía, dije - dejamos aqui la beba que mi abuela enseguida va a abrir... y huimos saltando por el muro, mi compañero y la compañera fueron capturados... nosotros nos escondimos por ahí... Acribillaron la casa toda, si no hubieramos salido estábamos todos muertos!!

Novamente ocuparam todo o bairro. Todos os moradores foram tirados de suas casas sob tiros. Disparavam tanto que alguns militares foram feridos pelos seus companheiros de farda. Stella se escondeu numa casa de uma esquina, num galpão, e sendo procurados casa por casa, foram achados. Ao ser pega já foi golpeada com força no estômago. Foi amarrada com arame e em seguida espancada por vários militares na rua, em frente aos vizinhos, que gritavam: “parem, parem, não a matem, não a matem...”

(...) en ese momento que yo decía - me matan. Estaban los vecinos que decían -no la maten, no la maten, es una chiquilina del barrio. Gritaban, -por favor no la maten!!! detrás de las ventanas que estaban todas cerradas, se sentían los gritos. Yo sentía los gritos de los vecinos, yo me acuerdo de eso, ese recuerdo me quedó grabadísimo, muy grabado ... porque yo perdí el conocimiento en algún momento, me rompieron el caballete de la nariz ... me llevaron para el cuartel... y ahí ya comenzó la tortura ...

Levada ao quartel, foi jogada no chão e arrastada pelos cabelos até a sala de tortura, onde o primeiro que fizeram foi tirar-lhe o capuz e mostrar a identidade da irmã, falando que tinham matado ela. Stella não acreditou neles, por um bom tempo, achou que ela estava viva em algum lugar.

(...) cuando entré en la sala... me levantaron la capucha y la venda, y me mostraron la cédula de mi hermana, me dijeron - ves ? mira a tu hermana, la matamos, matamos a tu hermana.

Y yo no creía, -ta, habrán ido y la habrán detenido como a mi, estará por acá, ese fue mi pensamiento por suerte durante unos cuantos días, me salvó también eso, la cabeza. O sea hablando de la resiliencia, el esfuerzo que hice fue no creer, pensé que lo hacían como tortura psicológica ...

(...) me decían que el cuero cabelludo estaba en el cielo raso, era verdad, pero yo no creía...

Ao ver que ela não acreditava na morte da sua irmã, fizeram continuamente alusão a isso, para atingi-la psicologicamente. Com o tempo e escutando as conversações que tinham entre eles ela começou a suspeitar que fosse verdade.

Era tan macabro que no parecía real...

le entregaron el cuerpo a la familia en una sábana, para que lo arreglaran, la persona que acomodó el cuerpo quedó traumatizada por mucho tiempo.

Foi presa e deixada em situações muito precárias de higiene e de alimentação, em celas pequenas e lotadas. A deixaram nua. Foi torturada, seviciada, bolinada e insultada incontáveis vezes.

Un día me llevan a bañar... y yo no reconozco mi cuerpo. En la enfermería, delante de todos los soldados ... pero no importaba para mi que me llevaran después de una semana, quince días, no sé... pero no reconozco mi cuerpo... así, no tenía ni un lugar de color de piel, era

negro, marrón, violeta ... pero todo el cuerpo, era una cosa irreconocible, yo misma me sorprendí de estar viva en esas condiciones ...

Transferida de quartel, com outros companheiros, ficou muito preocupada pois não queriam receber ela por ter um dente inchado. Era uma sinistra ironia, pois estava toda machucada, cheia de hematomas e inchaços e não iam recebê-la por causa de um dente inchado. Foi levada ao dentista, que indicou tratamento com antibióticos, que não foram administrados. Os militares então amarram seus pés e suas mãos e arrancam o dente à força, sem anestesia. Além da dor, Stella sentiu a boca encher de sangue, foi uma hemorragia bastante preocupante. Um companheiro, que era dentista, se identifica e prontifica a ajudar, mas é espancado enquanto os militares dizem que “ali ele não era nada, apenas um preso”.

(...) nos salvamos, porque éramos jóvenes, bien comidos, bien alimentados, yo que sé, no sé, yo creo que muchas de esas cosas que nos salvaron ... y la cabeza, y creo que en muchos de nosotros por lo que tenías atrás, la familia que sabías que te estaban buscando, porque estabas desaparecido, por lo menos yo sabía que mis padres estaban preocupados buscándome ...”

Foi continuamente torturada psicologicamente com a morte da irmã. Stella sentia que os militares queriam vê-la sentir-se humilhada e triste. Multiplicavam as situações nas quais ela era induzida ao desespero, mas Stella nunca chorou a morte da irmã na frente deles.

Um dia, Jorge Silveira, um dos piores torturadores da ditadura (hoje em dia preso) a chamou em sua sala e lhe disse: “bueno... mueren de un lado y mueren del otro... mueren de los dos lados, así que estamos iguales, vos tenés que aceptar que a tu hermana la matamos, tenés que aceptar,... porque no llorás? llorá !! -Yo te voy a hacer llorar.”

Stella lembra como ele fez vendar seus olhos, tirar as roupas dela, e deixando ela nua, atou suas mãos e pés, a deitou de bruços sobre seu colo e com uma tábua molhada bateu-lhe nas nádegas falando assim: “- Esta por tu padre, que te dejó entrar en esto, esta por tu marido que no te tendría que haber dejado meter en esto...” e assim até que se cansou.

Vos sabés que aguantaba las lágrimas pero... yo no sentía tanto el dolor, sino la indignación de que me tuviera así, me sentía ...a los 20 años esas cosas sentís esa rabia de ese tipo que me tenía así, como humillada... hasta que se cansó y me mandó de sentón... eso era una tortura psicológica, porque mis compañeros estaban todos de plantón, y me trabajaba eso, que iban a pensar mis compañeros, que salía de su salita y él me dejaba de sentón... que a mi me dolía

más porque estaba con las nalgas sangrando... pero claro que ellos no sabían porque estaban todos vendados...”

Ela só foi acreditar que haviam matado a irmã quando recebeu a confirmação por um companheiro. Mesmo assim, em frente aos militares, nunca chorou sua morte.

As torturas foram terríveis no “Barracão”, viveu inclusive a situação de um companheiro que escutaram gritar até a morte. Esse companheiro até hoje figura como desaparecido.

Stella ficou sabendo do Plano Condor presa na infantaria, pelo mesmo coronel Cordero, pois foi torturada psicologicamente com a detenção do cunhado em Córdoba, Argentina. “Ele vai ter o mesmo destino que tua irmã, - lhe disseram - e você também, se não colaborar.” O cunhado desapareceu depois de preso e até hoje não sabem de seu paradeiro.

Depois de quase um ano, recebeu a primeira visita da família. Era a primeira vez que falava com eles depois do acontecido com a irmã e o cunhado. Momento que ficou gravado na sua memória.

Stella conta que no “Barracão”, embora não pudesse falar com os companheiros, somente por sentir a sua presença ao redor, sentia-se apoiada.

Mais tarde, transferidas ao Penal de Punta de Rieles, já com as companheiras, relata que as torturas eram mais psicológicas. Numa oportunidade, colocaram ela junto com uma companheira com desequilíbrio psiquiátrico, que achava que tinham matado sua irmã, e passava gritando isso o dia todo: “mataram a minha irmã, mataram a minha irmã!” Um dia veio o Silveira e falou “- Você viu? Ela grita pela sua irmã, mas de quem matamos a irmã foi você, não dela, a irmã morta é a sua!” Uma tortura psicológica sempre nesse sentido.

A cada 21 de abril, todos os anos, levavam ela isolada a um calabouço, e também foi nessa data que soltaram ela. O objetivo, falado por eles mesmos foi que nunca pudesse festejar a sua liberdade, por ser esse o dia em que sua irmã tinha sido morta.

No dia que foi solta, estava a família esperando fora. Os militares conversaram com seu pai, conforme lembra:

le dicen a mi padre, asi textuales palabras, que yo tuve que agarrar a mi padre fuerte ... -acá le entrego una, a la otra no se la puedo entregar, le dijeron a mi padre, horrible para el. Mi

padre se les quiso abalanzar, y yo le dije, - vamos papá vamos, que estoy libre... mi padre lloraba, lloró horrible, pobre ...

No bairro todos esperavam ela com uma festa. Os vizinhos foram cumprimentá-la, com todo o carinho, pois a conheciam desde criança, muitos a viram nascer.

Stella conta como demorou para falar do acontecido no cárcere. “Para que falar?” Se perguntava, para que contar aos outros as coisas horríveis que aconteceram com ela? “Vou assustar as pessoas com o que aconteceu, e isso já passou”. Os ex-presos não falavam do acontecido, nem com os companheiros, nem com a família, nem nos lugares de trabalho.

Começar a falar foi um sobre-esforço. Testemunhar nos julgamentos sabendo que era para eles pagarem pelo que haviam feito foi uma grande dificuldade, porque além de relatar os detalhes do que tinha passado, tinha que falar frente a eles mesmos e ao juiz. Falar da tortura foi horrível, era como voltar a viver de novo a situação já sofrida. A acareação com os torturadores são relatados como os piores momentos acontecidos durante as declarações.

En ese momento vivía como de nuevo la situación, por eso también te costaba sacar para afuera...

Depois das primeiras declarações, que foram divulgadas na mídia nacional, Stella, como professora, recebeu muitos comentários, dúvidas e perguntas dos alunos. Mas a surpresa foi com o comportamento dos próprios colegas de profissão da sua geração, que não fizeram pergunta e nem qualquer comentário algum, a única manifestação foi a do silêncio. Assim percebeu como Ditadura afetou não só as pessoas presas, mas também a toda a geração que viveu ela.

(...) llevó años para poder hablar, y hay cosas muy fuertes que no, no las podés hablar, cosas tan horribles que para que te las voy a contar? ya ni agrega ni quita...

Stella observa como as mulheres têm outra forma de lidar com o tema, e têm conseguido falar mais que os homens.

(...) los hombres hablan menos, dan vueltas y no hablan... las mujeres hablamos más...

Para ela é muito importante falar.

Se tiene que saber lo que pasó, se habla de los nazis, pero acá hicieron cosas que copiaron de allá. No se la hicieron a todos, no fue general, pero a muchos se las hicieron, viste? A los desaparecidos a muchos se lo hicieron, los llevaron hasta la muerte, al extremo ese, pero en eso los familiares no queremos pensar, no? Porque claro, yo por ejemplo no pienso en como murió mi cuñado, porque además yo vi morir un desaparecido, entonces si me pongo a pensar en mi cuñado, me desespero.

Depois da saída da prisão, Stella conta que foi muito difícil. Não podia fazer nada, não podia trabalhar e não podia estudar na universidade, como ela queria. Morou com os pais, pois sua casa tinha sido saqueada, não deixaram nem os artefatos do banheiro, nada, igual que a casa da irmã. A princípio, foi como um grande cárcere fora, continuou tendo hábitos de presa, passava fechada no quarto, saía só quando era chamada, não usava copo, tomava água da torneira, não fechava a porta do banheiro quando usava (no cárcere não havia porta no banheiro). Para ela foi bem difícil a reinserção na vida familiar e social.

Ia visitar seu marido no cárcere, mas para isso tinha que faltar nos trabalhos que havia conseguido. Ou seja, durava no máximo um mês ou dois em cada um. Quando o companheiro saiu, tentaram continuar a relação, mas não conseguiram.

Éramos muy jóvenes, éramos dos desconocidos... las parejas un poco más mayores resultaron más. Nos separamos de común acuerdo.

Outra coisa que foi difícil para ela foram os assuntos da história do país e do mundo. Pelo fato de ter estado totalmente incomunicável, sem saber das notícias, de nada, não conhecia as músicas que tocavam nas rádios, não conhecia os acontecimentos do seu próprio país e as mudanças dos últimos anos em todo o mundo. Também teve dificuldade com as roupas, tendo vergonha de usar saia e roupa de praia, de mostrar o corpo.

Foi difícil para pessoas que saíram antes do término da ditadura, pois o isolamento social e o medo que ainda existia na sociedade foram uma barreira quase impossível de transpor.

Depois que se separou, foi viver com o tio no Chaco Argentino, onde ele estava escondido. Esse tio tinha um espírito de liderança, sabia como mobilizar os mais jovens, uma liderança natural que sempre o caracterizou. Mas em seguida Stella mudou-se para Buenos Aires, onde tinha mais atividades e se sentia mais integrada. Lá trabalhou numa montadora de

telefones sem fio e estudou num curso técnico. Frequentou eventos artísticos e culturais, atividades todas que ajudaram ela a se recuperar. Lá conheceu o pai de seus filhos, uruguaio também, com quem em pouco tempo retornaria ao seu país.

Ela havia se mudado para Argentina mas sempre teve a ideia de voltar, o que conseguiu fazer em 1987. Quando voltou, iniciou o curso de licenciatura em geografia. Nesse momento, começou a tentar ter filhos e não conseguiu. Isso a deixou bastante preocupada pois seria possivelmente sequelas da tortura sofrida. Em vários momentos durante as sessões os torturadores falavam que ela não ia conseguir nunca ter filhos.

Não conseguindo ficar grávida naturalmente, fez fecundação in vitro, e logo na primeira tentativa ficou grávida de quadrigêmeos. Depois de uma gravidez difícil, nasceram de cesariana, mas um deles faleceu em seguida. Relata que foi complicado:

(...) no podía tener hijos, y mis hijos son de fecundación in-vitro. Yo dije - voy a tener hijos, como sea, voy a tener hijos. Yo pensaba en Jorge Silveira, que decía que no iba a poder tener hijos, yo tuve hijos ...

Bueno, estudié, tuve hijos... Tengo compañeras que son espectaculares ...

Relata a importância das companheiras para superar esses momentos difíceis no cárcere. Era como uma comunidade, lá os filhos eram filhos de todas. Pois, às vezes, pensavam até que nunca mais sairiam e se sentiam uma verdadeira família. Até hoje a afetividade entre elas é muito importante, sentem-se como irmãs. Formam uma rede de apoio mútuo, sobretudo entre as companheiras que estiveram mais tempo juntas. Ficou uma amizade que até agora tem uma continuidade afetiva importante. Reúnem-se cotidianamente e compartilham os momentos importantes de suas vidas. Para ela, esse apoio é como um motor que a impulsiona para continuar adiante.

Em 2010 Stella foi diagnosticada com câncer. Teve que deixar seu trabalho como docente e, tendo como família só a mãe muito idosa e os filhos adolescentes, foram as companheiras que a apoiaram nos momentos de internação no hospital, fazendo plantões para cuidá-la e para cuidar dos filhos dela.

(...) te mantiene, el sentir las voces de los otros que están, que piden para ir al baño... alguno que pedía agua... el estar con cuerpos aunque sea, acompañada, ta... no estabas sola , había alguien, aunque no los conocieras ellos estaban ahí...

Quando questionamos Stella sobre os fatores que a ajudaram nesses momentos, ela nos contou que acredita que a personalidade foi importante, na sua família não há depressivos, por exemplo. Também crê que os “companheiros que morreram é como se vivessem em mim, e eu tenho que hoje viver bem por eles. Se eu estou bem, então eles também estão.” Um exemplo, quando se formou professora, pensou que sua irmã estava com ela, pois sabia que a irmã gostaria muito desse momento, então chegou à formatura não só para si mesma mas para a irmã também. Sua irmã atua como “angel guardian en su vida.”

Pensa que a família, os amigos, os companheiros e a força interna foram os fatores que a ajudaram a sair das piores situações. Outra coisa importante é focar as coisas positivas da vida. Não se arrepende de suas decisões. Como professora, sente como sua militância continua através da docência, achando que na educação está uma ferramenta, uma forma de educar diferente, de abrir os horizontes dos alunos, não só geografia, mas para a vida. Ela descobriu na educação uma vocação e sentiu que com ela logrou muitas coisas, sendo querida e reconhecida pelos seus alunos.

Fala da importância das equipes para enfrentar os problemas e encontrar soluções possíveis. Quando questionamos Stella como se poderia ajudar as pessoas na sua resiliência, nos lembra da importância de uma educação, que vai além do assistencialismo das políticas públicas. Mostrar às pessoas que é possível a todos se realizar, que não existem “burros”, da importância do querer e do apoio dos outros. Para ela é um trabalho de educação de equipe, não é um trabalho de uma pessoa, é da sociedade. A importância de um “todos”, de não ficar só, porque estar sozinho é um fator negativo. O intercâmbio com os outros ajuda, ela sente isso nela mesma, com seu problema de enfermidade, ou com o processo que está fazendo pela morte de sua irmã. Ela opina como a nível político é importante que os postos de liderança correspondam à formação e experiências das pessoas que os ocupam.

Falando sobre seus projetos de vida, nos diz que agora com o tema da enfermidade não tem projetado muito. Mas, acompanhar seus filhos nas suas vidas, preocupando-se de que continuem estudando é uma prioridade, assim como ela gostaria continuar a estudar, mas como não tem conseguido. Continua lendo bastante. Continua a militância sempre que pode,

participa de denúncias e eventos de recuperação da memória. Continua na procura por justiça e pelos Direitos Humanos, também procura pelo seu cunhado desaparecido.

Stella se descreve como uma mulher que fez tudo o que quis fazer:

(...) yo creo que...hice todo lo que quise hacer, no? Quise hacer algo por los demás, y lo hice, y no me arrepiento. Siempre quise estudiar y logré estudiar, quise trabajar en lo que fuera y trabajé. Y... bueno, no me considero, como te voy a decir? no me considero una revolucionaria porque no estube en la parte armada, y todo eso, pero no me siento menos que nadie... porque estube en otra parte que fue muy importante, porque sacar gente del país que hoy están vivos, y vuelven, que tienen su familia, hacer documentos falsos, fué eso, salvar gente, salvamos muchísima gente, y bueno había que combatir la dictadura, y la combatimos. Yo me siento bien en ese sentido, después hice una carrera, bueno ...me falta escribir un libro ...

CHELA

66 anos

Presença política da Ditadura Militar em 1970 a 1971 e de 1972 a 1985.

Conhecida como Chela, seu nome é Nelida. A maior parte da militância de Chela foi em Bella União, junto aos cortadores de cana-de-açúcar. Ela é filha de um cortador de cana e de uma lavadora de roupa da região de Espinillar, estado de Salto. Criou-se entre 12 irmãos, dos quais 10 estão vivos. De todos os irmãos, ela foi a única que acompanhou o pai na primeira grande marcha de cortadores de cana. Com 13 ou 14 anos, em 1961, ela acompanhou a marcha, formada principalmente por homens. Havia insistido em acompanhá-lo, ele negou a princípio, mas, por fim, contou com apoio do pai. A marcha vai do Espinillar até Salto.

Cresceu com muitas dificuldades econômicas, tendo que trabalhar desde muito cedo, a partir dos 7 anos, como cuidadora de crianças, sempre com o apoio dos pais.

Os pais eram analfabetos e sempre viveram na pobreza, muitas vezes faltou comida em casa. Ela acha que essa falta ajudou de certa maneira a suportar e superar muitas situações posteriores.

Os pais tinham consciência de sua pobreza, mas viviam com dignidade e ainda a solidariedade era parte da vida cotidiana, lembra. Quando tinham comida, os pais sempre reservavam um prato “para o andante”, para qualquer pessoa que passasse e precisasse de comida.

Es una edad y una experiencia muy particular porque mis padres se criaron en la miseria también, trabajando de sol a sol mi viejo, mi madre lavandera y criando a sus hijos. Pero yo siempre digo, que mis viejos tenían una consigna que era: Pobres, honrados y limpios. Entonces nosotros nos criamos en eso y por otro lado la solidaridad, que era muy, muy ... era parte de la vida de mis viejos y parte de lo que fuimos viviendo. Por ejemplo, si había comida, mis viejos guardaban un plato de comida, no importaba quien llegara o quien pasara, ellos decían: - es un plato de comida para el “andante”, que era el nombre que se le daba a la gente que precisaba de ese plato de comida.

Cursou só até 3º ano do primário, continuando sua instrução só mais tarde, no cárcere, junto às companheiras professoras. Casou-se muito nova e foi quando se mudou para Bella

Union, com seu companheiro. Em seguida teve uma filha, o que não limitou em nada sua militância. Conheceu nessa época Raul Sendic⁹, a quem considera até hoje o maior líder do país. Ampliou com ele um modo de ver a realidade que de alguma forma já tinha recebido de seus pais. Raul Sendic foi quem deixou claras as ideias de direitos para todos, o direito à saúde, à alimentação, independentemente de sua renda econômica. Com esse líder também ficaram claras as ideias de igualdade: Raul Sendic não fazia distinção entre homens e mulheres, atitude diferenciada nessa época quando a conduta machista era a predominante.

El mayor líder que tuvo este país, y el hombre que supo luchar socialmente junto a quienes eran más explotados... Él supo estar al lado de los cañeros y mostrarles que tenían los mismos derechos que aquellos que los explotaban.

O cultivo da cana-de-açúcar era uma das atividades que mais explorava os trabalhadores nas grandes fazendas, as pessoas viviam em condições análogas à escravidão. Os trabalhadores recebiam apenas “vales” e com eles, só podiam consumir produtos e serviços vendidos e prestados na própria fazenda.

Como mulher, viveu muitas experiências negativas como militante sindical. Sofreu preconceito de gênero e, por ser também muito jovem, muitas vezes foi chamada de prostituta.

Entonces... empezamos a trabajar, para mí, te decía, era muy difícil, porque cuando te empiezan a conocer, por ser joven, por ser sindicalista, por ser muy activa, porque siempre fui muy activa, tanto dentro del sindicato como fuera. Entonces empezaron las calumnias, de que era una puta, de que andaba por ahí porque andaba con todos los compañeros. Y donde fuera siempre iba a haber alguien que iba a gritar contra lo que yo hacía.

Nessa época se conforma UTAA¹⁰, junto com Raul Sendic e outros líderes. Os trabalhadores da cana se começam a se organizar e a realizar as marchas. Nessa época já havia uma forte repressão por parte dos militares, e isso foi antes do golpe. Foi “fichada” como subversiva aos 17 anos. Hoje, detém os documentos sobre si dessa época. Neles, além de seus dados completos e fotografias, há trechos de falas suas e até mesmo a repercussão dessas falas nas outras pessoas. Nessas marchas, já se sofria dura repressão, uma companheira foi baleada,

⁹Raúl Sendic (Chamangá, Flores, Uruguai, 16 de março de 1925 - Paris, 28 de abril de 1989), advogado procurador, revolucionário guerrilheiro e político uruguaio.

¹⁰ UTAA: Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas: organização de cortadores de cana.

ficando incapacitada para sempre. Também viveu momentos trágicos durante as marchas, como a morte de uma cunhada por causa de tétano, isso pois não havia atendimento médico nenhum. Além de ter perdido anteriormente uma sobrinha por causa da fome em Bella Uniao. Essas perdas foram muito sofridas por ela, mas foram as que deram força para aguentar a tortura frente aos militares.

En una de las marchas, que fue muy dura, porque siempre hubo represión contra nosotros, en una marcha balean una compañera que tenía 14 años. Esa compañera quedó incapacitada para siempre, todavía vive la compañera. Y más tarde voy a vivir cosas muy duras, para mí, personalmente, pues en una de las marchas muere mi cuñada, que venía con nosotros, con mi hermano y los niños... Esa misma cuñada mía con mi hermano en Bella Unión habían perdido un hijo por hambre, porque no tenían que darle de comer, y eso fue muy duro, muy duro...

Foi presa em 1970, escapando do cárcere junto com outras companheiras em 1971. A partir disso, ficou na clandestinidade.

Nessa época, já estavam implantadas as medidas de segurança do presidente Juan María Bordaberry, e os militares já haviam aprendido como torturar de forma mais dolorosa. Em 1972, é presa novamente. A primeira atitude dos militares foi a de tirar sua roupa, encapuzá-la e baterem nela até perder a consciência. Acordou ainda encapuzada depois de várias horas. Foi quando viu que havia sido jogada num caminhão com outros companheiros.

(...) yo creo que nosotros tenemos... yo al menos me siento comprometida porque estoy viva y llevo la historia de mis compañeros desaparecidos en lo cual, mientras viva voy a seguir peleando por ellos y por las injusticias que se cometieron, por los crímenes que se cometieron...

Para ela não existem palavras para descrever as torturas, não consegue compreender como algum ser humano possa gostar de ver o sofrimento de outro.

(...) porque uno siempre piensa que el hombre es un ... es raciocinio, puede entender, puede pensar. Pero acá no se trataba de hombres, se trataba de bestias, no se puede nunca, alguien normal, alguien humano, piensa que alguien puede disfrutar con la tortura de otro ser humano. Bueno, acá pasaba eso, acá se disfrutaba...

Ela sentia que queriam tirar sua identidade, sua consciência. Para ela, os companheiros cortadores de cana, sua filha e os pais foram o que a sustentaram naqueles momentos.

Ela pensava a todo momento: “*nada do que eu viva aqui vai ser pior do que eu passei junto a meus pais e a meus companheiros: a fome, as necessidades, a morte de crianças, o trabalho escravo, nada pode ser pior que aquilo*”.

Durante o cativeiro, grávida, perdeu o bebê após ficar desmaiada durante dias. Ficou com infecção e quando se recuperou, continuaram a torturá-la. Isso a deixou com sequelas ginecológicas e traumatológicas permanentes. Chegou um momento, depois de ter perdido tantas coisas, que para ela já não importava a vida ou a morte. Denunciou todas as violações, inclusive em organismos internacionais.

Apesar de todo sofrimento, também lembra como muitos soldados davam para eles uma balinha ou um pedacinho de chocolate. Uma noite, no quartel de Durazno, colocam todos os soldados em fila e ordenam a eles que a estuprem. Então, um deles falou que não ia fazer, e todos eles, em seguida, se negaram. Foram por isso repreendidos por desobediência aos superiores.

Una noche, en el cuartel de Durazno, hacen formar a toda la tropa, en donde me habían apresado. Entonces dicen que vayan pasando de uno en uno y violándome, que me vayan violando, que estaban autorizados a que me violen. Y yo, eso me quedó marcado para siempre, porque de repente, un soldado sale de la fila, y dice que no me iba a violar, porque su madre era mujer y que yo era mujer, y no me iba a violar. Y ahí, todos los que estaban en la fila, se niegan, y fue un problema interno que vivieron muy grave, dentro del ejército porque no obedecieron una orden de sus superiores ...

O estupro não foi feito nesse momento por eles, mas sim, depois, pelos oficiais. Foi transferida diversas vezes, passou por muitos quartéis. Em cada um deles colocavam em prática as diferentes formas de tortura, o que havia aprendido na Escola das Américas: os estupros, os choques elétricos, o submarino em água suja, o “caballete” (pau-de-arara), as pancadas na cabeça...

Como ao ser presa estava na clandestinidade e ainda era militante de Raul Sendic, era tratada como troféu de guerra, sendo mostrada a todos os chefes e delegações militares de outros países.

A família dela e a família que tinha cuidado de sua filha procuravam por ela, não sabendo se estava viva ou morta. Então, estando no quartel de Mercedes, durante um tipo de tortura que consistia em colocar o preso em um canil, dentro de uma casa de cachorro, com os

cachorros junto, ela escuta vozes familiares e grita, dizendo que estava viva. Somente assim sua filha soube de seu paradeiro.

Várias vezes levaram ela a situações extremas, fazendo-a acreditar que iam matá-la. Levavam-na para o meio de um campo, falando que iam fuzilar ela, fazendo toda a pantomima. Em outra oportunidade, que iam jogar no rio, “afundar” ela. Poderiam ter feito, pois já tinham feito isso com outros companheiros.

Foi transferida para a distante e isolada prisão de Paso de los Toros, onde os oficiais militares apareciam a qualquer momento, sem dias ou frequência certos. Somente algumas presas receberam visitas esporádicas. Chela não recebeu visitas durante sua estadia lá.

A solidariedade e a união foi uma das características mais marcantes do relacionamento entre as presas. Chela e suas companheiras eram muito novas, a maioria entre 18 e 21 anos, quando foram presas. Tratavam de proteger-se mutuamente, diante do terror.

Em 1977 foi transferida para Punta de Rieles, saindo de lá em 10 de março do 1985. A união entre as companheiras, a proteção entre elas, a luta para enfrentar o melhor possível a situação foram fatores que a fizeram superar essa experiência. Como nessa prisão as instalações eram boas, não aparentava as torturas que lá se executavam. Mas sob a aparência dessas instalações, o terror as invadia diuturnamente: os militares falavam abertamente que um dos objetivos deles ali era o de enlouquecê-las. E, dos militares, as mulheres militares eram as piores, pois elas sabiam como atingir psicologicamente, usando deliberadamente as figuras da família e dos filhos.

Diante disso, tinham somente umas às outras para tentarem se fortalecer e não sucumbir aos desatinos que lhes invadiam a mente na tentativa de fugir daquela realidade. Tratavam então de “trabalhar a cabeça”: escreviam poemas, contos, peças de teatro, etc.

(...) no sé si estuvo bien o estubo mal, o una forma de resguardarnos cada una de nosotras, pero muy poco nos contamos, recién ahora estamos hablando de todo esto. De las violaciones, pasaron muchos años, porque te sentís sucia, con vergüenza ...

Dentro de la cárcel ... una de las cosas, yo creo, han salido los mejores poemas, los mejores cuentos, las mejores poesías, teatro. Tratábamos, siempre a escondidas y a la hora que fuera, hacer trabajar la cabeza para no enloquecernos. Y eso siempre costaba, costaba mucho porque ellos, lo que querían, era que vos enloquecieras. Y más de una vez nos dijeron que se arrepentían de habernos dejado vivas.

Mas mesmo a solidariedade teve seus limites: viu companheiras presas morrerem depois de torturadas e de não receberem tratamento médico, como viu também aquelas que não suportaram a tortura psicológica e enlouqueceram irremediavelmente.

Em março de 1985 o governo declara anistia para todos os presos políticos. O primeiro dia se encontra com o povo, que esperava por eles na rua, e era muita gente. Os militares falavam para elas como pessoas, e elas respondiam ainda como presas. Encontrou-se em seguida com seu companheiro e com sua filha, que era uma criança no momento da prisão e que nesse momento já era uma mulher casada e com filho.

Sobre o acontecido, as torturas e a repressão recebida não se falou nada. Só muitos anos depois falaram desses temas. Com o companheiro, foi como nunca se houvesse separado, mas também só com os anos começaram a falar do acontecido.

Os dias fora do cárcere não foram fáceis. A liberdade não veio exatamente no dia em que foi solta, demorou a ser uma sensação real. Os presos eram como que reféns da ignorância a que foram submetidos: haviam ficado incomunicáveis durante tanto tempo no cárcere, que não sabiam de quase nada dos familiares, dos companheiros, e muito menos ainda do seu país e do mundo. Tudo teve de ser reconstruído aos poucos, sobretudo em conversações com os familiares e companheiros de militância, a maioria também ex-presos.

Como Chela no cárcere havia ficado muito tempo doente, sem nunca ter curado completamente infecções ginecológicas, e também problemas nos ossos, essas doenças se tornaram incuráveis, carregando até hoje problemas de saúde que seriam facilmente resolvidos se fossem tratados adequadamente na hora certa.

Y... a ver, ... es tanto el impacto que... primero, vos salís y todavía seguís estando como en la cárcel, es como si sigieras preso, y es difícil que la gente entienda eso, muy difícil...

Entonces... cuando salgo... me pasa una cosa, no? que la visión nuestra era tan corta que yo veía un ómnibus y parecía que se me venía arriba el ómnibus. Porque siempre estaba acostumbrada ahí... y entonces me sentía que se me venían arriba todas las cosas, era espantoso!!!

A volta à militância foi um caminho natural, fundamental até na sua reconstrução como pessoa. Tanto que no mesmo dia em que saiu da prisão, participou, à noite, participando de uma mesa redonda tratando o tema de terrorismo de estado, da situação dos desaparecidos, da

luta pela justiça. E assim continuou, fazendo a militância com seu companheiro de vida, sempre juntos em todas as lutas.

Con mi compañero, cuando nosotros salimos dijimos, donde va uno, va el otro, y así fue. Hace 29 años que salimos y 29 años que andamos juntos, siempre!!

Salienta que o pilar fundamental tem sido seu companheiro, seguidos de seus companheiros e companheiras de militância, que foram quem prestaram ajuda a passar por essas situações complicadas da vida após o cárcere. Sente como um dever de lutar por aqueles que hoje não estão mais entre eles, mas também por todos os companheiros ainda do Crysol, pelas investigações e por justiça.

La cárcel te marca para siempre, primero te digo, antes que nada están mis compañeras y mis compañeros. Yo me puedo entender contigo, con cualquier persona, pero nunca me voy a entender mejor que con mis compañeros, que vivieron lo mismo. A veces no precisa ni palabras, solamente con un gesto ya sabemos lo que queremos decir. Eso me marcó para siempre. (...) podemos discutir, pero ante todo el respeto, y ... por lo que nosotros vivimos, por lo que nosotros nos jugamos, y por lo que hoy todavía luchamos ... mis compañeros y compañeras.

A convicção de sua visão de mundo e o apoio dos seus companheiros cortadores de cana foi o que a ajudou a sobreviver e a superar as imensas dificuldades que se acumularam durante sua vida, da infância na miséria até os dias de cárcere e tortura. Outra força interior presente na sua vida foi a dos pais, que, em momentos de delírios causados pela tortura, apareciam em imagens mentais.

El arraigo a mis compañeros de Bella Unión, del sindicato, los compañeros, esa humildad, que sin hacer grandes desarrollos, pero saber dar en el momento preciso...

Hoje em dia Chela se considera uma veterana e pensa ainda que tem muito o que contribuir. Sobretudo, se dedica a criar uma memória do seu país, a procurar pelos desaparecidos e continuar a investigação para identificar quem foram os que torturaram e mataram. Também acha que deve passar essa experiência aos jovens, para que conheçam a história do seu país e de sua liberdade.

Los años han pasado, hoy ya somos unos veteranos, pero no unos veteranos que vamos a cuidar las palomas en las plazas, somos unos veteranos que tenemos mucho para dar y mucho para hacer todavía ... y dentro de las posibilidades que tenemos, vamos dando esos pasitos. Yo te decía, crear la memoria, buscar los compañeros desaparecidos, saber los nombres de quienes fusilaron, de quienes torturaron, eso todo, y pienso que nosotros cumplimos un rol muy importante, y nosotros lo hacemos...

IVONNE

65 anos

Presa da Ditadura Militar de 1982 a 1985.

Ivonne nasceu em Mercedes, cidade do interior do Uruguai, no oeste do país. Tem uma irmã dois anos mais velha, viveu uma infância e adolescência que descreve como muito feliz, cheia de amigos, praticando esportes em uma família muito carinhosa e acolhedora.

Os pais, professores de francês, se conheceram no curso de formação de professores em Montevideo. O pai, também músico, tocava em uma pequena banda para se sustentar enquanto fazia o curso de formação, e a mãe, filha do diretor do curso, apaixonou-se por ele. Casaram e mudaram-se para a cidade de Mercedes, onde surgira um emprego para ele naquele momento.

Mis papás, eran los dos estudiantes de profesorado en el Liceo Francés, mi abuelo era el director del liceo, entonces mamá era la hija del director y papá era hijo de una francesa, que era profesora, en Argentina, y el se vino a Montevideo... Papá se sentaba al final de todo, no tenía un peso, tocaba el violín de noche, en una orquesta de tango para pagarse los estudios... mi mamá, la hija del director se enamoró perdidamente del pobre muchachito de allá atrás, que tocaba el violín de noche y se casaron cuando mamá tenía 18 años...

Aos 17 anos, Ivonne muda-se para Montevideo para estudar na faculdade, entrando no curso de medicina. Falando de seu projeto de vida conta-nos que naquela época, seu projeto era ter um grande amor, além de ser uma boa médica. O gosto por curar fez ela também pensar em veterinária como opção de carreira, mas decidiu-se pela medicina, querendo depois trabalhar no campo.

A mãe foi uma influência importante na parte da ideologia, pois estudava filosofia e isso influenciou suas ideias. O pai deu o aporte da tranquilidade para enfrentar os problemas, e a veia artística da criatividade. Sempre se sentiu muito querida e apoiada pela família e pelos muitos amigos que tinha.

Sua aproximação com a militância deu-se desde cedo. Seus pais e alguns professores amigos já tinham simpatia pelas ideias esquerdistas, mas ela ainda não tinha manifestado interesse até que viu o primeiro militante estudantil ser morto pelos militares. Sentiu-se

atingida pela injustiça e esse foi o motivo que a levou a se alinhar ao grupo de militantes estudantis.

Quando foi dado o golpe de estado em 1973, Ivonne, então estudante universitária, participa da ocupação da faculdade, que durou 15 dias. No fim da ocupação, quando a universidade foi cercada e os estudantes obrigados a sair, ela é fichada, e, logo em seguida, passa a ser procurada. Dessa forma, entra na clandestinidade, junto com seu companheiro.

(...) cuando dan el golpe del 73 yo era estudiante de medicina. Nosotros habíamos resuelto ya, que si se daba un golpe de estado, ocupábamos las facultades, al igual que los obreros ocupaban las fábricas... era huelga general por tiempo indeterminado. Duró 15 días la huelga, y después cuando rodean la facultad y nos obligan a salir, nos toman los datos. Yéndome a buscar al mes a la casa de mi hermana, como no estaba, me dejan una citación... yo no me presento, por lo cual quedo clandestina. Eso fue comienzo del 74.

Em novembro de 1973, casou-se. Seu marido, um estudante de ciências econômicas, é preso dois anos depois. Ela continua na militância de forma clandestina, enquanto os militares pensavam que ela estava refugiada na França, já que tinha dupla nacionalidade e foi essa a versão dada por seu marido aos militares.

Milita clandestina na juventude comunista durante 8 anos. Sua militância consistia na escuta de rádios internacionais (BBC de Londres, rádio Moscou, etc) e compilação das notícias. Mas também pichava muros com mensagens contra a ditadura e distribuía panfletos. Trabalhou muito para o “No” no plebiscito de 1980, tudo de forma clandestina.

Ivonne sempre teve o apoio de pessoas, companheiros de militância ou não. Até na clandestinidade se sentiu acolhida pela comunidade, como da vez que uma desconhecida ofereceu “o banheiro” a ela que estava assustada, pois os militares haviam aparecido de repente, abordando as pessoas na rua. Fatos como esse levantaram seu ânimo nos momentos mais difíceis de todo aquele período.

Nunca me sentí como sola... A pesar de que me estaban persiguiendo y todo lo que quisieras, no me sentía sola, me sentí siempre apoyada. Y no sentí que la gente me cerraran las puertas, es más, una vez, por ejemplo, en el período más difícil, de la clandestinidad, yo tenía un dolor de muelas y tenía la cara así... no bancaba más el dolor, y yo sabía que para mí era una gran responsabilidad ir a un lugar para que me atendieran,, porque primero, no conocía al profesional, y además podía comprometerlo, si justo me chapan ahí ... y vi una mujer, que me

pareció joven y bien ... y bueno, agarro y le digo - le voy a pedir que no me pregunte nada, y solo me saque la muela, la quedé mirando y me dijo - yo te entendí, veni que no va a haber problema ... y me sacó la muela ...no supe como se llamaba ni nada. Ese tipo de cosas, de ayudar por ayudar.

Seis anos depois de ter sido preso, o marido ganha a liberdade. Usando de subterfúgios, se encontra com ele, resolvendo mandar uma carta apresentando sua situação e a de seu marido às lideranças do partido. Com o marido solto, não havia mais condições para ela continuar na militância. Porém, a carta cai em poder dos militares. Os militares fazem uma nova busca por ela, e em 1982 é presa e levada a Tablada, centro de detenção e tortura. Fica desaparecida por 6 meses, sendo procurada pela família e pela embaixada francesa, que publica suas fotos em jornais como desaparecida. É julgada por um juiz militar e transferida a Punta de Rieles, depois de passar por vários centros de detenção.

(...) mi marido a los 6 años sale del Penal de Libertad, yo no lo podía ver, yo estaba clandestina. Entonces resolvemos, con una cosa muy graciosa, con una tía vieja que vivía al lado... yo me disfracé de una persona de edad, entré varias horas antes al apartamento de esa tía, entonces el después llegó... lo logro ver, y fué impresionante, hacía 6 años que no lo veía... y yo le decía que para mi iba a ser más difícil la situación, bancar la clandestinidad... me veía complicada emocionalmente por la situación... y resuelvo mandar una carta a los compañeros de arriba, planteando la situación. Lamentablemente esa carta cae en manos de los milicos ...

O cárcere foi definitivo em sua vida, o trauma que viveu a ajudou a se conhecer a si e às pessoas mais profundamente.

O mais difícil para ela foi aceitar que no mundo haja pessoas tão cruéis, que queiram destruir seus semelhantes, até agora não consegue entender. Conseguiu superar, mas teve momentos em que desejou morrer, enquanto era torturada.

(...) todos tipos de tortura, picana, submarino, hubieron compañeras com violaciones... Estábamos hechas pelota, no sabíamos si era de día, si era de noche, dónde estábamos, nos reiteraban permanentemente que estábamos desaparecidos, y sabíamos que nadie sabía donde estábamos, de ahí te enterraban y ya está, no aparecías más, esa era la historia. Como desaparecieron a tres compañeros míos ...

Para ela o importante foi querer-se a si mesmo, eles não poderiam ganhar. O mínimo que ela poderia fazer era sobreviver. Na tortura, pensava nos companheiros e na família. Uma forma de tortura era tirar a identidade, falar que ninguém a queria, que ninguém ia procurá-la. Relata como as presas eram tratadas como indigentes, sendo mantidas sujas, sem possibilidades de se limpar, nem se lavar.

Ainda nos conta o caso de uma companheira mãe, que os militares tentaram levá-la ao desespero colocando numa peça ao lado um gravador com choro de uma criança dizendo que era seu filho que estava sendo torturado.

Com a experiência da tortura, relata ter aprendido a conhecer mais o ser humano, suas potencialidades negativas e também positivas. Aprendeu a reconhecer que nem todos têm a mesma escala de valores, que para ela é uma opção cada dia da vida de cada um.

Para ela a tortura marcou um limite de extremos: passar do convívio carinhoso da família e dos amigos a receber um tratamento de “bicho encurralado” em questão de dias.

Ivonne nos conta que a força para aguentar vem de muitas coisas, que as imagens que vieram ajudar nos momentos mais complicados, de desespero, foram lembranças boas do dia a dia de sua vida. Também, como sempre fora “brincalhona”, não deixou de ser assim na prisão, evidentemente, quando os momentos permitiam. Essas brincadeiras que fazia, mesmo na prisão, a ajudavam a se afastar do terror tão presente e a lembrar como ela era antes daquele pesadelo.

La fuerza... viene de muchas cosas, no de una sola cosa, no son las papas fritas, viene de una cantidad de componentes que se van formando a lo largo de la niñez, que tiene que ver, con que, te lastimastes y alguien vino y te dijo -vení, ya pasó, ya está ... nana nana colita de rana ...como te decían acá Mamá que nos venía a hablar de noche, a dar un beso, papá que nos llevaba a pescar, que nos decía que teníamos que andar de punta de pies para no asustar a los pescados ... esas imágenes ... lucecitas, lucecitas que tienen que ver con la historia de cada uno ...

No dia em que foi libertada, em 1984, chovia.

Cuando voy a salir llaman: ‘615!’ Y las compañeras dicen: ‘te van a soltar, te van a soltar’...

Enquanto caminha no corredor, o coro das companheiras a acompanha, num dia de chuva. É só o que consegue ouvir: a chuva e o canto, e junto a certeza de que elas seriam libertadas em breve também.

A inserção social não foi difícil para ela, difícil foi adaptar-se às mudanças do mundo. Ao ficar clandestina durante tantos anos e não podendo ir a muitos lugares, e depois de ter tido distintas identidades e histórias de vida, tinha ficado à margem de muitas mudanças da cidade e do mundo. Apesar do trabalho de escuta de notícias, vivia enclausurada, antes de ser presa.

Relata a disposição de fazer o que eles falaram que ela não ia conseguir fazer: ter filhos e se formar em medicina. Após dois meses em liberdade, fica grávida, e continua os estudos, conseguindo se formar em medicina.

(...) bueno, y mi disposición de hacer lo que ellos dijeron que no iba a poder hacer. Primero, tener hijos, tube 2 hijos, yo quedé embarazada a los 2 meses de salir... y me pude recibir de médico, algunos años después de salir. Me pude recibir ...

A família toda a apoiou em todos os aspectos, e a gravidez logo após sair do cárcere foi abrindo as portas que ela achava que não conseguiria nunca.

Para ela, e pensando nas próximas gerações, ela acha que aos jovens e às crianças não se deve falar tanto com “não” seco, tem que se falar apontando algo positivo. Dar-lhe um sentido de saída positiva das situações negativas. Ela crê que o estado e todos nós, teríamos que ter “braços” para ajudar as pessoas, e mostrar perspectivas de futuro, de saída, dar opções convincentes.

Ao ser perguntada como se sente na atualidade, ela diz sentir-se ótima, está conseguindo fazer as denúncias do terror, o que tem sido muito importante. Conseguiu falar, ao longo do tempo, com suas companheiras de coisas que não tinha conseguido falar e isso a ajudou a se compreender melhor. Sente-se bem consigo mesma.

Bueno, mi situación ahora es bárbara, porque pude hacer las denuncias, hace 2 años, después de pasar 30 años sin poder hacerlas... pude hacer la denuncia, pude conversar con compañeros de cosas que nunca habíamos podido hablar, que eso nos removió mucho por dentro, pero por otro lado, quizás nos ayudó a entender y comprendernos más a nosotras mismas y como que nos dio más fuerzas.

Y, desde el punto de vista personal, pero que tiene que ver con esto también; estoy bien, estoy conforme, no me considero ni una maravillosa persona, ni tampoco un desastre... ta, pienso que quizás podría haber hecho las cosas mejor, siempre se pueden hacer las cosas mejores, pero... pero bueno... dentro de las posibilidades estoy conforme, estoy bastante conforme conmigo misma.

Atualmente faz parte de um grupo de ex-presos que denuncia as torturas e estupros sofridos dentro da cárcere.

BALDEMAR

**64 anos,
Preso político da Ditadura Militar de 1974 a 1985.**

Nasceu no interior, em Rivera, cidade da fronteira com Brasil, ao norte do Uruguai. Lembra da infância como muito positiva, apesar das carências econômicas, vivia em turma de amigos, com quem jogava muito futebol.

Para mí fue... yo recuerdo todo lo lindo... fue muy linda, fue en mi pueblo, el pueblo de mi infancia, Rivera. De eso, de tener la barra de amigos, de ir a jugar a la pelota al campito... Aunque yo siempre tuve algún trabajo... trabajaba en alguna cosa... atendía una cantina de tarde, por ejemplo...

Trabalhou desde muito novo, mas também teve tempo para praticar esportes e ter momentos inesquecíveis com os amigos do bairro, lembra aqueles anos como muito felizes. Sua família era humilde, era o mais novo de 9 irmãos e todos tiveram que trabalhar desde muito cedo, pois passavam necessidades. Sempre recebeu muitos carinhos da mãe e dos irmãos. O pai, embora sempre presente, se mantinha mais distante.

No secundário, em Rivera, já começou a participar de reuniões estudantis, continuando com a militância em Montevideu.

Iniciamos en Rivera las movilizaciones estudiantiles, los primeros movimientos estudiantiles. Allá no pasaba nada, allá se duerme la siesta hasta ahora, allá se escucha más lo de Brasil, que lo de Uruguay, no?

Mudou-se para Montevideu em 1968, começando a faculdade de psicologia aos 17 anos. Não conseguiu terminar o curso pois caiu preso quando cursava o segundo ano e, quando saiu do cárcere, os dados dele tinham sido apagados dos registros da faculdade.

Seu projeto era ser médico e seguir no esporte. Como as inscrições estavam fechadas, optou pela psicologia, e chegou a ser ajudante de cátedra no segundo ano. Teve muitas notas boas no decorrer de sua formação, gostava da maioria das disciplinas, e dava sempre um jeito para passar nas matérias que não gostava tanto.

A necessidade de uma mudança da sociedade o levou a militar, procurava uma sociedade diferente, mais justa. Era nacionalista também, com valores socialistas. Foi influenciado pela luta em Cuba e pelas repercussões da guerra do Vietnã. Achava que a mudança da sociedade não se daria com a luta pacífica. Casou-se no início de 1973.

Cambiar la sociedad por medio de las armas, esa era la concepción del MLN.

Militou no MLN na coluna 15, naquele momento, a coluna armada. Entra para a clandestinidade no fim de 1973, sendo detido em 1974, em uma ação do exército que o deixou ferido. E ainda ferido e sem amparo médico é torturado. Levado ao hospital, presencia a morte de companheiros, por efeito das torturas. Detido pela Força Aérea, é torturado quase todo o tempo. Uma das torturas mais impressionantes foi a de tê-lo feito alvo de exercício de pontaria para tiros de arma de fogo. Até hoje tem em ambas pernas pedaços de projéteis.

Militando en el MLN yo quedo clandestino en el año 73, y me detienen en el 74... en el momento quedo herido. Primero la tortura, por supuesto, recién 24 horas después me llevan al hospital militar. Mientras yo estoy, fallece un compañero que figura como desaparecido...

A mí me detienen en mayo de 1974 y en setiembre recién me pasan a juzgado, pero en ese ínterin, una noche empiezan a jugar a la puntería conmigo, me hieren de bala en ambas piernas ...

Até outubro de 1974 esteve preso na Força Aérea, e depois foi transferido ao Penal de Liberdade. Detido junto com sua companheira, que estava grávida, é libertado um mês depois dela. Isso ajudou na sua continuidade como casal.

Quando se incorporou na luta, conhecia os riscos e o que poderia passar, estava consciente que havia tortura. Mas no momento de sua prisão, os militares haviam “aperfeiçoado” os métodos de tortura. Mas ele estava convencido dos objetivos do que estava fazendo, que era uma forma de conquistar uma sociedade mais justa e mais igualitária. A certeza de lutar por uma causa justa o ajudou a suportar a situação. Também a presença dos companheiros, a relação com eles. A isso se acrescentou o filho, nascido no cárcere, e também a família, que o apoiou muito. Na saída, e com esse mesmo apoio, conseguiu reinserir-se no mercado de trabalho, o que o ajudou muito à readaptação, superando as possíveis sequelas.

Salienta que muitos não conseguiram superar os traumas do cárcere, houve até suicídios de presos.

Uno sobrelleva, pasa eso convencido de lo que estaba haciendo, porque así lo entendíamos que era una forma de llegar al poder para lograr aquello de una sociedad más justa, más igualitaria, son todas cosas que te ayudan a sobrellevar, y bueno, el buen relacionamiento y apoyo entre compañeros. Y yo ya tenía un hijo, que nació en la cana que yo conocí cuando ya tenía un mes... y la familia, por supuesto...

O apoio da família, a reinserção social e a manutenção do casal foi o que o manteve para continuar a vida. Também a militância no Crysol é importante pois mantém o relacionamento com os companheiros que lutam pelos direitos humanos de forma geral.

(...) tuvimos la suerte de reinsertarnos laboralmente, que es uno de los grandes problemas de muchos compañeros, que no se reinsertaron, ni laboralmente, ni socialmente. Todos llevamos, raya más, raya menos, todos tenemos las secuelas, no? Y se ha dado que muchos no pudieron sobrellevar y reinsertarse, con suicidios posteriores a la salida, de algunos compañeros, no?

Acha que todos os que sofreram a tortura e a cárcere levam consigo sequelas, psíquicas e físicas. Ele sente mais as físicas, pois os pedaços de projéteis que carrega em seu corpo o fazem sentir dores constantes nas pernas e nos pés. Mesmo assim, releva as dores, não dá muita importância a elas.

Creo que todos traemos las secuelas psíquicas, y muchos físicas también... yo hoy siento mucho las físicas que me quedaron, de las torturas y de las lesiones... yo bromeo a veces digo que tengo plumbemia, porque conservo en el cuerpo todavía los plomos... (...) Me he estado tratando... otros no tuvieron la posibilidad de seguir viviendo de ninguna forma, entonces hay que conformarse ...

Teve outro filho depois de sair da prisão, com a mesma companheira.

Influye mucho para salir adelante con estas cosas el aspecto... creo que la familia influye en mi caso, que teníamos, tengo, una pareja y pudimos seguir, que teníamos un hijo y luego tuvimos otra hija. O sea, del primer matrimonio, y una hija del segundo matrimonio... con la misma mujer, después de 11 años ...

Desde que saiu da prisão, se dedicou a trabalhar e no último ano se aposentou, recebendo a “PER”, a Pensão por Reparação.

Baldemar dizia que não ia ser pego com vida, mas seu instinto de sobrevivência foi mais forte. Quando foi ferido queria desmaiar para não sentir a dor, mas não conseguiu. Acabou por apegar-se à vida nos piores momentos. Durante as torturas fazia força para sobreviver. E, estando na prisão e incomunicável durante os castigos, se impôs uma rotina durante o dia para pensar, e isso manteve “sua rica vida interior”. Baldemar diz que todos têm muitas coisas dentro que ajudam a sobreviver, sobretudo as lembranças.

Vos sabes que no sé que me ayudó a aguantar (la tortura)... cuando llega ese momento Yo decía cuando estaba clandestino - a mí no me van a agarrar con vida, me voy a resistir, me voy a hacer matar y todas esas cosas, pero el instinto de sobrevivencia es mayor a veces ... no sé, te aferras a la vida ...

No momento da saída se emocionou muito com o apoio demonstrado aquele dia pelo povo todo na rua, naquele 10 de março memorável.

Yo salí, es decir, me sacó el pueblo. El actuario del poder... del juzgado militar dijo - con todos estos cargos, sólo que cambie la política para que salgas, así lo va a tener que sacar el pueblo, dijo, y fue lo que pasó... porque fue el pueblo que nos sacó... el 10 de marzo, cuando salimos de Libertad.

Depois de sair se integrou ao trabalho imediatamente e teve um lugar disponibilizado para a moradia por parte de sua família. Foi reelaborada a relação com o filho, com resultado excelente. Pôde assim reconstruir sua família.

Hoje tem muitos pesadelos durante o sono. Sonha muito com cachorros, que o remete a uma tortura que sofreu várias vezes: era colocado dentro da casa dos cachorros dos militares, que ficavam furiosos, latindo e ameaçando avançar no intruso. Mas, da mesma forma que as dores sentidas, trata de não pensar nisso, sobreleva.

Y te quedan cosas, yo sueño mucho a veces, sueño con perros ... porque me quedó la perrera, me ponían de plantón de noche dentro de la casilla del perro, y dejaban al perro suelto afuera, el perro malísimo porque había alguien adentro, cosa así ... y te tiraban al suelo y te ponían al perro arriba ... sueño a veces ... yo no le doy mucha pelota a eso, no ?

Foi denunciante da tortura e fez até acareação com os militares torturadores. Não precisou recorrer a ajuda terapêutica. Para ele é importante poder sentir que podia fazer algo pelos demais.

Es importante vos sentir que vos podés hacer algo por los demás.

Está um pouco desiludido com a atual situação. Continua com sua militância no Crysol, tendo participado em várias conquistas importantes dessa associação, uma das quais é a Lei 18.596, que se concretizou na “PER”. Também tem trabalhado muito no tema das memórias, das homenagens aos companheiros desaparecidos e assassinados. Também faz divulgação dessas causas. Ainda o estimula a parte cultural, por exemplo, a organização de concurso literário entre os ex-presos.

Baldemar acha que a parte ideológica é muito forte e deu energias para aguentar a situação. Mas também a esposa, o filho e a família foram fundamentais para sua vontade de continuar vivo e de se reerguer. Ele se cuidava até fisicamente na prisão, fazia exercícios às escondidas. Tentava levar a situação da melhor forma possível. A leitura sempre o acompanhou, gosta muito de ler desde sempre, lia até um livro por dia no penal, quando podia. Embora os livros fossem censurados, no cárcere, ele se arrumava com os que lá tinha. Agora sente falta de tempo para ler todo o que gostaria, pois existe também muita informação e não consegue dar conta. Tem escrito para revistas políticas.

Hoje quer trabalhar para transmitir o que passou para que não se repita. Lutar pela verdade e para a justiça. Sem sentido de vingança nem revanche, mas saber o que passou, onde estão os desaparecidos. Conhecer o passado para que não se repita.

Um dia foi convidado por um estudante secundarista para falar desse passado, da sua visão da história recente. Essa experiência foi muito positiva para ele pelo interesse demonstrado pelos alunos e inclusive pelos professores.

La idea es de transmitir lo que pasó para que no se repita, que no tengan que vivir los jóvenes, lo que tuvimos que vivir nosotros, por nuestros hijos, por nuestros nietos. Porque cuando no se transmite lo que pasó, no se juzga lo que pasó y se vuelve a repetir... Si no hay verdad, si no hay justicia, estamos condenados a que se vuelva a repetir.

Agora, ao se aposentar, tem muitas coisas para fazer: ganhou tempo para o casal e para fazer o que gosta. Tirou férias, faz reuniões com os companheiros somente pelo prazer. Seus planos agora consistem em continuar trabalhando no Crysol. Também participa do Observatório dos Direitos Humanos, como representante de Crysol, junto a muitas organizações do Uruguai, para realizar um seguimento das denúncias que esbarram nas muralhas da impunidade do país.

Bueno, ahora que entré en la etapa pasiva... rrsrsr. Encantado, porque siento que voy a tener más tiempo, para la pareja, para hacer lo que me gusta... yo dejé de trabajar en noviembre, pero sigo militando en Crysol... haciendo algo por los compañeros acá ...

(...) pienso que voy a seguir trabajando... todo lo que sea testimonial, lo que se pueda ir publicando también, eso del concurso... Memorias de la Cana y Represión, es para que los compañeros vayan contando lo que pasó ...

ANALISANDO ASPECTOS EM COMUM

Conhecendo os entrevistados através das suas histórias de vida pudemos apreciar como o processo de resiliência se fez presente no decorrer das diferentes realidades. As dificuldades e o grau de estresse que eles sofreram ficou estampado nas suas falas. A Ditadura Militar e o Terrorismo de Estado influenciaram todas as pessoas que os viveram, tanto dentro da prisão como fora dela. De todo esse universo, escolhi pessoas que passaram pela situação de clandestinidade e cárcere, podendo se apreender as diferentes percepções e os significados que para eles tiveram, assim como os fatores de resiliência ativados nessas experiências.

As entrevistas semi-estruturadas deram a oportunidade, primeiro, do entrevistado relatar sua história a partir das suas percepções, as lembranças que achou mais importantes no momento. Numa segunda etapa da entrevista foram indagados aspectos específicos que resultaram interessantes para a análise da pesquisa, como por exemplo, os fatores protetores que atuaram nos seus casos. Depois de uma leitura atenta das entrevistas, apareceram vários elementos em comuns que podem dar contribuição para as reflexões sobre o processo de resiliência. São estes:

- Motivação para a luta social;
- Experiência de perseguição e cárcere político;
- Tortura, como aguentaram?;
- O depois da cárcere e a reinserção na sociedade.

A motivação para a luta social

É importante a colocação deste item na pesquisa, pois a luta social foi a causa ou o motivo pelo qual estas pessoas passaram pela experiência de repressão e cárcere. Na Ditadura Militar muitas pessoas foram afetadas diretamente pelo Terrorismo de Estado. Pessoas que sofreram torturas físicas e psicológicas, entre elas algumas que sem haver motivo aparente foram presas, além do mais houve outras que também sofreram a pobreza, a censura não só nos meios de comunicação senão também em todas as formas de expressão de ideias, escritas e faladas.

Para este trabalho foram escolhidos especialmente ex-presos políticos, pois nessa época também foram presas outras pessoas que, sem terem uma militância política ou social, sofreram os mesmos tratamentos dos que foram presos por suas ideias.

Perguntando aos entrevistados por que se inseriram na luta social, o porquê de sua militância nessa época, todos eles responderam que seu objetivo era mudar a sociedade para uma melhor e mais justa.

El objetivo de nuestra lucha era llegar al poder, para lograr una sociedad mejor, sin explotados ni explotadores. Nosotros habíamos visualizado esa oportunidad en la huelga general pero no se dio así... (Nibia)

Como já trouxemos no capítulo onde tratamos da história, o mundo nesse momento (décadas do 1960-1970), apresentava uma realidade muito particular, com mobilizações e mudanças políticas e sociais em vários pontos do planeta.

(...) la época te empujaba a tomar decisiones, no podías estar ajeno cuando veías lo que había sido la revolución cubana, lo que había sido el mayo francés ... (Nibia)

Na América Latina se desenvolviam movimentos sociais e políticos muito importantes. Em 1959 triunfava em Cuba o movimento revolucionário socialista, que concretizou a possibilidade de uma alternativa ao imperialismo reinante no continente. Esta alternativa funcionou como exemplo e estímulo para muitos movimentos revolucionários em outros países. Esta possibilidade também radicalizou as classes médias e altas que veriam com receio a instalação de um possível socialismo que abalasse seu domínio econômico. Assim, os exércitos, que não aceitaram qualquer intento de mudança da estrutura social e econômica, foram o instrumento que as classes dominantes e os EEUU utilizaram para dar continuidade ao sistema econômico na época, quando se substituiu os regimes democráticos por regimes autoritários.

No Uruguai, as diferenças entre as classes sociais eram muito pronunciadas. As lutas por melhores salários e por direitos trabalhistas vinham marcando os últimos anos. Os trabalhadores e estudantes organizaram-se e mobilizaram-se pelos seus direitos, mas já existia repressão pelo exército antes da Ditadura Militar que iniciou com o Golpe em 1973.

Se habla de una represión mucho más tarde, pero la represión se venía dando desde ahí (1961) y, desde el momento de que nadie tenía derecho a nada. Eso también es una represión, es vivir dentro de una represión... (Chela)

Os entrevistados pertenciam à parte da sociedade que queria mudar a realidade, alguns deles vindo de infâncias com muitas carências econômicas, sendo motivados por estas vivências extremas. Como na história de Nibia:

(...) cuando era adolescente es como te decía, o luchaba por un cambio muy grande o seguía viviendo en la miseria toda mi vida... o sea lo que tenía más claro era la desigualdad social que había en la sociedad, por eso hice mi opción por la militancia.

No caso de Chela, não pensava em um projeto para sua vida, mas tinha como meta não viver mais dessa forma:

(...) yo no tenía proyecto de vida, lo único que te digo que yo decía - yo así como vivo no voy a vivir, entonces voy a luchar... y era muy chica cuando me planteo eso - no quiero vivir así, ni que mi gente viva así...(Chela)

No caso de Stella, que não vivia numa situação de necessidades, percebia de forma sensível a desigualdade e por isso optou pela militância.

O caso de Ivonne foi diferente, sua motivação veio primeiro de uma situação afetiva, pois ela conheceu o estudante Liber Arce, que foi morto pelos militares e, sentindo-se identificada com a situação, tomou a decisão da militância:

(...) cuando matan a Liber Arce, al otro día, yo pido la afiliación a la juventud comunista. Porque el era de la juventud comunista, yo lo había visto vendiendo libros ... hubo una cosa, por un lado una convicción de que quería cambios, de que quería un país diferente, por otro lado hubo una parte afectiva, emotiva, matan a uno, hay que suplir el lugar. (Ivonne)

Sentindo a necessidade dessas mudanças, logo foi lendo e formando-se no sentido das possíveis formas de fazê-la. Temos que destacar que, no começo dos anos 70, nossos entrevistados estavam com idades em torno aos 20 anos, sendo parte de uma juventude que se mobilizara por seus direitos nos grêmios estudantis em sua maior parte, mas também nos sindicatos e nos movimentos sociais.

Para Baldemar, a necessidade de mudança era para dar possibilidades para que esses jovens tivessem alguma perspectiva na vida:

A la militancia, me llevó la necesidad de un cambio social, de una sociedad muy desigual, con posibilidades muy diferentes, con jóvenes que no tenían ninguna perspectiva clara... dónde la distribución de la riqueza estaba muy diferente, desigual, y la idea de buscar una sociedad más justa, diferente, una sociedad de tipo socialista. (Baldemar)

Eles destacam como até hoje são motivados a essa militância, o sentimento de poder ajudar de algum jeito os outros ainda hoje é parte de sua vida:

A mí me sigue interesando la militancia social ... (Nibia)

Es importante vos sentir que vos podes hacer algo por los demás... (Baldemar)

Experiência de repressão e cárcere político.

A experiência de cárcere resultou definitiva na vida de todos os entrevistados:

(...)influyó en todos los aspectos de mi vida, porque además después que salimos, nosotros seguimos militando, en el mismo MLN. Y yo, toda la experiencia que hice de diferentes tipos en la cárcel, como toda experiencia de vida, la aplico, en mi vida cotidiana, en la militancia, y en su práctica. (Nibia)

Lembrando que Nibia esteve presa 11 anos, viveu muitas experiências, entrando com 19 anos e saindo com 30, ela não faz uma separação da bagagem que vem do cárcere do aprendizado no correr de sua vida:

No hago una separación de lo que aprendí antes de ir presa y lo que aprendí durante la cárcel, y eso que aprendí mucho más durante la cárcel. Fueron muchos años y fue muy intensa la experiencia, fue muy dura. Pero también tuve mucho aprendizaje en la cárcel, hacíamos discusión política, leíamos mucho, discutíamos mucho de diferentes temas. (...) y bueno, también aprendimos... a mí me marcó mucho el tema de los valores, que uno reforzó y también aprendió adentro. Toda la vida colectiva, el ser solidarias...(Nibia)

Chela também acha que o cárcere marca para sempre, fala da importância dos companheiros:

yo creo que te marca para siempre, primero te digo, que antes que nada están mis compañeros... que vivieron lo mismo. A veces no precisa ni palabras, solamente con un gesto ya sabemos lo que queremos decir, y eso a mí me marcó para siempre, para siempre... (Chela)

Para Ivonne existe um antes e um depois da cárcere:

Hay un antes y un después de de todo eso. Creo que uno en la vida, no se termina de conocer hasta que no pasa una experiencia traumática... Bueno, entonces, el máximo, el extremo mayor, del intento de otro ser humano contra ti... yo empecé a ver muchas cosas diferentes.

Como que empezás a ver los potenciales del ser humano, en lo positivo y en lo negativo. Ahí la vi, ahí la viví, la escala de valores del ser humano, vos ahí decís, todos los días vos te levantás y decidís que vas a hacer, si vas a seguir siendo un ser humano en esta dirección, o en la opuesta... (Ivonne)

Para Baldemar, as sequelas tanto psicológicas como físicas ficaram, de algum jeito, em todos os que sofreram o cárcere e a repressão. Relata casos de companheiros que não conseguiram superar a situação e se suicidaram.

Todos llevamos, raya más o raya menos, como le decimos, todos llevamos las secuelas, que se cuelean en nosotros, no? Muchos con problemas psicosomáticos... muchos en tratamiento psiquiátrico o compañeros que tenían que estar medicados y salieron, y les costó readaptarse porque las secuelas de eso te quedan... (Baldemar)

Tortura, como aguentaram?

Em relação à tortura, os entrevistados mostraram como foi e ainda é difícil falar disso. Muitas pessoas só conseguiram falar mais de 10 anos depois de ter vivido esse estresse extremo. Algumas até agora preferem não falar. Os entrevistados pertencem ao grupo de ex-presos políticos que se mobilizam ativamente por verdade e justiça, fazendo denúncias em todos os âmbitos que a sociedade tem aberto para isso, a nível nacional e internacional.

Quando foram questionados sobre força que os ajudou a aguentarem a tortura, todos eles disseram que tanto a família como o coletivo foram fundamentais na vontade de continuar vivendo. Além de sua própria história de vida e da sua ideologia.

Níbia nos conta como sua gravidez foi importante para se sustentar na tortura:

En ese momento era lo que me seguía uniendo al afuera, lo que me seguía uniendo a pensar en un futuro, lo que te seguía motivando frente a tanto dolor, a tanta derrota... a tanto, tanto golpe... Entonces para mí fue un milagro mantener el embarazo, que se me hubiera mantenido. (Nibia)

A família, que deu seu apoio em todo momento, também ajudou a manter uma relação positiva com o filho que nasceu no cativeiro, sendo este fato crucial no relacionamento posterior com ele.

Mis padres siempre me lo llevaron, y se lo llevaron al padre también. (Nibia)

Também a comunidade foi fundamental, com os vizinhos demonstrando seu apoio, apesar da manifestação de força por parte dos militares, como aconteceu o dia que foi levada a deixar seu filho na casa da mãe:

Empezaron a salir los vecinos, los vecinos se empezaron a colar entre los milicos. Vino la vecina de al lado, me trajo un ramo de flores... (Nibia)

Para Chela também a família e a filha foram importantes:

Bueno, a mí, desde que me agarran, me ponen, no solamente, capucha, sino algodón, venda y capucha. Después de ahí yo ya no supe quien era, porque ellos lo que tratan de hacer es que vos pierdas tu identidad, que vos no seas quien sos. Y hacen todo para que vos enloquezcas... y ahí vos apelas a todo, a todo lo que vivistes, lo que es tuyo y lo que vos puedes en ese momento. Por eso yo digo que a mí, los compañeros cañeros, este... junto a mi hija y junto a mis viejos, me sostuvieron en los momentos más difíciles. (Chela)

No caso da Ivonne, tanto os companheiros como a ideologia foram importantes, mas em último caso foi a família e a mãe que se fizeram presentes no seu interior para conseguir sobrelevar esse momento:

Yo siempre lo dije primero pensás en tus compañeros, en tus convicciones políticas. En última instancia, cuando ya no das más, es la familia, la cara de mi madre, mi familia. Mi compañero también, pero más mi madre, más mi madre y mi padre. Mi madre sobre todo, porque era una persona que tenía problemas de salud, y... yo decía -no me puedo morir porque la mato a ella, eso era lo que yo pensaba ... (Ivonne)

Os companheiros da luta foram primordiais para eles no enfrentamento desses momentos. Sentir-se parte de um coletivo, sentir que de algum jeito não se estava sozinho, foi muito importante na sua resistência no momento das torturas.

A mí los factores que me ayudaron a pasar los momentos más difíciles, fue el saber que tenía compañeros y compañeras, gente que me apoyaba, que no estaba sola y nunca iba a estar sola... el saber que era parte de un colectivo, de una parte importante de la sociedad que queríamos lo mismo. (Nibia)

Yo... había perdido muchas cosas y encontrado otras, para mí lo más valioso, que eran, mis compañeros, que después me van a servir... para sentirme comprometida frente a ellos cuando estaba frente a los milicos que me torturaban. (Chela)

A solidariedade e o enfrentamento das dificuldades de forma coletiva, também foi uma ferramenta de apoio com estratégias cotidianas de sobrevivência comum no relato dos entrevistados, como no da Nibia:

Nuestras estrategias pasaban mucho por... ubicarnos en que nosotros estábamos de un lado de la reja y los milicos del otro. Entonces teníamos que recomponernos entre nosotras para enfrentar esa política de represión... Siempre sintiéndonos militantes, siempre sintiendo como frente de lucha también adentro de la cárcel, planteando conductas de resistencia. (Nibia)

A história de vida de cada um foi uma ferramenta nos piores momentos, assim como a ideologia.

Me ayudó mi propia, elemental ideología, mi conciencia de clase... También lo que fui aprendiendo, la generosidad, el tema de la solidaridad de las personas, el saber que puedes contar con ellas, el afecto, los valores... (Nibia)

Una de las cosas que me daba la fuerza era pensar que aunque habíamos caído muchos presos, había otros compañeros que afuera la seguían, y que mis ideas no me las iban a matar aunque me torturaran. (Nibia)

Lo que me ayudó, para mí el hecho de yo haber vivido con tantas carencias, viendo el sufrimiento de mis padres, ya no había cosa tan difícil, y además de eso yo estaba convencida de lo que estaba haciendo. (Chela)

Entonces... la historia fue quererse a si mismo, y decir... a pesar de todo, ellos no pueden ganar porque ahí si es un desastre total. Y bueno, capaz que mi granito de arena es tratar de sobrevivir. Eso es una primera parte y tiene que ver con la vida, con la familia. (Ivonne)

La fuerza que me ayudó, si, viene de muchas cosas, no de una sola cosa, no son las papas fritas... vienen de una cantidad de componentes que se van formando en la niñez, que tiene que ver , de repente, que te lastimaste, viene alguien y te dice - vení, ya pasó, ya está, nana, nana colita de rana... como te decían. Eso, mamá que nos venía a hablar de noche, a dar un beso. Papá que nos llevaba a pescar, que nos decía - tenes que andar en punta de pies porque sino los pescados se nos escapan todos. Y yo andaba de puntas de pie... es decir todas esas cosas, esas imágenes. Las imágenes y las cosas que yo veía y me ayudaban a seguir, eran esas cosas, esas cosas... que tienen que ver con la historia de cada uno... (Ivonne)

(...) vos tenes muchas cosas que te ayudan a sobrevivir: recordando momentos ... o creándote un mundo como hizo un compañero... Cada uno tiene formas para aguantar, vas creando formas ... (Baldemar)

Los factores que me ayudaron a pasar por eso, yo creo que lo ideológico es fuerte, en lo interno de uno, después los factores externos son la familia, que pesa mucho, tener una compañera, tener un hijo, el haber podido reconstruir todo eso ... y el apoyo de la familia. También la comunidad, el haber tenido amistades también. Eso es lo de más valor. (Baldemar)

O que eles chamaram de instinto de sobrevivência, foi chave nos piores momentos, apesar de às vezes sentirem até vontade de morrer:

Yo estaba herido y quería desmayarme y estaba cada vez más lúcido, cada vez más lúcido... Te aferras a la vida en esos momentos, aunque no pensaras eso, en los hechos lo haces... luchas por sobrevivir... es el instinto de sobrevivencia que tenemos... (Baldemar)

(...) pensás que no vas a aguantar, pero tu instinto de conservación se magnifica, se engrandece y logras sostenerte frente a situaciones que nunca imaginabas que ibas a aguantar. (Nibia)

Em várias etapas das falas descobrimos a incredulidade que se apresenta ainda hoje ao pensar que existam pessoas que possam fazer esse tipo de ações, como aporta Ivonne:

Para mí lo más difícil fue poder entender que hay seres humanos que no son seres humanos, que son monstruos, y aceptar que en el mundo existen ese tipo de gente, para mí eso fue lo más duro, lo más difícil. (Ivonne)

O depois do cárcere, reinserção na sociedade.

Embora o período da repressão e do cárcere tenha sido muito difícil, como já vimos, o período da saída e a reinserção na sociedade também não foi fácil. Devemos lembrar, que apesar do país já viver em 1985 uma recém-conquistada democracia, os efeitos da Ditadura Militar e o Terrorismo de Estado foram e são sentidos muito tempo depois de terem acabado. O medo, a censura, deixou muitas sequelas na população em geral. Em muitos casos as pessoas que estiveram presas levaram um estigma com eles, que na cotidianidade se traduzia numa dificuldade na reinserção social, em adaptar-se à vida familiar e em encontrar emprego.

Bueno, yo creo que no fue nada fácil, no fué nada fácil salir y adaptarse a una realidad después de 11 años, porque además tampoco venías... no habías nacido para la salida. Porque tenías una historia antes de la cárcel, la cárcel y después de la cárcel ... con una historia a reconstruir, a construir. (Nibia)

(...) por más que uno se halla sentido débil en algún momento o sentido derrotado, sigue vivo, y mientras seguís vivo podés seguir buscando estar mejor, podés seguir buscando las utopías, este... y superarte. (Nibia)

O sea, no es, que estamos resentidos y queremos venganza, lo que queremos es que las cosas que pasaron no vuelvan a pasar, que no volvamos a tener el riesgo de que vuelvan a haber personas desaparecidas y asesinadas. (Nibia)

Lo que fue dificultoso, fue ubicarse en lo que era el mundo. Un cambio tan grande, o sea, después de haber pasado 8 años clandestina, dónde yo muchos lugares no podía ir, no podía ir al centro, por supuesto, no iba al cine, no iba a ningún lado. Estaba bien metida para adentro en tres casas diferentes, con tres historias diferentes, con nombres diferentes ... Entonces ese cambio me costó, pero tuve una familia, que toda, toda la familia me ayudó, me apoyó... todo lo que pudieron hacer, lo hicieron. O sea, todo el sacrificio, todos los sacrificios y mi esposo también... Yo que sé, se me abrieron una serie de puertas que yo pensé que nunca las iba a poder vivir... (Ivonne)

Baldemar nos conta como ele teve sorte, pois, na saída, a família fez-se presente uma vez mais: prepararam uma moradia para eles e ajudaram a conseguir emprego logo para os dois, sorte que outros muitos companheiros não tiveram.

(...) Salías marcado, tener que entrar a conseguir trabajo fue dificultoso, y en el interior más, porque en el interior se conocen todos y te cruzas con el torturador, con el médico torturador.

Acá, en Montevideo, pasas más desapercibido, si bien teníamos todos los beneficios de “los peladitos” como nos decían, cuando salimos ...el aspecto laboral, para muchos compañeros fué tremendo. (Baldemar)

Relacionando itens escolhidos com fatores de proteção

Temos visto através das narrativas a presença contínua dos fatores de proteção estudados anteriormente. Vemos como no processo de suas vidas, no decorrer da opção pela militância, a experiência do cárcere e da tortura, assim como mais tarde a reinserção na sociedade, os fatores protetores se fizeram presentes num processo no qual as diferentes experiências traumáticas passadas permitiram a eles encontrar-se hoje numa situação que valorizam como positiva.

Assim vemos que os fatores protetores trazidos nos estudos com crianças por Master e Garmenzy em 1985, podem-se aplicar nas histórias de nossos entrevistados.

a) Por exemplo no relacionado com os atributos disposicionais do indivíduo; apresentando através de seus relatos, a autonomia e a auto-estima como se observam no decorrer das narrativas de suas experiências de vida. Werner (1989), coloca o fator de disponibilidade também como primordial na resiliência, para esta autora o nível de atividade e sociabilidade, assim como a inteligência, a competência em comunicação e locus interno de controle são primordiais.

b) a coesão familiar, ausência de conflitos, de negligência, com a presença de pelo menos um adulto com grande interesse pela criança para Werner é representado pelos laços afetivos dentro da família que oferecem suporte emocional em momentos de estresse, seja por um dos pais, irmãos, esposo(a) ou companheiro (1989).

c) uma rede de apoio social com recursos individuais e institucionais bem definidos. Ou sistemas de apoio social, seja na escola, no trabalho, na igreja, que propiciam competência e determinação individual e um sistema de crenças para vida. (Werner, 1989)

Podemos apreciar que nas histórias relatadas vão aparecendo os fatores trazidos pelos autores, apresentando todos eles em maior ou menor grau durante as narrativas. Os atributos disposicionais individuais, pensados através da auto-estima, por exemplo, se fizeram presentes já desde novos, na decisão pela militância. Eles perceberam uma realidade que não sentiam como justa e acreditaram poder mudá-la.

Em relação ao fator que os autores descrevem como coerção familiar, vemos no decorrer das histórias, quanto foi importante para um desencadeamento “feliz” das situações por eles vividas. Podemos apreciar como a presença familiar foi em alto grau definitiva nesse sentido.

O apoio das famílias se fez presente desde o início das narrativas e desde o começo das histórias de vida. As famílias conseguiram passar para eles o suporte emocional e o sentimento de reconhecimento que foram a base para o desenvolvimento dos fatores individuais descritos anteriormente e ainda para suportar os grandes estresses a que foram submetidos. É importante destacar como, no caso da Chela, Nibia e Baldemar, ter carências econômicas importantes no meio familiar não impediu o desenvolvimento deste valor de apoio afetivo por parte dos componentes deste núcleo. Confirmando-se o aporte de Goldberg (1995), de que a pobreza, embora seja uma condição de vida inaceitável, não é um impedimento para o desenvolvimento da resiliência.

O sistema de apoio social também se viu representado como fator de proteção no decorrer de todas as histórias de vida destas pessoas. Num primeiro momento como redes de amigos ou de colegas de aula no secundário, como no caso de Nibia, Ivonne ou Baldemar, mas também na presença dos companheiros cortadores de cana como no caso de Chela. Mas, a presença dessa rede de companheiros da militância foi relatada em todos os casos como realmente imprescindível para a subsistência nas piores situações de perseguição e de tortura. Era a força de um coletivo sentida como pilar sustentador frente aos estresses extremos vividos.

El pilar fundamental ha sido mi compañero, mis compañeros y compañeras, porque yo siempre digo que si vos en la cárcel no tenés compañeros dónde apoyarte, no podés vivir, no sé qué hubiera sido de nosotros ... (Chela)

*...¿qué les queda por probar a los jóvenes
en este mundo de consumo y humo?
¿vértigo? ¿asaltos? ¿discotecas?
también les queda discutir con dios
tanto si existe como si no existe
tender manos que ayudan / abrir puertas
entre el corazón propio y el ajeno /
sobre todo les queda hacer futuro
a pesar de los ruines de pasado
y los sabios granujas del presente.*

Mario Benedetti

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como falei anteriormente, minhas inquietudes e desejos de apreender são muito variados e difíceis de se encaixarem em uma área só. Mas entre todas minhas inquietações, a que se mostrou primordial e impostergável foi a que motivou esta pesquisa. Desenvolvi minha justificativa no capítulo um e, na procura de chegar aos objetivos propostos, fui transitando por um caminho que, na maioria das vezes foi árduo, quase intransitável. A Ditadura Militar marcou não só toda uma geração, mas também as gerações seguintes. E a história de vida de pessoas que sofreram o Terrorismo de Estado é um tema a ser tratado com a devida responsabilidade. Nesse conflito suas vidas foram marcadas definitivamente. Vidas marcadas inclusive pela perda de muitos colegas mortos ou desaparecidos.

A minha primeira ideia em relação ao trabalho de mestrado era direcionada aos grupos de socialização de terceira idade no Uruguai, que são muitos, e cumprem uma função importante de integração nessa etapa da vida, em que o convívio e a integração se fazem essenciais para o bem-estar e a qualidade de vida. No Uruguai, como já vimos, a porcentagem de pessoas idosas é grande. Isso gera uma necessidade de abraçar os temas relacionados a elas para poder conhecer e tratar cada vez melhor esta realidade. Pessoas conhecidas minhas integram estes grupos e têm neles uma motivação para a vida e para querer estar cada vez melhor. No entanto, no momento de tomar a decisão pelo tema que ia ser definitivo para a dissertação, me vi impulsionada a escolher dentre os velhos, os velhos lutadores sociais. Vindo dessa realidade, e tendo pessoas próximas que pertencem a esse grupo, se fez patente a necessidade de que este trabalho se direcionasse nesse sentido. Foi então quando começaram a se apresentar as dificuldades, pois tendo o objetivo, era preciso traçar o caminho. Neste sentido a colaboração do professor orientador foi decisiva para mim. Ele conseguiu trazer a ideia do ponto de vista da resiliência. Como já comentei antes, fazia um tempo que tinha me interessado no tema da resiliência, sobretudo voltado para a educação. Tendo nela uma ferramenta que, como trabalhadora da saúde, permitisse fomentar a promoção da saúde antes do surgimento da doença, desenvolvendo fatores positivos presentes nas pessoas. Ao incluir esta visão no meu trabalho, abriram-se novas possibilidades para estudar de uma forma diferente, não já desde o negativo, senão a partir de um conhecimento anti-hegemônico, totalmente distinto daquele em que se enquadra as pessoas que têm sofrido experiências tão fortes de adversidade.

Cada vez que tive de tomar uma decisão difícil no processo das entrevistas precisei me apoiar em meus próprios fatores de resiliência para conseguir. As memórias destas pessoas falam para todos de uma realidade vivida por uma sociedade que machucou e ainda tem dores, de uma história recente que, embora se encontre em processo de cura, este tem sido muito árduo, trabalhoso e prolongado. Uma sociedade que ainda está à procura da verdade e da justiça, nos mostra a dificuldade que tem sido falar desses acontecimentos por aqueles que os viveram, e o compromisso assumido que significa falar. Compromisso com os filhos e com os netos, com os que receberam os frutos dessa história recente. Deste compromisso faço parte também, convertendo este trabalho numa ponte para as narrativas de histórias de vidas e das forças que ajudaram a passar pelas mais difíceis adversidades que podem-se descrever para um ser humano.

O processo de escolha das pessoas entrevistadas me levou a conhecer a Nibia, Stella, Chela, Ivonne e Baldemar, militantes sociais que até agora estão de algum jeito trabalhando nesse objetivo, de tratar de ajudar aos outros. Agora desde a associação de ex-presos políticos, as organizações de Direitos Humanos e até em organizações de bairro, eles continuam com essa atividade que os movimentou desde o início. Talvez seja por isso mesmo que têm encontrado os instrumentos para elaborar o acontecido nas suas vidas e passá-lo aos outros. Esse processo levou anos, mas conseguiram, fato muito relevante para esclarecer a história e para poder chegar à justiça. Em relação a este trabalho, isto representou um fator decisivo na coleta das percepções através das entrevistas. Entrevistas organizadas a partir do meu interesse transmitido a muitas pessoas conhecidas, entre os quais, Gaston Gresoni, diretor de Crysol (Associação de Ex-presos Políticos do Uruguai), quem fez a ponte com pessoas interessadas em participar desta pesquisa. As entrevistas realizadas, algumas no local onde funciona a organização dos ex-presos e outras nas casas deles, foram agendadas com antecedência e feitas num desses locais, ou escolhido pelo entrevistado.

Sendo a entrevista uma técnica de pesquisa, mas também uma arte, me utilizei de um conjunto de fatores que me ajudaram na tarefa de entrevistadora. Um deles foi poder entender alguns códigos da linguagem, que, por pertencer ao mesmo país, conhecer a história, e ainda ser filha de ex-presos, me colocava dentro do conjunto de pessoas com viabilidade para realizar essa tarefa de uma forma mais receptiva aos diferentes códigos que se apresentaram. Mas, se por um lado essas minhas características serviram na pesquisa, por um outro, foram causa de

uma profunda revisão da minha tarefa de pesquisadora, pois, para poder conseguir realizar um bom trabalho, tive que manter uma postura aberta e sensível, mas não tão sensível que me desestruturasse frente à dureza do relatado. E sentindo-me, muitas vezes, atingida como pessoa, como uruguaia, como filha de militantes sociais que passaram por situações similares, tive que revisar minhas atitudes para que estas condições não incidissem no resultado da pesquisa. Assim superei vários momentos onde a angústia ganhou terreno da sensibilidade, paralisando-me frente aos relatos, situação que não permitiria cumprir meus desafios.

A visão a partir da resiliência foi um instrumento que me ajudou a superar aquelas travas. A resiliência, conceito moderno que foca os processos a partir de uma visão positiva, onde as pessoas conseguem superar as adversidades saindo delas de uma forma fortalecida, se encaixa amplamente nas histórias destas pessoas, valorizando o positivo, e dando a lente que nos permite estudar e entender essa força do ser humano que lhe dá ferramentas para seguir adiante, apesar das dificuldades mais extremas.

Chamou-me muito a atenção nessas histórias e nessas pessoas, a força que os mobilizou para a militância, que ainda hoje está presente neles. A crença no seu próprio valor, na sua força, e, a vontade para mudar a sociedade, foi um denominador comum em todas as etapas de suas histórias. Entendi que o contexto daquela época, com mudanças significativas a nível mundial incidiu sobre as histórias de vida dos meus entrevistados. Os acontecimentos levavam as pessoas envolvidas a tomarem decisões, às vezes radicais, mas que naquele contexto pareciam naturais para uma grande parte da população.

Em relação às histórias de vida dos entrevistados, tivemos a oportunidade de conhecer bastante a fundo as experiências trazidas a partir das entrevistas. Vimos como dos cinco entrevistados, três deles vêm de uma classe social mais precária, que apresentaram necessidades econômicas muito importantes, as quais marcaram já desde a infância sua trajetória de vida. Foi assim com Nibia, Chela e Baldemar. Eles passaram por situações de carências econômicas que levaram até a falta do que comer em várias oportunidades, como no caso de Chela e de Nibia. Baldemar e Chela trabalharam para ajudar na economia da família desde crianças e tiveram que crescer em condições muitas vezes precárias, sem as necessidades básicas como alimento e saúde contempladas. Apesar destas carências, as lembranças positivas são muito fortes, como a solidariedade, descrita por Chela quando nos conta do “prato de

comida para o andante” que os pais sempre que tinham alimento guardava. Ou também dos momentos de brincadeira junto aos amigos, como no caso de Nibia e Baldemar.

No caso tanto da Ivonne como da Stella, a situação econômica não foi uma condição negativa nas suas infâncias, tendo disponibilidade de bens, mas sem pertencer à classe alta, não faltaram as condições econômicas necessárias para uma infância sem dificuldades, que lembram como muito feliz.

É interessante destacar como dos cinco entrevistados, quatro são originários do interior do país, e, por circunstâncias de estudo e trabalho, todos terminaram morando em Montevideu. Fenômeno este que caracteriza o Uruguai, com uma migração do meio rural para as cidades, capitais de estado, sobretudo Montevideu. Gerando uma população nas periferias das urbes que, muitas vezes, à procura de emprego e de oportunidades difíceis de alcançar no campo, ficam fazendo parte de uma população aglomerada que não consegue ter acesso a necessidades básicas. Nas histórias de Nibia e Baldemar, as famílias procuraram a cidade de Montevideu, buscando melhores empregos para aumentar sua qualidade de vida.

No caso da Ivonne, que morava na cidade de Mercedes, no interior do país, ela mudou-se para Montevideu com a finalidade de cursar a faculdade, outro dos motivos que impulsionava e impulsiona muitas pessoas do interior do Uruguai para a capital. Esse centralismo dos serviços vem, recentemente, mudando aos poucos. Apesar disso até hoje Montevideu se caracteriza por ter os melhores serviços de educação e de saúde. Motivo para que as pessoas que os procuram se mudem para a capital do país.

Podemos observar como a militância social e política foi um fato que se apresentou bem cedo na vida dos entrevistados. A motivação de mudar a realidade, e a crença que podiam fazê-lo foi uma característica comum a todos. Como já vimos antes, as situações de pobreza que alguns viveram, e a convicção da injustiça na sociedade deram uma forte base que os impulsionou para a militância social. Podemos ver também, que sem ser no caso da Chela, que já estava inserida num coletivo de luta desde muito nova, os outros fizeram um processo, que, desde as instituições de educação, ou desde as instituições de bairros se inseriram em organizações sociais e políticas desde a tenra juventude.

Em alguns casos essa militância gerou conflitos nas famílias, como no caso de Stella, que, sendo o pai do Partido Colorado, tradicional do Uruguai, discordava das ideias das filhas

que militavam em grupos de esquerda. Mas, e apesar destas discrepâncias ideológicas, as famílias dos entrevistados mostraram-se sempre acolhedoras e presentes, no decorrer de suas histórias de vida, desde a infância, e depois, no processo de perseguição e cárcere, além do momento da saída e o do retorno à vida social.

Podemos destacar a semelhança nas situações pessoais, sendo que todos estavam casados ou se casaram nesses anos. Pensando que eles tinham em torno dos 20 anos nessa época, vemos esta característica como muito interessante. Podemos destacar que quatro dos cinco entrevistados continuam ainda com o mesmo companheiro, depois dos 40 anos já transcorridos.

Outro ponto interessante a destacar é que todos eles, exceto Chela, estavam estudando no secundário ou na universidade nessa época. Projetavam-se ao futuro com uma formação, na qual estavam investindo no momento da clandestinidade e do cárcere. A maioria destacou o gosto pelo estudo e pela leitura, que na prisão foi uma das atividades admitidas (mesmo que baixo de censura bastante restritiva), que lhes permitiu vencer as grades psicológicas a que estavam acorrentados. Chela nos contou como nesse sentido o cárcere foi importante para ela, pois tendo cursado somente até 4º grau de primário, foi com as companheiras professoras que ela conseguiu alfabetizar-se realmente.

A maioria nos relatou que, apesar da complicada situação que vivia o país naquele começo dos anos 70, se sentiam felizes, como conta Stella: trabalhava, tinha sua casa, estudava e militava. Aos sábados, saía para dançar.

Mas, complicando-se cada vez mais a conjuntura do país, começaram a cair presos, ou a ter que fugir exilados, separando-se dos companheiros e amigos. Foi assim que a maioria deles ficou na clandestinidade, situação muito dura de ser sobrelevada, pois sempre havia o perigo de serem descobertos e presos, como no fim aconteceu. Essa situação não lhes impediu de continuar com a militância, apesar dos perigos que isso implicava. Devemos saber que nesse cenário de clandestinidade, a pessoa “some” para as autoridades. Tendo que mudar de moradia, assumir outra personalidade, sem conseguir ver mais a família e os amigos, nem transitar pelos lugares cotidianos. Esta condição gerava um perigo para todas as pessoas envolvidas, começando por eles mesmos, pelas famílias, e por quaisquer outras pessoas que se viram envolvidas. A clandestinidade foi sofrida por Chela, Nibia, Baldemar e Ivonne.

A experiência de cárcere foi definitiva na vida deles. A tortura, tanto física como psicológica, ainda trazem sequelas, como eles mesmos relataram. No caso das mulheres vemos como esta tortura tomou um viés de gênero muito pronunciado. É assim que nos relatos elas contam como, além de todas as torturas físicas sofridas, ao igual que os homens, da despersonalização, chamando elas por um número, de tirar suas roupas, encapuzá-las, sendo chamadas de prostitutas, de mulheres ruins por estarem na militância, de que não queriam ter filhos, nem marido, nem casa. Tratadas de sujas, não dando implementos para elas se higienizar, nem quando ficavam menstruadas, tirando sua intimidade até para ir ao banheiro. Bolinando elas, estuprando-as, dando choques na vagina e nos ovários, para que elas não pudessem mais ter filhos. Foram muitos os vexames a que todos foram submetidos e como vemos nos relatos as mulheres foram especialmente seviciadas.

As situações extremas de cárcere e tortura obrigaram a essas pessoas a procurar ferramentas para conseguir se sobrepôr a elas. O processo de resiliência se fez presente continuamente, embora relataram momentos tão difíceis que a vontade foi de morrer. Apesar disso, conseguiram através de diversos jeitos superar esses momentos, procurando no seu interior, nas suas histórias de vida, nas famílias, mas também no coletivo, as forças que lhes permitiram seguir adiante. O coletivo foi representado pelos companheiros de militância, mas também por outros companheiros que eles não conheciam, mas que estavam na mesma situação. Estes companheiros foram os que de distintas maneiras criaram um grupo de apoio e solidariedade, eram o ombro amigo nos momentos que todo parecia no limite. No caso tanto das mulheres como dos homens, se criou uma estratégia de resistência, na qual eles estavam juntos, apesar das possíveis diferenças ideológicas que pudessem ter. Estavam juntos de um lado da grade e os militares do outro, essa unidade representou a trincheira, o ouvido amigo e a contenção nos piores momentos. No cárcere, quando se podia, se conversava, se lia, se discutia. As mulheres faziam peças de teatro e cantavam dando forças umas às outras. O espírito de generosidade e de solidariedade desenvolveu-se atrás das grades.

A saída do cárcere também foi uma experiência difícil, parecendo um renascer para a vida em liberdade. Tiveram que se acostumar a já não estar mais presos, à vida em sociedade, às mudanças que tinham acontecido no país, e esse processo também representou uma dificuldade. Voltar a uma vida cotidiana normal, de trabalho, de relações familiares e sociais foi

mais um desafio para eles. Mas como até agora, os fatores que estiveram presentes no decorrer de suas vidas agiram no processo que permitiu superar essa dificuldade.

Em relação aos fatores protetores que intervieram no processo de superação destas adversidades, ou seja, no desenvolvimento da resiliência, nossos entrevistados coincidiram, em suas diferentes narrativas que eles foram: a ideologia, a família e o coletivo (companheiros e amigos). Também colocaram o “instinto de sobrevivência” nos piores momentos da tortura e cárcere.

Um dos objetivos deste trabalho era estudar os mecanismos de resiliência que foram ativados pelos entrevistados frente às adversidades presentes na sua trajetória de vida, e ainda os fatores protetores que foram acionados para esse desenvolvimento. Vimos como, tendo inúmeras experiências de adversidades, os processos de resiliência foram parte de quase toda a trajetória de vida destas pessoas.

A partir das entrevistas realizadas e da teoria estudada posso considerar que a resiliência se manifestou nos entrevistados através de processos em que participaram três importantes características: - O reconhecimento das suas próprias fortalezas, como a autoestima e autoconfiança, o poder de ajudar os outros, o participar de uma ideologia.

Os entrevistados, nas suas narrativas e nas memórias das situações mais adversas, apresentaram relatos subjetivos de autoconfiança e autoestima, relacionadas à concepção da força em si mesmo e nos seus ideais. Partindo do motivo da militância política quando relatam “...assim não ia me permitir viver...”, “...eu achava que tinha que mudar a realidade e estava fazendo para isso...” , “...a sociedade injusta poderia ser mudada...”, é bom saber que se pode ajudar aos outros...”. Ou no caso do cárcere e a tortura, “...minhas ideias não as iam tirar por mais que me torturassem...” , “...eu estava convencida do que estava fazendo...”

Por um outro lado, as relações familiares cumpriram um fator essencial para o desenvolvimento da resiliência, assim como aportam: “...foram muitos os fatores que me ajudaram, mas saber que tinha uma família, um filho me esperando fora, foi essencial para mim..”, “...na última instância foi a família, meu pai, minha mãe, eu sabia que se eu morresse, minha mãe morreria também, tinha que viver...” Esta reflexão nos mostra a importância da afetividade como base para a resiliência. Saber-se querido, acompanhado, contido por pessoas afetivamente próximas foi considerado por eles mesmos um fator essencial.

A importância do coletivo foi e segue sendo, outro fator que todos eles nomearam nas suas entrevistas como indispensável. Sentir-se parte de um grupo de pessoas que tiveram visões parecidas da realidade, vivências e propósitos em comum é até hoje um mobilizador para a resiliência. Todos foram e são parte de organizações ou instituições, com participação de forma ativa, incitando a solidariedade, a empatia, a criatividade, e o protagonismo. É significativo observar como estas pessoas procuraram esses âmbitos desde muito novas, sempre pertencendo a organizações, e até tendo participado na construção delas, conseguiram dessa forma um espaço onde eles mesmos e outros se comunicam, trocam ideias e lutam por objetivos comuns, a eles e a uma parte da sociedade que eles representam. Podemos ver dessa forma como a participação é um elemento que aporta validação ao processo de resiliência, conquistando o poder de ser e fazer destas pessoas.

Sendo os anteriores fatores muito fortes na resiliência, teve a presença de outros que também foram ferramentas para enfrentar as adversidades, assim por exemplo podemos referir à educação continuada, que através da leitura, do intercâmbio de ideias, foi um fator que esteve presente no decorrer de todas as etapas da vida. Vemos que tanto no caso da Ivonne como na Stella, elas continuaram a formação interrompida de um jeito formal. Mas embora os outros não tenham conseguido terminar sua formação, declararam gostar da leitura e a importância na vida que teve a educação, como Chela. É assim como se observa o interesse pela procura do conhecimento, embora de forma informal, como no caso de Baldemar “...agora que me aposentei vou ter mais tempo para ler...”.

A arte foi outro modo simbólico de expressão de liberdade que se viveu sobretudo no cárcere. Os presos desenvolveram diferentes formas de expressar-se, entre elas, o desenho, a escrita, criação de esculturas e de artesanato. Isso significou portas de escape à repressão e à solidão, além de uma forma de se comunicar. Também, como nos contam as mulheres entrevistadas, no cárcere de mulheres, e apesar de estar proibido, se faziam peças de teatro, e se cantava muito em coro. Formas de transmitir-se o apoio nos piores momentos de isolamento. Como com Nibia “...quando senti as companheiras cantando a coro... me senti muito feliz...”

Tanto o conhecimento, através da educação e da leitura, como a arte em todas suas expressões foram jeitos utilizados que permitiram o desenvolvimento pessoal e social dessas pessoas, além de dar uma compreensão melhor da realidade, servindo também de instrumento

para a resiliência. O humor apareceu importante, como nos conta Ivonne, pessoa que se descreve como brincalhona, e que fez dessa característica uma ferramenta a mais para os momentos difíceis. A capacidade de rir de si mesmo é uma forma lúdica de mudar a ótica em momentos críticos, tirando das situações muita carga negativa.

Temos observado através deste trabalho que a resiliência sendo um processo, é dinâmico e se conforma de múltiplas expressões. Processo onde interagem características pessoais mas também do entorno familiar e social. Essas características resilientes podem passar por momentos pelos quais estão mais ou menos fortalecidas. A importância da construção coletiva é primordial no processo de resiliência, permitindo a criação de alternativas às adversidades vividas. A afetividade também é fator de criação da resiliência, criando a base para todos os outros fatores se desenvolverem. A educação, como a procura pelo conhecimento, a arte, expressão das ideias e das emoções, assim como a participação social ativa também são fatores que ajudam a construção do processo de resiliência.

Refletindo sobre as possíveis intervenções que ajudariam a desenvolver a resiliência nas pessoas, achamos que a divulgação de histórias de vida de indivíduos resilientes é um bom começo para se informar sobre a importância de fatores como a afetividade, a autoestima, a força do coletivo e a participação tem para a vida de qualquer ser humano. A educação e a participação social também são possíveis instrumentos para aumentar a resiliência, então, seria importante um estímulo neste sentido, através de políticas sociais que viessem trabalhar com esses objetivos.

A educação não só se apresenta como um fator protetor para a resiliência, senão como um instrumento para cultivar os outros fatores protetores. Pensando que a pessoa que conheça estes conceitos terá mais meios de poder construir essas possibilidades. Sabendo a importância da autoestima, de uma afetividade familiar, da inclusão social, da participação e do fortalecimento do coletivo, as pessoas terão mais chances nesse sentido.

Com este trabalho abriram-se novas oportunidades de pesquisar e construir conhecimento discutindo resiliência. Esperamos ter aportado alternativas para que pessoas que passam por situações de violência consigam fortalecer suas capacidades e desenvolver-se de uma forma positiva.

Hombre preso que mira a su hijo

*(...) Uno no siempre hace lo que quiere
pero tiene el derecho de no hacer
lo que no quiere.*

*Llora nomás botija
son macanas
que los hombres no lloran
aquí lloramos todos.*

*Gritamos, berreamos, moqueamos, chillamos, maldecimos
porque es mejor llorar que traicionar
porque es mejor llorar que traicionarse.*

*Llorá
pero no olvides.*

Mario Benedetti

REFERÊNCIAS

ABELLA Gonzalo. **Historia Diferente Del Uruguay. Ensayo.** Ediciones BETTUMSAN, 4ta edición. Montevideo, 2007.

ALETTA de SYLVAS Graziela. 2008. Memorias para Armar. Revista a Contracorriente. Vol. 8, No. 3, p.140-162,, Spring 2011. Disponível em <http://www.ncsu.edu/acontracorriente/spring_11/articles/Aletta_de_Sylvas.pdf> Acesso em: 03-05-2014.

ALZUGARAT Alfredo. **El Discurso Testimonial Uruguayo Del Siglo XX.** Ediciones de la Biblioteca, Biblioteca Nacional. Montevideo, 2009.

ANAUT Marie. **La Résilience.** Surmonter les traumatismes. Editora NATHAN I.F.C Saint German du Puy, 2003.

APA. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. **DSM-III.** 3.ed. Washington: American Psychiatric Association, 1980

APA. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. **DSM-III-R.** 3.ed. Washington: American Psychiatric Association, 1987.

ASSIS Simone Gonçalves, PESCE Renata Pires, AVANCI Joviana Quintes. **Resiliência. Enfatizando a Proteção dos Adolescentes.** Editora Artemd. Porto Alegre, 2006.

BADILLA Helena, Para comprender el concepto de Resiliencia. Disponível em <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/docente/pd-000179.pdf>> Acesso em: 03-03-2014.

BARRÁN José Pedro. El Uruguay Indígena y Español. **Red Académica Uruguay.** Universidad de la República. Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/historia/Uy.hist1.htm>>, Acesso em: 20-02-2014.

BARRÁN José Pedro. El Uruguay Pastoril y Caudillesco en la Primera mitad del siglo XIX. **Red Académica Uruguay.** Universidad de la República. Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/historia/Uy.hist2.htm>>, Acesso em: 20-02-2014.

BARRÁN José Pedro. El Nacimiento del Uruguay Moderno en la Segunda Mitad del Siglo XIX. **Red Académica Uruguay.** Universidad de la República. Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/historia/Uy.hist1.htm>>, Acesso em: 20-02-2014.

FELDE, Alberto Zum. **El Proceso Histórico del Uruguay**. Montevideo: Arca, 1967. Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/gaucho.htm>>, Acesso em: 20-02-2014.

BRALICH Jorge. Breve Historia De La Educación Uruguaya. **Red Académica Uruguaya**. Universidad de la República. [s.d.] Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/histoweb.htm>>, Acesso em: 20-02-2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; KOLLER, Silvia Helena; NOVO, Rosa Ferreira. Resiliência no Envelhecimento: risco e proteção. In: FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (orgs.). **Maturidade e Velhice**: pesquisas e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula. **Fatores de Risco e de Promoção de Resiliência no Envelhecimento**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UFRGS, Porto Alegre, 2007.

CYRULINK Boris. **La Résilience**: Un espoir inattendu. In: Souffrir et se Construire. P.Poilpot, org. p. 13-24. Remonville Editions Èrès, 1999.

CYRULNIK Boris. **La Maravilla Del Dolor. El Sentido de la Resiliencia**. Editorial Granica. Barcelona, 2001.

DENZIN, K Norman & LINCOLN, S. Yvonna. **Handbook of Qualitative Research**. Chicago: University of Chicago Press. 2002.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em :<<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx>>, Acesso em: 30-04-2013.

FLICK Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, Bookman, 2004.

GARMEZY Norman . **Reflections and commentary on risk, resilience, and development**, Cambridge, England: Cambridge University Press, 1994.

GOLDIM José Roberto. **Manual de Iniciação a Pesquisa em Saúde**. Porto Alegre; Dacasa Editora, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS - INE. **Censos 2011**. Disponível em: <<http://www.ine.gub.uy/censos2011/index.html>>. Acesso em 15/04/2013.

KOTLIARENKO, María Angélica; CÁCERES, Irma; FONTECILLA, Marcelo. **Estado de Arte en Resiliencia**. Organización Panamericana de la Salud. Organización Mundial de la Salud. CEANIM Centro de Estudios y Atención del Niño y la Mujer. Julho, 1997. Disponível em <<http://resilnet.uiuc.edu/library.html>>. Acesso em 25-05-2013

LARROBLA, Carla. **La dictadura cívico militar (1973-1985)** Disponível em: <<http://www.1811-2011.edu.uy/B1/content/la-dictadura-c%C3%ADvico-militar-1973-1385?page=6>>. Acesso em :10-03-2013.

LECOMPTE, M.D. & PREISSLE, J. **Ethnography and qualitative design in educational research** (2nd ed) 1987.

MELILLO, Aldo; SUAREZ OJEDA, Elbio Néstor. **Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre. Artmed. 2005.

MINAYO Maria Cecilia de Souza; DESLANDES Suely Ferreira; NETO Otávio Cruz; GOMES Romeo. Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis; Editora Vozes, 1998.

PADRÓS Enrique Serra. **As Origens da Inserção Internacional do Uruguai: do Estado-Tampão ao Pequeno Estado Periférico**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS. Porto Alegre, 1995.

PADRÓS Enrique Serra. **“Como el Uruguay No Hay...” Terror De Estado E Segurança Nacional. Uruguai (1968-1985): Do Pachecato À Ditadura Civil-Militar**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

REVELLO, Cecilia. PORRINI, Rodolfo. SCHOL, Alexis. **Bases de nuestro tiempo: las dictaduras militares en America Latina**. Ayer y hoy. Vol: 16, 1986.

RICO Álvaro (coord.). **Investigación Histórica sobre la Dictadura y el Terrorismo de Estado. 1973-1985**. Ed. Cruz del Sur, UdelAR. CSIC- CEIU, Montevideo. 2009. Disponível em <<http://www.presidencia.gub.uy/comunicacion/informes/investigacion-historica-sobre-detenidos-desaparecidos>>. Acesso em: 10-03-2013

RUTTER, Michael. **Resilience in the Face of Adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder**. In: British Journal of Psychiatry. 1985, 147, 598, 611.

RUTTER, Michael. **Resilience Reconsidered: conceptual considerations, empirical findings and policy implications**. In: SCHONKOFF, Jack P; MEISELS, Samuel J (orgs.). **Handbook of Early Childhood Intervention**. Cambridge University, 2000.

SOUSA Carolina. **Educação para a Resiliência**. Universidade do Algarve. Tavira: Município de Tavira, 2006.

VANISTENDAEL Stefan. **Como crecer superando los percances**: resiliencia, capitalizar las fuerzas del individuo. International Catholic Chil Bureau. Ginebra Suíça, 2004.

VÍCTORA Ceres Gomez; KNAUTH Daniela Ríva; HASSEN María de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre; TomoEditorial, 2000.

WERNER E. E.; SMITH, R. S. **Vulnerable but invincible**: a longitudinal study of resilient children and youth. New York: McGraw-Hill, 1982.

----- . ----- . New York: Adams-Banaster-Cox, 1989.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, José (org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Entrevista Reflexiva & Grounded Theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. **Revista Interamericana de Psicología**. v. 39, n. 3, 2005. Disponível em <<http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP03950.pdf>>. Acesso em 03-05-2013.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/ PPGEDU

O senhor está sendo convidado (a) como voluntário, a participar da pesquisa do Mestrado em Educação, realizada pela pesquisadora Julia Gallego, que tem como objetivo: Compreender as histórias de vida dos lutadores sociais da época da ditadura e saber os fatores de resiliência que influenciaram nela entendendo resiliência como a capacidade de superar, de recuperar-se de adversidades.

As entrevistas serão gravadas digitalmente e integralmente transcritas, traduzidas ao português pela pesquisadora. Analisadas e comentadas, sendo utilizadas na dissertação do mestrado e em artigos científicos.

A pesquisadora Julia Gallego certificara que todos os dados serão confidenciais. A identidade do entrevistado será preservada.

Eu _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sou sente que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar minha decisão de participar da pesquisa, se desejar.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, e me foi dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Nome Assinatura do participante data

Nome Assinatura do pesquisador data

Referente a dúvidas ou questões, pode-se entrar em contato com a Instituição de realização da pesquisa:

Faculdade de Educação da UFRGS: 0055 (51) 3308.4144

Comité de Ética: CEP/UFRGS: 0055 (51) 3308.3738

ANEXO 2 - TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

UNIVERSIDAD FEDERAL DE RIO GRANDE DEL SUR
FACULTAD DE EDUCACIÓN - PROGRAMA DE POS-GRADUACIÓN / PPGEDU

Usted está siendo invitado como voluntario, a participar de la investigación del Maestrado en Educación, realizada por Julia Gallego, que tiene como objetivo: Comprender las historias de vida de los luchadores sociales de la época de la dictadura y entender los factores de resiliencia que influenciaron en ella. Entendiendo resiliencia como la capacidad de superar y de recuperarse de adversidades.

Las entrevistas serán gravadas digitalmente, transcritas y traducidas al portugués por la investigadora. Analizadas y comentadas, siendo utilizadas en la disertación para el maestrado, en artículos y producción científica.

La investigadora Julia Gallego certificará que todos los datos serán confidenciales y la identidad del entrevistado será preservada.

Yo _____ fui informado/a de los objetivos de la investigación de manera clara y detallada, esclarecí mis dudas y se que en cualquier momento puedo solicitar nuevas informaciones y cambiar la decisión de participar en la investigación.

Declaro que concuerdo en participar de este estudio, recibiendo una copia de este término de consentimiento libre y esclarecido.

Nombre Firma del participante Fecha

Nombre Firma de la investigadora. Fecha

Referente a dudas se puede entrar en contacto con la Institución a cargo de la investigación:

Facultad de Educación UFRGS: 0055 (51) 3308.4144

Comite de Ética: CEP/UFRGS 0055 (51) 3308.3738